

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

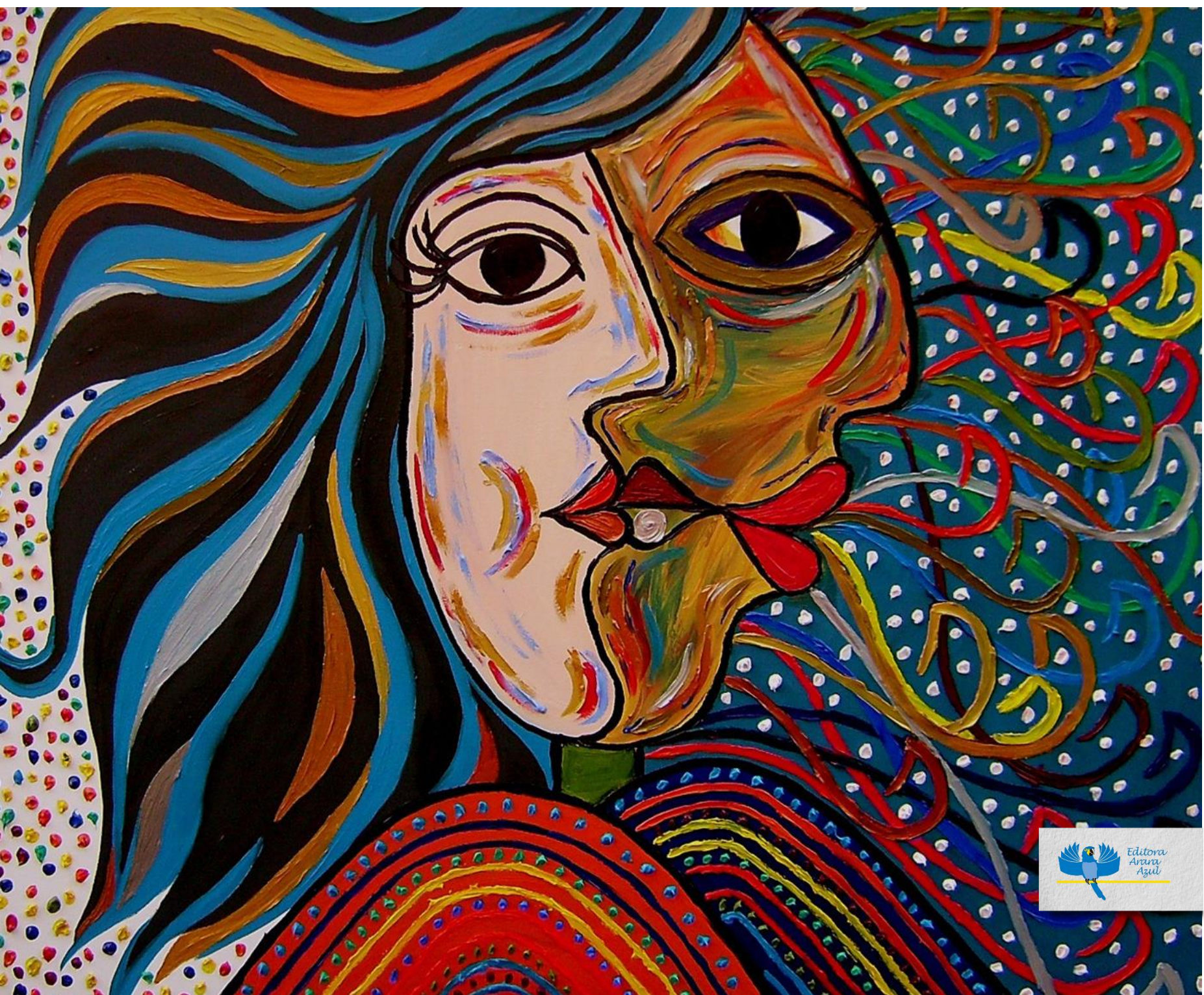
Marianne Rossi Stumpf
Ramon Santos de Almeida Linhares
Organização

Volume 4

Ensino de Libras como L1 no

Ensino

Médio



MARIANNE ROSSI STUMPF
RAMON SANTOS DE ALMEIDA LINHARES
(ORGANIZAÇÃO)



Referenciais para o ensino de
Língua Brasileira de Sinais como
primeira língua na Educação
Bílingue de Surdos:
da Educação Infantil ao Ensino Superior



Volume 4
Ensinar Libras como L1
no Ensino Médio

REALIZAÇÃO



APOIO



PRODUÇÃO



Copyright © Marianne Rossi Stumpf; Ramon Santos de Almeida Linhares, 2021
ISBN 978-85-8412-036-9

Coleção: *Ensinar e aprender em Libras*

Obra: *Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*

Vol. 1 – Fundamentos históricos e conceituais para curricularização da Libras como primeira língua

Vol. 2 – Ensino de Libras como L1 na Educação Infantil

Vol. 3 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Fundamental

Vol. 4 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Médio

Vol. 5 – Ensino de Libras como L1 no Ensino Superior

1ª edição 2021

Os direitos desta obra são reservados à editora Arara Azul.

Os textos destas coleções são de responsabilidade exclusiva dos autores. É permitida sua reprodução, total ou parcial, desde que seja citada a fonte. A reprodução não declarada dos conteúdos desta publicação constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/1998).

Esta obra foi contemplada pelo Edital 09/PPGL/2021 sob o sistema da PROEX/UFSC, N° do Processo: 23038.008664/2021-28.

Material distribuído gratuitamente e não deve ser comercializado.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.).

Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior, Vol. 1 [livro eletrônico] / texto final coletivo: vários autores et. al.]. 1ª edição. Petrópolis, RJ : Editora Arara Azul, 2021.

302 p.: il. ; 23 x 30 cm – (Vol. 4 / Coleção: *Ensinar e aprender em Libras*)

ISBN: 978-85-8412-037-6

1. Educação Bilíngue de Surdos. 2. Currículo. 3. Libras. I. Título.

CDD 370 (117)

EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

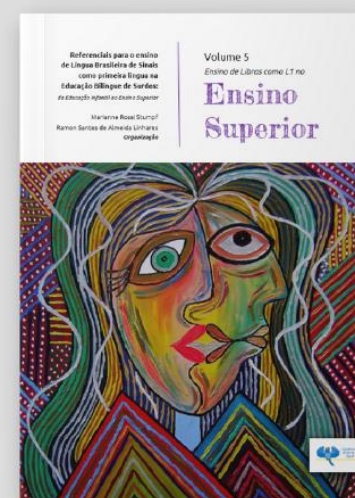
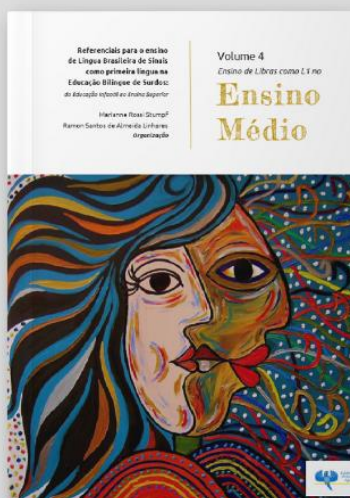
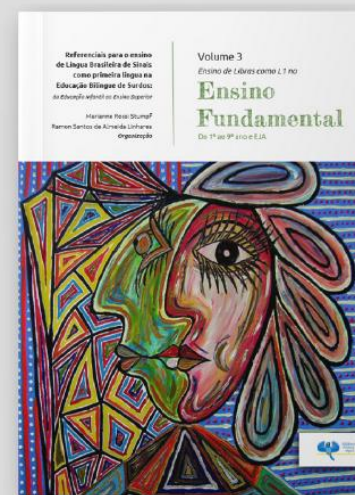
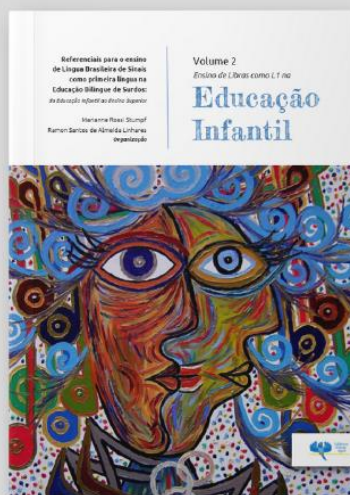
Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br































Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior

Obra coletiva, composta por cinco volumes, produzida por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues como resposta às novas demandas da **Educação Bilíngue de Surdos** como modalidade especializada de educação no Brasil.



**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos:
da Educação Infantil ao Ensino Superior**

PESQUISADORES-AUTORES DESTA OBRA

Aline Lemos Pizzio			Marcos Luchi
Bruno Gonçalves Carneiro			Maria Mertzani
Carilissa Dall'Alba			Marianne Rossi Stumpf
Carina Rebello Cruz			Marilyn Mafra Klamt
Charley Pereira Soares			Marisa Dias Lima
Cristiane Lima Terra Fernandes			Rachel Sutton-Spence
Débora Campos Wanderley			Ramon Santos de Almeida Linhares
Elias Paulino da Cunha Junior			Rodrigo Nogueira Machado
Felipe Venâncio Barbosa			Ronice Müller de Quadros
Francielle Cantarelli Martins			Shirley Vilhalva
Guilherme Nichols			Simone Gonçalves de Lima da Silva
Jair Barbosa da Silva			Sônia Marta de Oliveira
Juliana Lohn			Vanessa Regina de Oliveira Martins
Kátia Lucy Pinheiro			

PRODUÇÃO EXECUTIVA DESTA PESQUISA E SUA PUBLICAÇÃO

COORDENAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf

ORGANIZAÇÃO GERAL DA OBRA

Prof.^a Dra. Marianne Rossi Stumpf
Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares

COORDENAÇÃO DE GRUPOS DE TRABALHO

Prof.^a. Dra. Débora Campos Wanderley
Prof.^a. Dra. Francielle Cantarelli Martins
Prof. Dr. Marcos Luchi
Prof.^a. Dra. Ronice Müller de Quadros
Prof.^a. Dra. Sônia Marta de Oliveira

CONSULTORAS TÉCNICO-PEDAGÓGICAS

Prof.^a. Dra. Adriane Melo de
Castro Menezes (UFRR)
Prof.^a. Dra. Ana Regina e
Sousa Campello (INES)
Prof.^a. Dra. Gabriela Rizo (UFRRJ)
Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza
Ferreira Rezende-Curione (INES)

PARECERISTAS DA FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

E INTEGRAÇÃO DE SURDOS (FENEIS)

Prof.^a. Me. Cintia Caldeira da Silva (UnB)
Prof.^a. Dra. Daniela Prometi (UnB)
Prof.^a. Dra. Karin Lilian Strobel (UFSC)
Prof. Esp. Jusélio Mattos do Amaral (UnB)
Prof. Me. Magno Prado
Gama Prates (FENEIS; UNIR)
Prof.^a. Me. Maria Fátima Félix Nascimento (IFB)
Prof.^a. Dra. Patrícia Luiza Ferreira
Rezende-Curione (INES)
Prof.^a. Me. Renata Cristina Fonseca de Rezende (IFB)

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Bruna Crescêncio Neves
Bruno Gonçalves Carneiro
Carina Rebello Cruz
Cristiane Lima Terra Fernandes
Jair Barbosa da Silva
Sandra Patrícia Nascimento
Sônia Marta Oliveira

PREPARAÇÃO E REVISÃO FINAL DE LÍNGUA PORTUGUESA

Fernanda Silveira

ILUSTRAÇÕES

Helenne Schroeder Sanderson
Maurício Barreto Silva

ARTISTAS SURDOS HOMENAGEADOS

Bruno Vittal
Candy Uranga
Coletivo Corpossinalizante
Fábio Gonçalves
Fábio Sellani
Gabriel Isaac
Klima Coutinho
Lucas Ramon “Tikinho”
Marcos Anthony
Ralph Odrus

ESTRUTURAÇÃO GERAL DO TEXTO, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Ramon Santos de Almeida Linhares

ARTES DAS CAPAS

Obras do artista surdo
Marcos Anthony – Belo Horizonte, MG



Um espaço dedicado à cultura e à diversidade



Ler em Libras

GERENTE EDITORIAL E DE PROJETOS

Clélia Regina Ramos

ASSISTENTE EDITORIAL

Karine de Fátima Ribeiro da Cruz

Missão:

A Arara Azul, com suas três empresas, Editora Arara Azul, Arara Azul Educacional e Centro Virtual de Cultura Surda e Diversidade, tem por **MISSÃO** o desenvolvimento de ações destinadas à valorização das línguas gestuais, orais e/ou escritas, à promoção das culturas surda e ouvinte e à aceitação das diversidades humanas.

Objetivos:

- Produzir materiais e ofertar serviços tendo como público-alvo pessoas surdas e profissionais que atuam na área da surdez.
- Registrar fatos e acontecimentos relativos às comunidades surdas brasileira e internacional.
- Incentivar estudos e pesquisas produzidos por surdos e para os surdos.
- Divulgar ideias e abrigar diferentes correntes de opinião sobre assuntos do interesse das pessoas com surdez.
- Fortalecer discussões entre aqueles que, como nós, lutam por uma sociedade mais humana e mais justa para todos, independentemente de se tratar de pessoas surdas ou pessoas ouvintes.

A **Editora Arara Azul Ltda** pretende ser o local onde todos aqueles que desejam ampliar conhecimentos sobre variados temas relativos ao universo das pessoas surdas e/ou pertinentes aos profissionais que atuam na área da surdez tenham a oportunidade de buscar, analisar e socializar informações e conhecimentos.



Palavras da Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos



Ler em Libras

A Federação Nacional De Educação e Integração dos Surdos (Feneis), inscrita no CNPJ 29.262.052/0001-18, tendo suas atividades reconhecidas como de Utilidade Pública na esfera Federal, Estadual e Municipal, sendo filiada à Federação Mundial dos Surdos (WFD), atua enquanto entidade filantrópica, sem fins lucrativos, com escopo sociocultural, assistencial e educacional, tendo por objetivo a defesa e a luta pelos direitos da Comunidade Surda Brasileira. Após leitura e análise de comitê técnico, e em conjunto com a Diretoria da Feneis, vem se manifestar nos termos abaixo declinados:

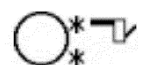
Ao cumprimentá-los cordialmente, a Feneis vem por meio desta declaração reconhecer o grupo de trabalho composto por surdos e ouvintes bilíngues para o desenvolvimento desta pesquisa que culmina nesta obra singular. Uma base teórica, histórica e curricular que fundamenta a criação da disciplina de Libras como primeira língua para estudantes surdos brasileiros. Valiosa proposta que será disposta tanto para criação da disciplina de Libras, assim como para que os professores de Libras criem suas ementas, planos de curso, planos de aulas e projetos, seja nas Escolas Bilíngues de Surdos, ou para os diversos outros espaços educacionais.

Apoiamos o intenso trabalho desenvolvido por toda equipe desta obra, com destaque aos 26 pesquisadores professores surdos e ouvintes bilíngues, reforçando o modelo de articulação entre agentes da comunidade surda e a Feneis. Esta parceria, que há muitos anos se repete como um processo fundamental, visa garantir o diálogo entre a riqueza da experiência acumulada em pesquisa e docência para com o trabalho a luta pelos direitos humanos, com foco nos direitos linguísticos e educacionais; bases fundamentais das pautas de nossa instituição. Como parte desses projetos, vemos a construção e publicação desta pesquisa como uma forte ferramenta de aprimoramento da qualidade de ensino escolar ofertado aos estudantes Surdos, Surdocegos, com deficiência auditiva sinalizantes, com altas habilidades/superdotação, com múltiplas deficiências, entre outros perfis.

Diante do exposto, ratificamos que a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, cortesmente, vem *atribuir grande reconhecimento* ao trabalho intitulado: dos “*Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior*” conforme consta de acordo com os demais na diretoria da FENEIS.

Prof.^a Dra. Flaviane Reis

Diretora de Política Educacional e Linguística da Feneis
Uberlândia, 03 de maio de 2021. Base no ofício PRE nº: 23/2021





A Comunidade Surda brasileira se levantou e disse: *“Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”*. Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Desejamos que esta obra transforme as práticas de ensino no chão da escola onde caminham os surdos. E que, pela ética e pelo respeito a esses estudantes, surdos e ouvintes assumam uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos.

Equipe desta obra



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL:

aos professores de Libras11

PRIMEIROS PASSOS:

olhar atento ao ensino de Libras no Ensino Médio Bilingue de Surdos..... 24

O DEBATE 26

1. Por que estudar Libras como L1 no Ensino Médio? 30

Contextualização inicial do sujeito surdo
e da Educação Bilingue de Surdos no Ensino Médio..... 31

2. Relevância da Libras na juventude e seu respectivo período da vida escolar 35

3. Objetivos de ensinar Libras no Ensino Médio 38

4. Competências e habilidades em Libras no Ensino Médio 40

Competência Específica 1..... 41

Competência Específica 2 42

Competência Específica 3 43

Competência Específica 4 44

Competência Específica 5 45

Competência Específica 6 46

Competência Específica 7 47

5. Pensar as práticas de ensino por campos de atividade 49

Os cinco campos de atuação no Ensino Médio e na EJA 50

Campo da vida social das pessoas surdas..... 51

Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública..... 51

<i>Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na Comunidade Surda</i>	52
<i>Campo jornalístico-midiático e os impactos na Comunidade Surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva</i>	52
<i>Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas Comunidades Surdas</i>	52
6. Sugestões de temas, atividades e abordagens	54
Campo de atuação 1 – Campo da vida social das pessoas surdas.....	54
Campo de atuação 2 – Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública.....	59
Campo de atuação 3 – Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na comunidade surda	64
Campo de atuação 4 – Campo jornalístico-midiático e os impactos na comunidade surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva	68
Campo de atuação 5 – Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas comunidades surdas	78
7. Diálogos interdisciplinares com a Libras	84
O currículo e a interdisciplinaridade da Libras no Ensino Médio em diálogo com os eixos transversais do Ensino Fundamental.....	84
8. Elementos e formas de avaliação de Libras	86
9. Indicações para professores em formação e pesquisa	91
Indicações de materiais de apoio	91
Indicações para realização de pesquisas	92
Considerações finais da Parte VII	94
REFERÊNCIAS	97

PALAVRAS FINAIS GERAIS:	98
referenciais para um ensino de Libras em que os Surdos sejam referência	98

INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES 106

Pequeno glossário alusivo desta obra	107
--	-----

Equipe desta obra	117
-------------------------	-----

Artistas Surdos/as homenageados/as nesta Coleção.....	130
---	-----

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

APRESENTAÇÃO

GERAL:

aos professores de Libras



**ARTISTA SURDO HOMENAGEADO
NA CAPA DESTA SEÇÃO**

Marcos Anthony – Belo Horizonte, BH

Aos professores de Libras



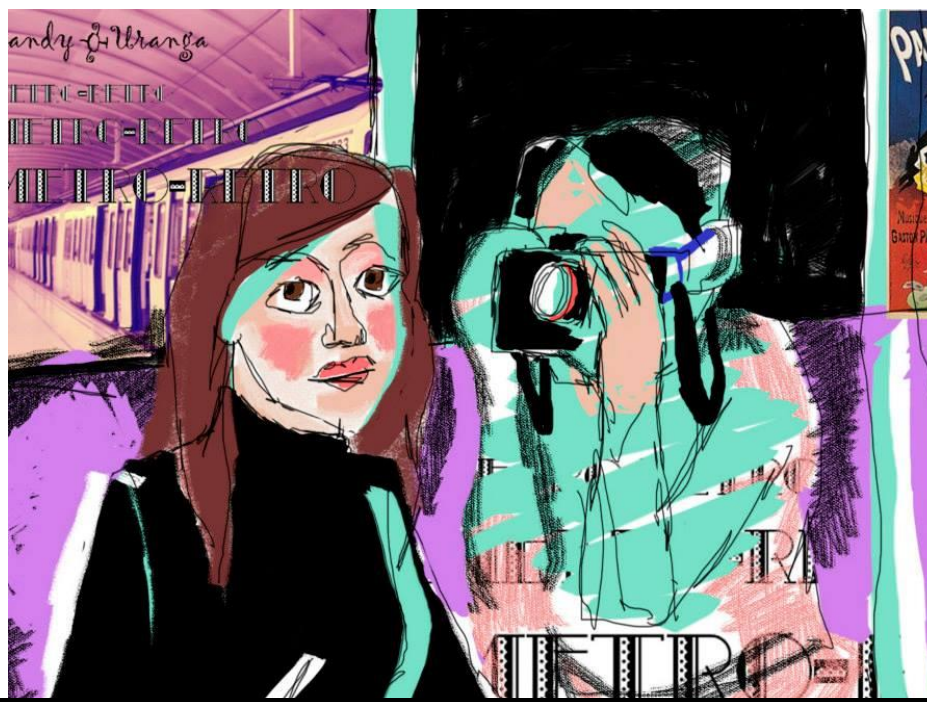
LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxblku5511tiuods_n64GX9DF





**Artista surda
homenageada na
capa desta seção**

Cany Uranga –
Rio de Janeiro/RJ

Todos nós compartilhamos lembranças muito significativas sobre algum professor ou professora com quem nos encontramos ao longo de nossas vidas. É consenso social que esses profissionais estão na base da formação das outras profissões. Em alguns casos, esses professores estavam nas escolas, mas, em tantas outras situações, sempre existiram pessoas na função de educadores/as – por mais que não respondesse formalmente pela profissão docente. A **educabilidade** se dá em uma dinâmica mediada pela percepção e pelas várias linguagens que a atravessam. Por isso, ensinar e aprender é um movimento que acontece em constante fluxo e dinamicidade. Uma relação integral dada para além das paredes das salas de aula, ou das fronteiras impostas entre corpo e cognição. Quantos de nós ainda lembramos de aprender a falar o nome das coisas que queríamos para que algum familiar nos atendesse um desejo e logo depois de aprender as letras daquelas palavras na escola, a dividir uma sobremesa em partes iguais para todo mundo e logo a armar e calcular uma “continha”? As fronteiras do que podemos aprender e ensinar por meio desses diferentes **jogos de linguagem** que passamos ao longo da vida, quando orientados às

peças surdas estão, no centro da pesquisa que compartilhamos com vocês nesta publicação.

A maneira de olhar para os estudantes surdos tem mudado nos últimos anos. Essas novas perspectivas – ainda que em disputa com o estabelecido olhar capacitista – tem exigido aos professores que observem atentamente como **o ensinar e o aprender, mediados por línguas e linguagens humanas**, acontecem e podem acontecer nas pistas que nos dão as vivências de pessoas e comunidades surdas. Crianças surdas quando chegam nas escolas, ambientes formais e dirigidos e ensino e aprendizagem, veem com uma bagagem própria e parcialmente diferenciada daquela compartilhada por crianças ouvintes que foram expostas às línguas orais de suas comunidades e famílias. Reforçamos que as crianças surdas não chegam com um problema em si, mas em desvantagem por um problema estrutural imposto a maioria delas: **a privação de línguas e linguagens** acessíveis às potencialidades de seus corpos.

Não apenas a equipe dessa publicação, mas diversos outros agentes têm trabalhado ao longo dos anos para corrigir as desigualdades sociais impostas às pessoas surdas. Uma luta, cada vez mais protagonizada por pessoas surdas, na qual a afirmação da **Língua Brasileira de Sinais** e da **Cultura Surda** tem se apresentado como bandeira e principal marcador social da diferença surda. Um dos marcos mais significativos dessa empreitada é a inclusão da Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB)¹. Esse movimento responsabiliza as instâncias públicas para com a efetivação da educação de surdos orientada ao **bilinguismo Libras/Língua Portuguesa**, ao mesmo que permite que pesquisadores, docentes e diversos outros profissionais que atuam nesse contexto reúnam e debatam a educação de surdos a nível nacional.

A ânsia por políticas para a Libras, ao nosso ver, precisa constantemente se avaliar na observação do lugar das pessoas surdas na criação e implementação dessas ações e normativas. Por isso, ainda que muitos se lembrem das relações entre o que se “ouviu” em casa em o que “ouviu” dos professores, até então maioria das crianças surdas brasileiras falantes de Libras foram privadas da oportunidade de **saber em Libras**. Tanto quanto a visibilidade de estudantes surdos, os/as professores/as de Libras são figuras recentes e ainda estranhas à realidade escolar em nosso país. E, logo que estejam presentes, se pensa rapidamente em como ensinar Libras aos ouvintes desses lugares. Mas o que essa pesquisa se pergunta é: quem serão dos professores de Libras dos estudantes surdos? E, principalmente: o que os/as professores/as de Libras ensinaram ao longo da experiência escolar desses estudantes surdos?

¹ Cf. Lei Nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.

Por isso, é com imensa satisfação que compartilhamos os **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Bilíngue de Surdos**. Um lançamento que culmina não apenas no resultado de uma pesquisa de coletiva de dois anos e meio, mas que marca este momento da Educação Bilíngue de Surdos em nosso país. O texto que aqui segue reúne uma multiplicidade de olhares sobre teorias e experiências e pretende lançar uma base mais consistente para que muitas outras experiências sejam acrescentadas. Não é uma regra pronta, mas as bases para que novas práticas sejam experienciadas no protagonismo de docentes e estudantes surdos que circulam pelo chão das escolas brasileiras.

O caminho aqui não está completamente trilhado e pavimentado. Essa oferta de estruturação do **ensino de Libras como L1 para estudantes surdos da Educação Básica e do Ensino Superior** se apresenta como um apontamento de possíveis direções. Os caminhos serão múltiplos e construídos por muitos de nós que sabemos melhor que ninguém a realidade regional de nossas escolas e do quanto as próprias comunidades surdas locais têm muito a nos dizer e ensinar.

A pesquisa que compartilhamos hoje no formato desta publicação partiu do interesse e diálogo com instâncias representativas de organizações civis das comunidades surdas brasileiras e de aberturas no diálogo com o Ministério da Educação. Contudo, foi na força de trabalho de pesquisadores surdos e ouvintes, todos sinalizantes e membros ativos da comunidade surda, que essa pesquisa se realizou na concretude de um projeto de pesquisa interinstitucional desenvolvido no *Grupo de Pesquisa Avançadas em Estudos Surdos (GRUPES)*, sob a coordenação da Profa. Dra. Marianne Stumpf (UFSC); vinculada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGL/UFSC) – ao qual agradecemos o apoio à publicação desta obra via PROEX/UFSC (Processo nº.: 23038.008664/2021-28).

Desenvolvida coletivamente por pesquisadores surdos e ouvintes bilíngues, esta publicação foi construída por meio de reflexões sobre a pessoa surda na escola brasileira. Nos pomos **em diálogo com as demandas propostas pela comunidade surda brasileira** em diversos documentos e pesquisas, com a *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)* e diversos referenciais para modalidades específicas de educação como as indígenas, do campo, entre outras. Propomos uma trajetória que vai se construindo a cada parte dos cinco volumes desta obra. Convidamos os docentes e estudantes para nos acompanharem na leitura de cada um dos volumes, mesmo que escolham se dedicar mais a fundo no período escolar no qual atua.

Começando pela história das pessoas surdas na escola brasileira, passamos por estudos fundamentais até chegarmos à **uma proposta concreta de estruturação e progressão curricular**. Seguimos pela Educação Infantil, percorremos as séries iniciais e finais do Ensino Fundamental, depois o Ensino Médio, e chegando, enfim, à proposta de reflexão sobre a presença da Libras no Ensino Superior.



Um projeto aberto e escrito por muitas mãos fruto de lutas e negociações, da qual esperamos diálogo democrático para mais e mais direcionamentos significativos que concretizem aquilo que, como comunidade surda brasileira, pleiteamos a muitos anos: uma educação de surdos ética, participativa e construída de acordo com os Saberes Surdos. Um processo que procurou se pautar principalmente no equilíbrio

entre o conhecimento cientificamente comprovado e a experiência real, acumulada na prática e na reflexão de cada membro desta equipe, junto com as comunidades surdas regionais e institucionais que também fazem parte dela. Trata-se de uma postura que orientou todo este trabalho, e que pode ser vista como fundamental em qualquer política pública para a Educação Bilíngue de Surdos.

Partes dentro do volume 1




Além dos materiais dispostos no levantamento que compartilhamos nesta publicação como fundamentação histórica e teórica (volume 1) que poderá servir de respaldo para pesquisas e ações mais consistentes, as partes referentes aos níveis de ensino (volume 2 ao 5, da parte 4 a 7) são estruturadas de modo a dialogarem entre si. Aconselhamos a consulta das partes que mais lhe interessar, assim como a criação de grupos de **estudos e debates para o aperfeiçoamento e aplicação desses referenciais** onde mais desejamos que ele faça efeito: nas escolas.

Esperamos, assim, contribuir para o enriquecimento das discussões pedagógicas dentro das realidades de cada instituição escolar nas diversas regiões do Brasil. Agora está nas mãos de vocês promover a elaboração de projetos educativos que elevem a um novo patamar de qualidade a Educação Bilíngue de Surdos. Desejamos que essas mãos se multipliquem, e que logo possamos ver **estudantes surdos mais e mais engajados** com a construção das próprias histórias em instituições justas que os enxerguem como cidadãos plenos.

Envolver os estudantes surdos cada vez mais no universo da leitura em Língua Brasileira de Sinais (Libras), sinalizar em Libras e escrever em Libras, de uma maneira prazerosa, requer disposição e compromisso por parte daqueles que desejam construir uma sociedade mais justa e humana enquanto aqui estamos. A implementação destes referenciais vem favorecer significativamente o processo de ensino e aprendizagem, visto que propõe a construção de um ambiente que estimula a **produção e compreensão** tanto na **escrita e leitura**, assim como na **sinalização, interpretação e posicionamento crítico** frente a saberes em Libras por parte dos estudantes surdos. Em resultado, ao pensar em sua língua e ao conhecê-la como forma de expressão e diálogo, esperamos que os estudantes surdos conquistem melhores desempenhos também em outras disciplinas, uma vez que a leitura pelos olhos, da Libras e da Língua Portuguesa escrita, está inserida em todo o processo de ensino e no dia a dia desses educandos.

Por fim, lembramos que esta publicação projeto não é uma construção fechada, mas um conjunto de apontamentos que exigirá engajamento profundo de professores surdos e ouvintes bilíngues, estudantes surdos e suas famílias. São novas perspectivas que abrem um grande horizonte de possibilidades para que cada professor e suas instituições planejem e realizem **práticas de ensino que capacitem os estudantes surdos** com as riquezas da Libras e de seus saberes ensinados por meio dela. E assim, poderemos, em um futuro não tão distante, conversar com estudantes surdos sobre os professores que marcaram suas vidas nas relações afirmativas de uma escola que não os excluía. Local, no qual, esperamos que muitos desses estudantes retornem como profissionais que nos dirão (na prática e na atualização das pesquisas) o quanto ainda podemos nos aperfeiçoar na concretizar aquilo que foi chamado de *“a escola que nós Surdo queremos”*.

Prof^a. Dra. Marianne
Rossi Stumpf



Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares



PARTE VII

Ensinar Libras no Ensino Médio Bilíngue de Surdos



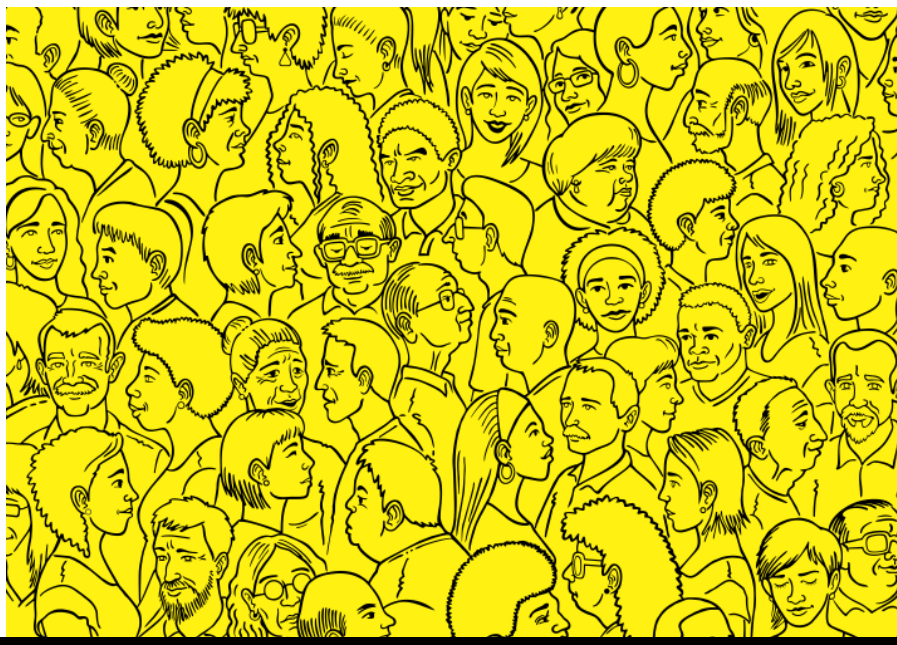
Alexander Graham Bell anunciou a proibição da língua de sinais



Martinha Claret anunciou o fechamento do Instituto Nacional de Educação de surdos

**Artista surdo
homenageado
na capa desta seção**

Fábio Sellauci – Brasília, DF



Saiba mais sobre o artista e a equipe técnica desta obra ao fim desta publicação.

COORDENAÇÃO DE ÁREA

Prof. Dr. Marcos Luchi (UFSC)

AUTORES/AS COLABORADORES/AS

Prof^ª. Me. Carilissa Dall'Alba (UFSC)

Prof. Me. Guilherme Nichols (UFSCar)

Prof. Dr. Marcos Luchi (UFSC)

Prof^ª. Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

Prof^ª. Dra. Simone Gonçalves de Lima da Silva (IFSC)

Prof^ª. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar)

SUPERVISÃO GERAL

Prof^ª. Dra. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

DIAGRAMAÇÃO E PREPARAÇÃO DO TEXTO

Prof. Me. Ramon Santos de Almeida Linhares (INES)

Para ler em Libras você também pode acessar:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxblku551I_tiuods_n64GX9D>.

PRIMEIROS PASSOS: olhar atento ao ensino de Libras no Ensino Médio Bilingue de Surdos

*“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os
homens educam-se entre si, mediados pelo mundo.”*
Paulo Freire

O Ensino Médio é a etapa que finaliza a educação básica, e dentre algumas de suas finalidades está a de preparar o educando “para o trabalho e a cidadania” a fim de “ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores” trabalhando para “a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” e para a “compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática”, de acordo com o art. 35 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Mas como alcançar tais objetivos sem uma língua mediadora?

O referencial de ensino de Libras como primeira língua (L1) para o Ensino Médio visa mediar a construção crítica de conhecimento de mundo e a emancipação intelectual dos educandos surdos nessa etapa escolar em que o aluno desenvolve aspirações acadêmicas e profissionais. Este volume, assim como os demais, conta com a colaboração de pesquisadores e educadores de surdos com uma longa trajetória junto às Comunidades Surdas brasileiras. Busca-se instrumentalizar os educadores de surdos para trabalharem com diferentes textos, intertextos e intertextualidades em/sobre Libras, objetivando a autonomia dos educandos surdos para o posicionamento e a participação efetivamente crítica diante de uma sociedade inundada de informações, porém pouco organizada e transparente em conhecimento.

Neste referencial, apontamos a importância e as razões de se ensinar a Libras no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para tanto, este material foi organizado em tópicos que salientam a urgência da presença do conhecimento da Libras (e em Libras) e seus estudos. Os objetivos deste referencial estão relacionados com as sete competências empregadas durante os três anos que abrangem essa etapa de escolarização, articulados aos cinco campos de atuação. Recomendamos temas e abordagens norteadoras que podem ser empregados na prática docente de



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7PxbIku551l_tiuods_n64GX9DF

ensino de Libras, articulados interdisciplinarmente a outros conhecimentos, áreas e etapas anteriores. Apresentamos também contornos avaliativos e destacamos materiais que podem ser utilizados na formação dos docentes e dos estudantes surdos que atuam no Ensino Médio e em EJA, trazendo ainda algumas ponderações sobre o currículo de Libras como L1 nessa etapa.

Os textos sinalizados foram desenvolvidos por surdos, associações de surdos, ouvintes fluentes ativos nas comunidades surdas e educadores de surdos, e mostram interações reais em Língua de Sinais. Eles podem ser utilizados pelo professor como fomentadores de debate e análise dos gêneros e dos componentes textuais sinalizados. Ao se preparar para o mundo do trabalho e/ou se orientar academicamente para uma carreira, o educando surdo precisa ter acesso a essas informações. A maneira como este referencial foi organizado, com exemplos e atividades referenciando as próprias comunidades surdas, tem como único objetivo que o educador seja uma ponte para o reconhecimento e o pertencimento desses sujeitos a essas comunidades.

Prof. Dr. Marcos Luchi (UFSC)
Coord. de área – Ensino Médio na EBS



O DEBATE

Como parte transversal de uma educação bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) em toda a Educação Básica, tratar os conhecimentos sistematizados básicos na formação em Libras – no Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) – é fundamental para a solidificação desse sistema e sua transversalidade no decorrer de toda a formação escolar.

Agregado a essa produção bilíngue transversal, este texto destina-se a apresentar uma proposta de currículo bilíngue para o ensino de Libras como primeira língua (L1) voltada aos estudantes surdos do Ensino Médio e da EJA, trazendo considerações específicas sobre essas etapas escolares e suas articulações com a educação das pessoas surdas. De maneira efetiva, são feitas considerações para o currículo de Libras aos três anos do Ensino Médio, contendo os conhecimentos acadêmicos gerais que devem ser trabalhados com o estudante jovem surdo no decorrer de sua formação em nível médio e/ou EJA. Espera-se orientar algumas práticas educacionais e auxiliar o educador que atuará com as disciplinas de Libras (L1) no Ensino Médio e na EJA, bem como toda a comunidade escolar, na construção de planos de ensino bilíngue no processo de escolarização dos estudantes surdos. Trata-se de uma proposta direcionada basicamente a docentes que trabalham em escolas públicas com o ensino da Libras em suas grades e com o público surdo, mediante os devidos ajustes necessários para cada realidade social, educacional e linguística.

Esta proposta pode ser implementada em escolas comuns inclusivas, com programas bilíngues e classes bilíngues, e em escolas bilíngues de surdos, ou, como comumente são conhecidas, “escolas de surdos”. Ressalta-se que cada um dos tópicos tem particularidades linguísticas e culturais que devem ser respeitadas e, portanto, cabe ao corpo escolar a organização de medidas para a implementação do currículo de Libras como L1 aos estudantes surdos do Ensino Médio e da EJA.

O direcionamento curricular aqui apresentado foi construído por grupos de pesquisadores (surdos e ouvintes bilíngues) de universidades e institutos públicos federais, ou seja, profissionais com envolvimento em ensino, pesquisa e extensão voltados à Comunidade Surda e com algum tempo de luta e adesão ao movimento de educação bilíngue de surdos. O documento leva em consideração pesquisas atuais sobre currículo, pontuações legais no âmbito da acessibilidade linguística e das políticas e práticas educacionais (inclusivas) bilíngues (Libras/Língua Portuguesa) para surdos, fundamentadas em orientações e diretrizes curriculares para o ensino de línguas na etapa. O texto não pretende ser uma adequação da Libras nas pautas curriculares de Língua Portuguesa, mas traz em comum pontos que abordam a temática da linguagem e as práticas sociais com base em sua materialidade, entretanto inserindo aspectos do ensino da Libras em suas particularidades e em uma política educacional de ensino de L1 voltada à população juvenil surda.

Além dos documentos legais norteadores para Ensino Médio e EJA (BRASIL, 2002, 2005, 2015) foram empregados como base teórica autores dos estudos surdos

que tomam a surdez a partir da perspectiva social e como uma diferença linguística e cultural. Isso se deu pela adesão da equipe à proposta cultural e linguística voltada às pessoas surdas, tal qual os estudos surdos apontam. Assim, conforme Skliar (1998), entendeu-se a necessidade de afirmação e construção de narrativas surdas em uma abordagem social e com vinculação à perspectiva de direitos de preservação de suas produções e narrativas em língua de sinais. Por todas essas razões, faz-se importante a construção deste material.

Com base nessa lente filosófica culturalista dos estudos surdos, este trabalho aponta aspectos da vida juvenil surda que devem ser debatidos e levantados pelo/com o professor de Libras em sua comunidade escolar. Essa investigação é relevante para a adequação e o planejamento das ações do currículo de Libras como L1 a ser implementado na realidade escolar. Para levantamento e caracterização do público surdo de cada escola, sugere-se o seguinte conhecimento sobre os alunos surdos do Ensino Médio e da EJA:

- Se aprenderam a Libras na infância, se a usam em suas práticas cotidianas em relações familiares e se são filhos de pais ouvintes ou surdos.
- Se o aprendizado da Libras se deu na escola e se participam de espaço comunitário com outros surdos para além da escola.
- Se vieram, nos anos anteriores, de experiências de escolas bilíngues (inclusivas ou não), entre outros aspectos que fazem toda a diferença no momento de construção do plano de ensino (planejamento docente) e da política curricular adotada pela escola.

Vale destacar que todo trabalho com línguas (independentemente de sua modalidade) na escola pressupõe pensar se é a materna ou a estrangeira, e as distinções do ensino em cada uma delas, bem como as questões de aquisição de linguagem, tendo em mente que o estudante é usuário de determinada língua como língua materna (caso da Língua Portuguesa para alunos ouvintes) ou como língua estrangeira (caso do Inglês e do Espanhol).

Contudo, a realidade da Libras e dos estudantes surdos é outra, pois trata-se de uma língua indispensável para o desenvolvimento dos sujeitos (a Língua de Sinais), mas ela não é materna, porque por vezes os estudantes não fazem a aquisição no interior de sua família: pode ser de aquisição tardia, e pode não ter pares nessa língua no espaço familiar ou escolar (não só na infância), mas esse contato (ou não) pelo sujeito surdo é relevante para pensar o currículo do ensino de Libras no Ensino Médio. Esse dado é fundamental à afirmação da singularidade do currículo escolar para os estudantes surdos.

Além da concepção social sobre o campo de estudo surdos, ressalta-se a concepção de linguagem assumida nesse estudo como prática social que demanda trocas entre falantes em potencial para produção, construção, elaboração e reelaboração de discursos efeito de construções dialógicas. Nesse sentido, Bakhtin (1997, p. 302) afirma que "aprender a falar é aprender a estruturar enunciados", portanto os enunciados produzidos estão cheios de múltiplas vozes, ressonâncias e lembranças resultantes de outros enunciados já ditos e produzidos por sujeitos que empregam um sistema linguístico comum, vinculados à esfera da comunicação verbal (uso da língua em interações reais).

Por essa razão, há necessidade de produções discursivas de qualidade (em Libras) para que jovens surdos se apropriem desse sistema linguístico em contexto de uso "face a face", valorizando a potência linguística em suas interações cotidianas. Para isso, é preciso que as escolas proponham o estudo desse sistema e seu funcionamento linguístico-social, e possibilitem a construção de análise dessa língua em seus contextos reais de produção. Ressalta-se que a escola deve favorecer a análise linguística na modalidade "face a face", e essas produções devem ser objeto de estudo em sala de aula.

Nesta introdução, cabe ainda propor a leitura da pesquisa de Zancanaro Júnior (2018), o qual defende a importância de construção de ambientes e/ou espaços bilíngues de ensino para surdos no Ensino Médio. Isso se dá ao analisar as situações de produção em Libras dos estudantes surdos, observando seu desempenho linguístico, bem como a compreensão de textos em Libras. Inúmeras pesquisas apontam que alunos em escolas inclusivas obtiveram menos êxito nas avaliações que alunos de escolas bilíngues, reforçando a necessidade de rever a política de educação inclusiva e o aumento de espaços dialógicos em Língua de Sinais. A estruturação do ensino de Libras como L1 no Ensino Médio e na EJA possibilita ampliar o uso da Língua de Sinais e a reflexão sobre ela para estudantes surdos, bem como o crescimento desta língua no cenário escolar.

Tendo exposto alguns dos fundamentos deste volume, a estrutura geral deste texto constitui-se de dez tópicos, a saber:

- Introdução, com elementos que caracterizam a proposta geral.
- Identificação da necessidade e das razões para estudar Libras no Ensino Médio e na EJA.
- Estudo de temas que evidenciam a relevância da inserção do conhecimento da Libras e seu estudo nessa etapa escolar.

- O objetivo geral desse currículo no Ensino Médio e na EJA, e os objetivos específicos alinhados às sete competências trabalhadas ao longo dos três anos.
- As sete competências.
- Sugestões de temas e abordagens norteadoras à prática docente.
- Articulação interdisciplinar do ensino de Libras com outros conhecimentos e áreas do Ensino Médio e das etapas anteriores.
- Formas de avaliação e seus elementos fundantes.
- Materiais que podem ser usados para a formação do estudante e dos docentes que atuam com essa etapa de ensino, bem como para a pesquisa na área.
- Considerações sobre o currículo para essa etapa.
- Referências usadas para a construção deste texto.

Cada uma das competências trabalhadas neste currículo deve empregar as habilidades necessárias a serem desenvolvidas com/pelos estudantes surdos no exercício da linguagem em contexto escolar. Tanto as competências como as habilidades estão dispostas em cinco campos de atuação da Libras que serão apresentados no decorrer deste volume. Os autores desta proposta entendem que a Língua de Sinais é um meio de comunicação e expressão reconhecido no Brasil e que produz realidades sociais no país, no mundo e nas comunidades surdas, espaços em que esses estudantes estão imersos e que devem estimular reflexão e saberes na escola.

1. Por que estudar Libras como L1 no Ensino Médio?

Iniciar com a questão que nomeia este tópico propicia uma reflexão sobre o funcionamento global da escola quando se tem efetivamente uma pauta bilíngue para estudantes surdos. Isso é necessário para apresentar uma resposta coerente com a formação anterior oferecida pela escola a esses alunos. Quando há uma proposta curricular bilíngue, pressupõe-se que o estudante, ao chegar na etapa escolar do Ensino Médio, perpassou todo um conhecimento acerca da estrutura geral da Libras, que vem construindo para si uma relação afetiva com ela e faz uso contextual dessa língua em suas práticas escolares. Portanto, no Ensino Médio, não estaria mais em jogo a apropriação desse sistema, uma vez que isso já ocorreu desde a Educação Infantil. Diante desse pressuposto, sabe-se que isso requer uma formação continuada nas escolas e uma política de permanência de profissionais, bem como a própria criação da disciplina de Libras no Ensino Médio.

Vencidas essas pautas, defende-se o ensino de Libras nessa etapa escolar porque é por meio desse sistema linguístico que o estudante poderá refletir sobre o uso desse dispositivo linguístico que o coloca como agente de transformação no mundo, e também possibilita a construção crítica e o uso ativo da linguagem, de modo que possa opinar e reproduzir e construir discursos numa teia social geral. O conhecimento aprofundado desse sistema linguístico lhe oferece suporte técnico e tecnológico para ingresso no mundo acadêmico e no universo profissional após a saída da Educação Básica.

Assim, ao trabalhar o registro da Libras (seja por meio de vídeos ou em escrita de sinais), é oferecido um recurso de tecnologias a serviço da Língua de Sinais, uma materialidade representativa que permite ao aluno voltar ao seu texto e ao de outros, bem como desenvolver, nessa língua, em contexto de uso “face a face”, a criticidade de leitura de mundo diante dos acontecimentos cotidianos, tornando-o ativo socialmente. Essa ação ativa na linguagem se dá ao aluno surdo quando se propõe um lugar central da Libras no currículo escolar. Sem dúvida, essa é a resposta à pergunta sobre por que inserir a Libras como conhecimento obrigatório no Ensino Médio e na

EJA, isto é, tem a mesma relevância do ensino da Língua Portuguesa para alunos ouvintes.

Contextualização inicial do sujeito surdo e da Educação Bilíngue de Surdos no Ensino Médio

Diante da realidade oficial da construção de uma educação bilíngue para estudantes surdos e do reconhecimento da Libras como meio de comunicação e expressão (BRASIL, 2002, 2005), apontar a necessidade de composição curricular e conteúdos basilares do ensino da Libras como L1 no Ensino Médio e na EJA é, sem dúvida, fornecer subsídios instrumentais (metodológicos) e linguísticos para o desenvolvimento do estudante surdo. Para além disso, a disciplina de Libras possibilita a inserção social do estudante surdo no mundo, ao refletir sobre sua língua e seu funcionamento em espaços sociais (para si e com o outro); aprofundar criticamente temas sociais por meio da reflexão dos multiletramentos imersos na análise linguística, e na organização social da linguagem e de seu funcionamento individual e coletivo; bem como viabilizar o acesso a conteúdos sociais, de artes e culturais pela Libras. Nessa direção, em seu art. 205, a Constituição brasileira reconhece que a educação é um direito fundamental, devendo ser “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988). Para alcançar tais objetivos, o art. 210 define a necessidade de se estabelecer “conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988).

Para tornar efetivos esses conteúdos, é importante a gestão e a normatização do que compete à escola trabalhar. O inciso IV, art. 9º, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), define o estabelecimento de *competências e habilidades mediante algumas diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que orientarão currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar uma formação básica comum* (BRASIL, 1996).

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2019) normatiza esses conteúdos mínimos, assegurando a manutenção de certos conhecimentos dotados como fundamentais a serem construídos em todas as etapas e modalidades da Educação Básica, nas diversas áreas do conhecimento, de modo a fortalecer a construção de competências essenciais por meio de itinerários formativos que fortaleçam a constituição subjetiva do estudante de um modo global.

A BNCC, como diretriz curricular, é organizada e dividida em áreas de conhecimentos, as quais tratam de um grupo de competências a serem

desenvolvidas por meio de habilidades que deverão ser constituídas pelos estudantes. Sendo um documento norteador para as ações educativas, deve atender às demandas de inclusão escolar e nele constar atenção às especificidades de toda a população inserida na escola, inclusive as políticas atuais de garantia de direitos às pessoas surdas, no que tange à equidade de ensino.

Este material objetiva ser parâmetro norteador às produções dos muitos currículos do ensino de Libras para o Ensino Médio e a EJA. Para a produção, destaca-se o entendimento das variadas realidades educativas, de modo que, neste referencial, há o cuidado de salientar a realidade de estudantes surdos e a constituição de si em contextos variados, em famílias de surdos e/ou ouvintes, com acesso à língua de sinais ou não; escolas em que estudaram anteriormente, se pautando a língua de sinais no currículo ou não etc.

Enfim, são vários os fatores a ser levados em consideração, mas esta proposta apresenta os conteúdos mínimos que devem ser dispostos na escola para os estudantes surdos no que se refere ao conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras), tendo-a como uma língua de efetiva menção em políticas bilíngues de ensino. Dentro da área de linguagens e suas tecnologias, a BNCC contempla a garantia do ensino da Libras como componente curricular para a formação de estudantes surdos e ouvintes.

Vale ressaltar que esse processo de inserção da Libras no currículo da Educação Básica se deu mediante lutas e reivindicações das comunidades surdas por uma educação bilíngue (Libras/Língua portuguesa), tal qual garantida por meios legais (BRASIL, 2002, 2005, 2015). Na perspectiva de ensino de primeira língua (L1) para estudantes surdos, a construção de um currículo com as informações sobre o conhecimento mínimo que deve ser trabalhado com os estudantes fortalecerá a prática diária docente, assegurando que essas diretrizes sejam bases para a construção de saberes que devem ser focalizados; neste texto, em específico, o Ensino Médio e a EJA. É importante mencionar que, pelo histórico de falta de acesso linguístico e pela recente política bilíngue para surdos, é possível que o estudante surdo que chega ao Ensino Médio não reconheça a Libras em sua educação. Por isso, o professor terá o desafio de articular essas várias tensões identitárias em seu ensino.

Na EJA, isso pode ser ainda mais complexo, e os dilemas serem ainda maiores, uma vez que há muitos surdos que, por falta de acesso aos conteúdos escolares (por meio de uma língua acessível) e por questões na sua relação de ensino e aprendizagem, evadiram do sistema escolar e retornam tardiamente à EJA para continuar sua formação. Portanto, a evasão de surdos está diretamente ligada à falta de atenção ao uso de uma língua favorável ao acesso dos conhecimentos por eles, o que indica a necessidade de ensino da e na Língua de Sinais. Esta é a realidade de muitos municípios que ainda apresentam lacunas na escolarização de surdos: a falta

de uma política educacional que acolha as especificidades da pessoa surda reproduz cenários de exclusão. Esses aspectos sobre o uso da Libras, bem como o tempo de exposição a ela, a falta de informação em decorrência de limitações de contatos com interlocutores em Libras, devem ser trabalhados na prática educativa nessa etapa de ensino.

De todo modo, mesmo com esses apontamentos sobre o currículo de ensino de Libras como L1, é importante e necessário elaborar diretrizes para um currículo bilíngue (Ensino de Libras L1 e Ensino de Língua Portuguesa L2) para que as escolas tenham o compromisso de construção de práticas nessa direção.

Em sequência a essa contextualização, a parte 5.1 do texto da BNCC (com temática voltada às orientações ao Ensino Médio) informa sobre a organização da área de Linguagens nessa etapa educacional:

A área de Linguagens, no Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias. (BRASIL, 2019, p. 271).

O ensino da Libras se insere dentro dessa natureza, todavia, sendo uma língua ainda pouco investida no âmbito da formação inicial, requer estudo sólido e diretrizes, com metodologias que favoreçam a apropriação desse sistema verbal que se materializa na modalidade gestuovisual. Sobre o ensino da Libras, a BNCC aponta ainda que o sistema de ensino deve estimular a construção de itinerários formativos que produzam:

conhecimentos estruturantes para aplicação de diferentes linguagens em contextos sociais e de trabalho, estruturando arranjos curriculares que permitam estudos em línguas vernáculas, estrangeiras, clássicas e indígenas, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), das artes, design, linguagens digitais, corporeidade, artes cênicas, roteiros, produções literárias, dentre outros, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (BRASIL, 2019, p. 477).

A argumentação exposta é retomada com a reorganização curricular pelo respaldo da competência quatro adotada no quadro das competências gerais da Educação Básica da BNCC. O texto da BNCC propõe dez habilidades gerais que devem ser trabalhadas durante toda a Educação Básica. Cada etapa de ensino tem suas competências distribuídas nos campos de saber estipulado para

encaminhamento de cada disciplina. O Ensino Médio, sendo uma das etapas da Educação Básica, compõe a fase em que estão atribuídas as competências gerais. Há a definição de que, dentre as diferentes linguagens, na linguagem verbal, deve-se aprender a Libras.

A competência nove define o dever de se acolher e valorizar a “diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza” (BRASIL, 2019, p. 10). Assim, dados o ensino de Libras e o respeito às identidades linguístico-culturais dos diferentes grupos sociais, entende-se que a educação de surdos no Brasil caminhará para a consolidação da inclusão escolar e, para isso, deve ser ofertada numa perspectiva linguística e intercultural que leve em conta os saberes das pessoas surdas e o princípio de uma pedagogia surda e bilíngue (Libras/Língua Portuguesa).

A Libras e seu ensino como L1 devem ser inseridos nos currículos escolares em respeito aos preceitos e valores adotados na BNCC. Sua consolidação como fortalecimento do conteúdo escolar vem ao encontro das demandas das diferenças, e sua inserção na escola e na vida comum, consolidando as identidades subjetivas dos jovens surdos sinalizantes de Libras.

Conforme a BNCC, durante o Ensino Médio, por fazer parte de um período da vida caracterizado por mais autonomia e maior capacidade de abstração e reflexão sobre o mundo, os jovens gradativamente ampliam suas possibilidades de participação na vida pública e na produção cultural. E fazem isso por meio da autoria de produções que constituem as culturas juvenis expressadas em músicas, danças, manifestações da cultura corporal, vídeos, marcas corporais, moda, rádios comunitárias, redes de mídia da internet, gírias e demais produções e práticas socioculturais que combinam linguagens e diferentes modos de estar juntos.

Nesse sentido, a Libras, como integrante do componente curricular no Ensino Médio, promove a ação desejada de mediação e intervenção sociocultural, conforme apontado na BNCC. É a Libras que supõe, ou melhor, que faz a mobilização de conhecimentos de uma ou mais áreas disciplinares trabalhadas no decorrer do Ensino Fundamental; ela é o recurso linguístico empregado para negociação de conhecimentos e usada pelo estudante surdo como instrumento para mediar conflitos (internos e externos), ou seja, constitui o sujeito em sua subjetividade. Desse modo, e para fechar este tópico, é possível afirmar que a Libras é a base material subjetiva do estudante surdo e, por isso, deve estar no currículo escolar do Ensino Médio e da EJA, até como dispositivo de interação humana que pode ser usado para implementar soluções para questões e problemas identificados na Comunidade Surda e tratados no universo escolar.

2. Relevância da Libras na juventude e seu respectivo período da vida escolar

Com base nas afirmações do capítulo anterior que apontam razões para a construção do currículo de Libras no Ensino Médio, e com os pressupostos basilares para o campo da surdez apresentados na introdução, será discutida neste capítulo a relevância do ensino de Libras para estudantes jovens surdos. A proposta curricular do Ensino Médio está pautada em cinco campos de atuação que interrelacionam a linguagem e seus usos cotidianos de modo crítico, que serão discutidos adiante. Tais campos estão interconectados entre si e tratam de dimensões sociais e intersubjetivas da linguagem. Esse aprofundamento do uso semiótico da linguagem pela pessoa surda, bem como sua produção verbal linguística, ocorre por meio da língua de sinais. Portanto, esse é o ponto principal que justifica a necessidade e a relevância da Libras em toda a vida escolar e, especificamente, seu adensamento crítico no Ensino Médio.

Diferentemente da maneira como o aluno ouvinte ingressa nessa etapa escolar, com uma gama de interlocução (por ter interlocutores em potencial dentro da família e nos espaços sociais em que circula) em sua língua materna, muitos surdos na mesma etapa vivenciaram poucas experiências de uso efetivo da Libras e por isso não têm uma compreensão real do funcionamento desse sistema. Isso ocorre pelas limitações ainda existentes no acesso à Libras e pela falta de políticas educacionais e linguísticas bilíngues efetivas para as escolas – ainda em razão da novidade do tema e por ser a Libras uma língua de grupos minoritários. Assim, há que se estimular e garantir ao estudante surdo um currículo bilíngue no Ensino Médio com parâmetros bem definidos e que envolva o uso dessa linguagem em diferentes esferas sociais e, ainda, o estudo da literatura em Língua de Sinais.

No entanto, mesmo com a possível construção desses marcadores curriculares, é importante destacar que a garantia de um currículo bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) só se faz quando se constitui um conjunto de práticas

maiores internas aos currículos para a educação bilíngue de surdos (desde a Educação Infantil), com formação escolar e profissionais habilitados que componham a equipe, permitindo a consolidação de novas práticas e o alcance de uma perspectiva bilíngue para todos. A consolidação dos conhecimentos em Libras é fundamental para que o currículo bilíngue, previsto na legislação para Educação de Surdos, se efetive. Segundo a BNCC (BRASIL, 2019, p. 490) “do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais”.

Evidenciar essas características do ponto de vista das perspectivas culturais surdas, e tendo a Libras como base, possibilita a ampliação desses “processos de circulação de informações e a hibridização dos papéis nesse contexto (de leitor/autor e produtor/consumidor), já explorados no Ensino Fundamental” (BRASIL, 2019, p. 490).

O currículo de Libras para o Ensino Médio e para a EJA deve priorizar tais aspectos como parâmetros para o desenvolvimento de conteúdos direcionados:

- A potencializar o acesso dos estudantes surdos às várias esferas sociais e textuais em que circulam informações, assim como à complexidade das relações participativas e comunicativas dos surdos no que se refere a políticas bilíngues – Libras/Língua Portuguesa.
- À consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais em Libras e à ampliação do repertório de gêneros discursivos em Língua de Sinais, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão. Para isso, considera-se as especificidades de cada gênero na Língua de Sinais que se distinguem das línguas orais: texto formal e informal em Libras, marcadores de distinções textuais nos dois usos etc.
- Ao aumento da complexidade dos textos lidos e produzidos no que concerne às variadas temáticas apresentadas, à estruturação sintática, ao vocabulário, aos recursos estilísticos, à interação e ao entrelaçamento de posições nas enunciações discursivas, e às semioses na Língua de Sinais.
- Ao foco maior nas habilidades envolvidas na reflexão sobre textos e práticas (análise, avaliação, apreciação ética, estética e política, valoração, validação crítica, demonstração etc.) na Língua de Sinais. Para essa produção, deve-se garantir o registro por meio de mídias que

auxiliem a revisão do estudante sobre suas produções, estabelecendo momentos de refacção filmada.

- Ao desenvolvimento de habilidades requeridas por processos de recuperação de informação (identificação, reconhecimento, organização) e por processos de compreensão (comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência) que já devem ter sido contempladas no Ensino Fundamental e que agora são retomadas – todas essas ações referentes à Língua de Sinais.

Mediante os itens destacados, percebe-se que a Libras como L1 é base para compreensão e imersão no sistema simbólico e semiótico, e para o conhecimento de si do sujeito surdo. Isso só reforça e expressa a relevância deste estudo na escola inclusiva.

A seguir, será apresentado o objetivo do estudo da Libras no Ensino Médio. Nesse objetivo constará a indicação das habilidades que se pretendem trabalhar com os estudantes surdos nesse currículo, por meio da interconexão e da interação entre os cinco campos de atuação trazidos do “macro” movimento político social (das comunidades) para o “micro” uso individual desse sistema. Esses aspectos constituem a criticidade e a criatividade de um aluno surdo ativo no mundo e que se expressa por uma língua que é reconhecida.

3. Objetivos de ensinar Libras no Ensino Médio

O estudo da Libras no Ensino Médio aprofunda a análise sobre as linguagens em Libras e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura de mundo. Nesta perspectiva, o planejamento da Educação Bilíngue de Surdos, deve considerar

Considerar que há muitas juventudes implica organizar uma escola que acolha as diversidades, promovendo, de modo intencional e permanente, o respeito à pessoa humana e aos seus direitos. E mais, que garanta aos estudantes ser protagonistas de seu próprio processo de escolarização, reconhecendo-os como interlocutores legítimos sobre currículo, ensino e aprendizagem. Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (BRASIL, 2018, p. 463)

Essa proposta busca implementar, ainda, um conjunto de finalidades que posiciona o Ensino Médio na atualidade.

A dinâmica social contemporânea nacional e internacional, marcada especialmente pelas rápidas transformações decorrentes do desenvolvimento tecnológico, impõe desafios ao Ensino Médio. Para atender às necessidades de formação geral, indispensáveis ao exercício da cidadania e à inserção no mundo do trabalho, e responder à diversidade de expectativas dos jovens quanto à sua formação, a escola que acolhe as juventudes tem de estar comprometida com a educação integral dos estudantes e com a construção de seu projeto de vida. (BRASIL, 2018, p. 464)

Pressupõe, portanto, a compreensão e a produção de textos verbais (por meio de vídeos em Libras e escrita de sinais) e multissemióticos, e alarga as referências estéticas, éticas e políticas que cercam a produção e a recepção de discursos. Isso possibilita a fruição; a construção e a produção de conhecimentos; a compreensão crítica e a intervenção na realidade; e a participação social dos jovens surdos nos âmbitos da cidadania, do trabalho e dos estudos culturais surdos.



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxbku5511tiuods_n64GX9DF

OBJETIVOS ESPECÍFICOS PRODUZIDOS NESSE CURRÍCULO (ENSINO MÉDIO E EJA)

1.	Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) das comunidades surdas, e como a Libras as constitui e as coloca em funcionamento (cada uma das práticas apontadas).
2.	Compreender processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem nas comunidades surdas no uso da Língua de Sinais; e respeitar as diversidades de constituição de subjetividades das pessoas surdas e de suas lutas.
3.	Empregar diferentes linguagens em Libras (artísticas, corporais e verbais) por meio de mídias digitais de uso público para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de modo crítico, criativo, ético e solidário.
4.	Compreender as línguas de sinais, assim como as línguas orais, como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso e de produção discursiva, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas na Libras.
5.	Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura, trazendo características dos elementos visuais e gestuais que compõem o discurso em Língua de Sinais, reconhecendo-a e vivenciando-a, assim, como forma de expressão de valores e identidades surdas, em uma perspectiva democrática e de respeito à diferença.
6.	Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais na Língua de Sinais, e produções das pessoas surdas, considerando características locais, regionais e globais; e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas em Libras.
7.	Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas para expandir os modos de produzir sentidos com uso da Língua de Sinais, e engajar-se em práticas autorais e coletivas surdas.

4. Competências e habilidades em Libras no Ensino Médio

No desenvolvimento deste capítulo, empregou-se, na íntegra, os preceitos da BNCC para o Ensino Médio e a EJA. Com base nessas orientações, foram criadas propostas que podem ser efetivadas no currículo de Libras como L1, a saber, um ensino voltado ao público jovem surdo. Portanto, com o apoio dos objetivos específicos abordados anteriormente, aqui estão descritas as competências que se desdobram em habilidades e serão trabalhadas ao longo dos três anos do Ensino Médio.

A proposta visa demonstrar orientações curriculares que devem ser contempladas e que se estendem no trabalho com as competências e as habilidades descritas a seguir. Com base na BNCC, **sete competências específicas e, em dentro de cada uma delas, suas habilidades** serão construídas com os estudantes surdos. Tais competências caracterizam aspectos a ser sistematizados para os conhecimentos no ensino da Libras como L1. As diretrizes estão postas para a área de linguagens e suas tecnologias, a qual a Libras, como língua verbal, com o mesmo *status* das demais línguas orais, se vincula, com a ressalva apenas da diferença na modalidade gestuovisual.

A descrição de tais elementos subsidia avaliações escolares ao elencar critérios fundantes como norteadores dos conteúdos trabalhados no decorrer dos três anos de formação dessa etapa educacional.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) das comunidades surdas, e como a Libras as constitui e as coloca em funcionamento. E também mobilizar conhecimentos por meio da Libras, tanto na recepção e na produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, como para ampliação das formas de participação social dos estudantes surdos, de modo que favoreça o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade social a fim de que continuem aprendendo e conhecendo as reivindicações da pauta social.

HABILIDADES

Analisar processos de produção e circulação de discursos em Libras elaborados por surdos e ouvintes em ações “face a face”.

Trabalhar com discursos produzidos também por meio da tradução da língua oral para a língua de sinais e que estejam disponíveis em mídias com ampla circulação social. Tais discursos têm impacto nas comunidades surdas, com diferentes linguagens produzidas por meio da Libras, e constituirão a base para a produção de criticidade dos estudantes surdos, nas escolhas que farão, fundamentadas em função de interesses pessoais e também coletivos.

Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos em Libras e veiculados nas diferentes mídias, como modo de ampliar possibilidades de explicação de mundo e interpretação crítica da realidade.

Analisar, de maneira cada vez mais aprofundada, o funcionamento das linguagens em Libras a fim de interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses, levando em conta as produções que devem ser gravadas para a produção de textos em Libras, com respeito à modalidade de língua gestuovisual.

Utilizar as diferentes linguagens em Libras, levando em conta seus funcionamentos específicos em razão de sua modalidade de língua, para compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social, por meio de dispositivos tecnológicos para gravação do texto e análise posterior.

Analisar e experimentar diversos processos de remediação de produções multissemióticas, multimídia e transmídia, a fim de fomentar diferentes modos de participação e intervenção social, uma vez que a Libras, pela sua modalidade gestuovisual, exige a utilização de dispositivos tecnológicos para armazenamento de suas produções.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 2

Compreender processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem nas comunidades surdas no uso da Língua de Sinais; e respeitar as diversidades de constituição de subjetividades das pessoas surdas e de suas lutas. Com isso, é possível assegurar a disseminação e a valorização da pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos direitos humanos. Assim, pode-se exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combater preconceitos de qualquer natureza às pessoas surdas. Para tal, é necessário apresentar as relações de poder/saber entre os diferentes personagens e as práticas que emergem das mais variadas instituições sociais em que a pessoa surda está inserida. Trazer os “saberes” presentes nas comunidades surdas, bem como as representações sociais da Libras e possibilitar ao estudante surdo ter acesso às produções artísticas de seus pares, como contos em Libras, e piadas tradicionais que a comunidade surda mantém e faz circular – por exemplo, King Kong; o funeral e o intérprete; a lua de mel; o leão surdo; o surdo americano, o russo e o cubano num comboio; um soldado surdo e um soldado ouvinte; o pássaro surdo; o Ferrari; a comunicação escrita; no barbeiro (KARNOPP; SILVEIRA, 2014). Essa competência possibilita ao estudante refletir sobre as tensões na comunidade surda na interação e relação de poder no âmbito da interpretação para Libras; na relação com o intérprete e com as pessoas ouvintes, e com a luta entre maioria e minoria linguística. Esse processo se dá para que o estudante surdo possa compreender e produzir discursos em Libras de maneira posicionada – valorizando e respeitando as individualidades, as diferenças de ideias e posições, e pautando-se por valores democráticos – e também atuar de maneira cooperativa e empática, sem preconceitos e estabelecendo o diálogo.

HABILIDADES

Apropriar-se de modo a fazer uso adequado das diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais) em diferentes contextos da comunidade surda, entendendo a corporeidade da Língua de Sinais, em seu funcionamento como sistema verbal, mas fazendo uso de outras linguagens, valorizando-as como fenômeno social, cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

Analisar interesses, relações de poder e perspectivas de mundo nos discursos das diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e verbais) das pessoas surdas e nas comunidades surdas para compreender o modo como circulam (os eventuais limites de acesso a discursos e produções culturais em Libras), constituem-se e (re)produzem significação e ideologias que impactam a vida das pessoas surdas.

Analisar diálogos e conflitos entre diversidades surdas, e processos de disputa por legitimidade nas práticas de linguagem e suas produções (artísticas, corporais e verbais, em Libras), presentes na cultura local e em outras culturas surdas.

Negociar sentidos e produzir entendimento mútuo nas diversas linguagens (artísticas, corporais e verbais usadas pelas comunidades surdas e em Língua de Sinais), com vistas ao interesse comum pautado em princípios e valores de equidade assentados na democracia e nos direitos das pessoas surdas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 3

Empregar diferentes linguagens em Libras (artísticas, corporais e verbais) por meio de mídias digitais de uso público para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de modo crítico, criativo, ético e solidário, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos das pessoas surdas, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

HABILIDADES

Participar de processos de produções individual em Língua de Sinais e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta seus funcionamentos e apontando elementos distintos da estrutura de cada linguagem, para produzir sentidos em diferentes contextos. Levantar produções surdas já existentes de modo que auxilie esse estudante em sua produção individual.

Concluir e posicionar-se criticamente diante de diversas visões de mundo presentes nos discursos dominantes em diferentes linguagens, e como isso impacta em comunidades minoritárias linguisticamente, considerando contextos de produção e de circulação, e o desafio ainda presente para as comunidades surdas. Isso significa usar a ética nas práticas e na veiculação de produtos e informações sociais em Libras, no que concerne a busca e a construção de uma sociedade bilíngue (Libras/Língua Portuguesa).

Debater questões polêmicas de relevância social, analisando diferentes argumentos e opiniões manifestados, a fim de negociar e sustentar posições dos estudos surdos e da perspectiva social posta às pessoas surdas.

Formular propostas, intervir e tomar decisões democraticamente sustentadas que levem em conta o bem comum e o direito de comunicação e de diferença das pessoas surdas; a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global.

Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para as pessoas surdas com experiência na Língua de Sinais, visando enfrentar desafios contemporâneos, discutindo seus princípios e objetivos de maneira crítica, criativa, solidária e ética.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4

Compreender as línguas de sinais, assim como as línguas orais, como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso e de produção discursiva, reconhecendo-as e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como respeitando as variedades linguísticas na Libras. Isso propiciará uma ação no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza – incluindo a compreensão da complexidade do uso de sinais caseiros e variações dialetais na Língua de Sinais como componente da variação linguística das comunidades surdas.

HABILIDADES

Analisar textos em Libras, de modo a caracterizar as línguas de sinais como fenômeno (geo)político, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.

Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados às situações comunicativas em Língua de Sinais ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas e suas variações por esse(s) interlocutor(es) e combatendo situações de preconceito linguístico – incluindo o uso de sinais caseiros, e as razões para tal, em situações de interação dos surdos com a família, majoritariamente composta por ouvintes.

Fazer uso da Língua Internacional de Sinais como língua franca das comunidades surdas, bem como das línguas de sinais emergentes em comunidades indígenas, levando em conta a multiplicidade e a variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 5

Compreender os múltiplos aspectos que envolvem a produção de sentidos nas práticas sociais da cultura, trazendo características dos elementos visuais e gestuais que compõem o discurso em Língua de Sinais, reconhecendo-a e vivenciando-a, assim, como forma de expressão de valores e identidades surdas, em uma perspectiva democrática e de respeito à diferença.

HABILIDADES

Analisar criticamente preconceitos, estereótipos e relações de poder subjacentes às práticas e aos discursos verbais e imagéticos na apreciação e produção das práticas da cultura corporal de movimento orientadas às pessoas surdas e à Língua de Sinais.

Selecionar e utilizar movimentos corporais de modo consciente e intencional para interagir socialmente em práticas da cultura corporal, nas enunciações em Língua de Sinais, de modo a estabelecer relações construtivas, éticas e de respeito às diferenças surdas.

Praticar, significar e valorizar práticas culturais surdas e a gestuovisualidade como forma de autoconhecimento, autocuidado e construção de laços sociais em seus projetos de vida.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 6

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais na Língua de Sinais, e produções das pessoas surdas, considerando características locais, regionais e globais; bem como mobilizar conhecimentos sobre as linguagens artísticas em Libras, a fim de dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas de surdos e pessoas vinculadas à comunidade surda (intérpretes de Libras, familiares, pesquisadores) – tudo isso de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

HABILIDADES

Apropriar-se do patrimônio artístico e da cultura produzida pelas pessoas surdas e na Língua de Sinais de diferentes tempos e lugares, compreendendo sua diversidade, bem como os processos de disputa por legitimidade.

Usufruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais de pessoas surdas, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade dos estudantes surdos, valorizando o lugar “de” e “no” mundo desses estudantes.

Expressar-se e atuar em processos criativos que integrem diferentes linguagens artísticas e referências estéticas e culturais na Língua de Sinais, recorrendo a conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas surdas

Relacionar práticas artísticas e da cultura corporal do movimento às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica e econômica das pessoas surdas.

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 7

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas para expandir os modos de produzir sentidos com uso da Língua de Sinais, e engajar-se em práticas autorais e coletivas surdas e da comunidade surda. Também desenvolver os contextos de aprendizado dentro dos campos da ciência, da cultura, do trabalho, da informação e da vida pessoal e coletiva surda; indicar a tecnologia como dispositivo favorável às interações surdas, dadas a possibilidades de recursos midiáticos e produções em vídeos, de modo a manter o registro das produções em Língua de Sinais.

HABILIDADES

Explorar tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), compreendendo seus princípios e suas funcionalidades, e mobilizá-las de modo ético, responsável e adequado a práticas de linguagem em diferentes contextos em que se façam uso da Língua de Sinais na acessibilidade do público surdo.

Avaliar o impacto das TDICs na formação do sujeito surdo e nas práticas sociais que demandam uso da Língua de Sinais, a fim de fazer uso crítico dessa mídia ao realizar a seleção, a compreensão e a produção de discursos em ambiente digital, tomando a pauta da acessibilidade e a janela de Libras em sua elaboração.

Utilizar diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais em processos de produção coletiva para a comunidade surda, e projetos autorais de surdos em ambientes digitais.

Apropriar-se criticamente de processos de pesquisa e busca de informação em língua de sinais, por meio de ferramentas digitais e novos formatos de produção e distribuição dos conhecimentos que visem ao conhecimento de práticas culturais surdas em redes sociais, observando as novas criações da comunidade surda e como elas se inserem no meio digital.

Cada uma das competências possibilita um universo de discussão e faz com que o estudante surdo tenha sua inserção em conteúdos e recursos linguísticos favoráveis à construção crítica e reflexiva diante dos acontecimentos, tornando-o um cidadão inserido em uma sociedade cultural. Para o desenvolvimento das habilidades descritas, inúmeras atividades podem ser propostas por meio de temas que os transversalizam. Portanto, no capítulo cinco elencamos algumas atividades que podem ser usadas em sala de aula, favoráveis ao desenvolvimento de práticas de ensino voltadas à produção desses saberes destacados por cada uma das habilidades apresentadas.

5. Pensar as práticas de ensino por campos de atividade

No Ensino Médio e na EJA referente a essa etapa, o ensino da Libras, a apropriação do código e o prévio estudo ortográfico da língua são pré-requisitos. Portanto, entende-se que tais pontos já estão contemplados em etapas anteriores da Educação Básica. Nesse momento do ensino há uma inserção e uma imersão no funcionamento da linguagem, no caso dos surdos – linguagem visual, bem como conhecimento de diferentes espaços-tempo que influenciam o uso da língua. Para além disso, há a necessidade de aprofundamento dos variados estilos e gêneros discursivos da língua, que no caso será a Libras, portanto, o docente bilíngue tem a tarefa de possibilitar ao estudante surdo conhecer e refletir sobre usos formais, informais, científicos, técnicos, literários e culturais da linguagem. Para isso é importante apresentar variados textos em Libras ao estudante surdo, contextualizando as diferenças estilísticas em cada espaço de circulação, produção e uso da língua em contexto social variado, do informativo ao analítico, no qual o mesmo estudante deve aprender a usar a língua e compor diferentes textos usando argumentações e com criticidade social. Tais conhecimentos se articulam não apenas ao ensino de Libras, mas integram-se aos demais estudos que o estudante desenvolve e que perpassa o ato de ler, interpretar, opinar, argumentar e produzir textos em Libras.

Portanto, os temas e conteúdos trabalhados serão desenvolvidos dentro de campos de atuação que congregam um grupo de temáticas correlatas entre si. Não são conteúdos únicos, mas temas norteadores que se vinculam a uma teia de “micro” conteúdos interligados entre si. Para expor as atividades, cabe uma descrição pormenorizada de cada campo de atuação de modo que, a partir dele, seja possível trabalhar com sugestões de atividades que possibilitem o desenvolvimento do conhecimento em cada campo proposto.

Os cinco campos de atuação no Ensino Médio e na EJA

Para atender ao objetivo da proposta de ensino da Libras como L1, será necessário apresentar a proposta de organização curricular. Priorizados na BNCC, destacam-se cinco campos de atuação (ver quadro 4.1) e atenção no currículo geral, os quais devem constar de igual modo na composição do currículo voltado ao ensino e à aprendizagem da Libras (dentro do âmbito de linguagem e suas tecnologias) como primeira língua para o Ensino Médio e para a EJA. Esse currículo seguirá as duas orientações como ponto de apoio à construção desse material compartilhado. Esses pontos com atenção específica ao currículo do ensino de Libras (L1) contemplam ações críticas e participação social e política do e para o estudante surdo, tanto no projeto educacional da escola, como na vida desses sujeitos em sociedade.

Quadro 4.1: campos de atuação.

CAMPO 1	Campo da vida social das pessoas surdas
CAMPO 2	Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública
CAMPO 3	Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na Comunidade Surda
CAMPO 4	Campo jornalístico-midiático e os impactos na Comunidade Surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva
CAMPO 5	Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas comunidades surdas

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Campo da vida social das pessoas surdas

Destinado a oferecer ao estudante reflexões sobre as condições que cercam a vida contemporânea das comunidades surdas e a condição juvenil de surdos no Brasil e no mundo, e sobre temas e questões que afetam os jovens. A atenção a esse campo deve se dar para o exercício da criticidade e para a construção de empatia a fim de favorecer o jovem surdo a se contextualizar no mundo. Os aspectos históricos e sociais das comunidades surdas têm o intuito de auxiliar na constituição subjetiva das pessoas surdas e nos impactos identitários que tais movimentos sociais provocam. Consideram-se importante a construção de projetos que envolvam aspectos culturais da comunidade surda e as questões cotidianas que abordam diferenças e lutas diárias dos sujeitos surdos. Considerando, ainda, os desafios que se travam nesse período de vida dos jovens e adultos surdos; tais como: problemas de acesso às informações, constituição identitária, participação em espaços de lutas, frequências em locais (físicos e virtuais) de trocas e aproximações com membros de diferentes idades ativos nas comunidades surdas locais, nacionais e globais. Tais temas contribuem para a construção de seus projetos de vidas dentro das conjunturas sociais atuais. As reflexões tendem a abordar aspectos de seus interesses, suas afinidades, suas antipatias, suas angústias, seus temores etc., que possibilitem uma ampliação de referências e experiências culturais diversas e do conhecimento sobre si.

Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública

É o espaço de circulação das manifestações artísticas em geral, produzidas pelas pessoas e pelas comunidades surdas, contribuindo para a construção da apreciação estética, a qual é significativa para a constituição de identidades, a vivência de processos criativos, o reconhecimento da diversidade e da multiculturalidade e a expressão de sentimentos e emoções de sujeitos surdos que vivenciam uma subjetividade construída pela experiência visual. Possibilita aos estudantes surdos e ouvintes, em uma escola com projeto bilíngue, portanto, reconhecer, valorizar, usufruir e produzir tais manifestações, com base em critérios estéticos produzidos pelas pessoas surdas e com uso da Língua de Sinais no exercício da sensibilidade para com tais diferenças culturais e artísticas.

Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na Comunidade Surda

Caracteriza-se pela circulação de discursos/textos da mídia informativa em Libras (televisiva e digital, traduzida ou produzida diretamente na Língua de Sinais com conteúdo específico da Comunidade Surda e de outras comunidades que compõem o Brasil) e pelo discurso publicitário. Sua exploração permite construir uma consciência crítica, apropriando-se de temáticas específicas da Comunidade Surda, e seletiva em relação à produção e circulação de informações, posicionamentos e induções ao consumo e à cidadania surda. É importante que o estudante tenha contato com gêneros variados na língua de sinais para compreender aspectos que configuram as particularidades de cada gênero.

Campo jornalístico-midiático e os impactos na Comunidade Surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva

Esse campo de estudo contempla discursos/textos normativos, legais e jurídicos que regulam a vida e a convivência em sociedade para as pessoas surdas (Lei da Libras, Decreto nº 5.626/2005, Lei Brasileira de Inclusão), assim como discursos/textos propositivos e reivindicatórios (petições, manifestos etc.) que marcam a construção de uma política de acessibilidade social e inclusiva aos surdos. Busca a produção desses documentos em Libras e, na falta deles, atentar-se aos seus impactos na vida social e no direito de cidadania das pessoas surdas. Sua exploração permite aos estudantes surdos refletir e participar sobre a vida pública e participar dela, pautando-se pela ética, entendendo seus direitos e suas conquistas, bem como deveres como cidadão surdo numa sociedade em que a Libras tem seu reconhecimento legal.

Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas Comunidades Surdas

Esse campo literário, definido na BNCC como normas gerais para o Ensino Médio, possibilita pensar e agrupar saberes fundamentais ao currículo de Libras como L1. Esse espaço compõe as ações voltadas à apreciação, análise, aplicação e produção de discursos/textos expositivos, analíticos e argumentativos em Libras que circulam em mídias digitais e em contextos científicos, tanto na esfera escolar como na acadêmica e de pesquisa, de modo que o estudante surdo tenha acesso a textos literários e produções em Libras da comunidade surda e materiais traduzidos da

Língua Portuguesa para a Língua de Sinais (teatro, dança, artes visuais e seus artefatos). O domínio desse campo é fundamental para ampliar a reflexão sobre as linguagens, contribuir para a construção do conhecimento científico em Libras e para aprender a aprender aspectos culturais que constituem as comunidades surdas.

6. Sugestões de temas, atividades e abordagens

Neste capítulo são sugeridos temas, atividades e abordagens relacionados aos cinco campos de atuação. Após a proposta geral de elementos estruturais de progressão do ensino no capítulo anterior, serão apresentados os objetivos específicos de cada um desses campos. Para isso, foram elaborados exemplos de atividades que ilustram e lançam ideias de aplicação em sala de aula. É preciso lembrar que a realidade escolar das regiões brasileiras e mesmo as particularidades de cada turma e indivíduo devem ser consideradas na estruturação dos planos de ensino desenvolvidos com base nestas considerações. Cada campo mobiliza internamente conteúdos e competências a serem trabalhadas. Na descrição, são demonstradas sugestões de locais, materiais e links virtuais que possam auxiliar o docente na construção do ensino de cada tema.

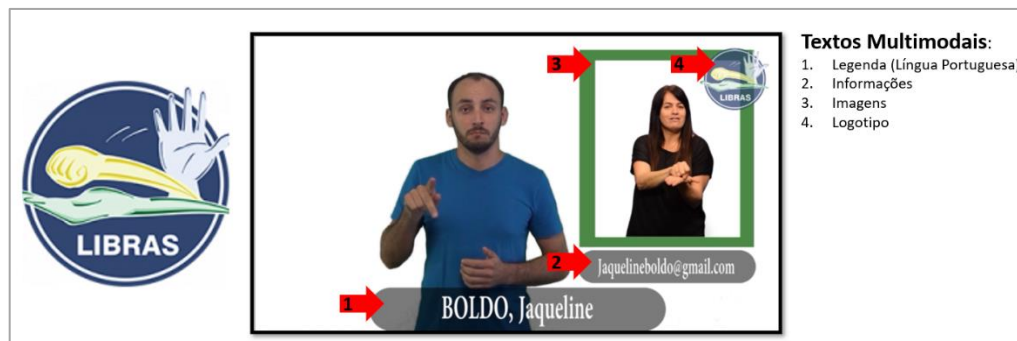
Com a finalidade de destacar os tópicos o símbolo → **será empregado** para indicar o início de sugestões de atividades dentro dos campos de atuação.

Campo de atuação 1 – Campo da vida social das pessoas surdas

→ Conhecer e fazer uso de textos multimodais diversos que circulam socialmente e que podem ser tematizados em Libras (perfis variados, gifs biográficos, biodata, currículo web bilíngue, vídeocurrículo etc.) e de ferramentas digitais (ferramenta de gif, registros em Libras, site etc.), para falar de si de maneiras variadas, considerando diferentes situações e objetivos. Trabalhar com a interrelação desses textos (a importância do contexto bilíngue – Libras/Língua Portuguesa) e sobre o porquê a maioria desses produtos estão socialmente produzidos em Língua Portuguesa, além disso, vale a pena problematizar como poderiam ser feitos esses materiais multimodais com instrução primeira na Língua de Sinais. Exemplo: Como seria um *curriculum vitae* produzido pelo estudante e gravado em Libras? Que estruturas devem constar nessa produção para caracterizar o estilo desse material? Produzir um com os estudantes surdos é uma atividade interessante. As figuras 5.1 e 5.2 são exemplos de textos em Libras e da multimodalidade destacada nessas produções,

além disso, propõem a organização de apresentação de registro em Libras em um minicurriculo.

Figura 5.1: Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras.



Fonte: <<https://revistabrasileiravrLibras.paginas.ufsc.br/edicoes-antiores/edicao-no-0032017/>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.2: vídeo-registro em Libras de um texto onde os autores apresentaram seus minicurriculo; conferir o trecho 00:25 - 1:56 min.



Fonte: <<https://revistabrasileiravrLibras.paginas.ufsc.br/edicoes-antiores/edicao-no-0032017/>>. Acesso em junho de 2020.

O professor poderá propor ao aluno que produza mídia digital combinando de que modo deve se dar um texto em Libras no qual o estudante se apresente formalmente e que contenha todos os elementos exigidos em um *curriculum vitae*. Deve-se usar o registro em Libras (vídeos e/ou escrita de sinais) e modos que possibilitem ao aluno falar de si em suas produções. Apresentar previamente materiais que possibilitem discussões coletivas em que esses temas são negociados antes que o aluno produza o próprio material.

→ Trazer textos em Libras que propiciem a identificação de afinidades e interesses comuns de surdos participantes de determinados grupos sociais (da Comunidade Surda). Materiais que possam despertar o interesse pelas afinidades e distinções linguísticas entre os idioletos usados. Organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins que possibilitem ver a construção discursiva dessas organizações. O quadro 5.1 mostra links de associações de surdos que podem ser usados como base

para a análise de textos em Libras e para a construção discursiva referente a esses contextos de organizações com temas de militância surda.

Quadro 5.1: Links de associações de surdos para busca de materiais.

ASSOCIAÇÕES	SITE
Associação dos Surdos de São Paulo (ASSP)	https://www.facebook.com/assp.oficial
Associação de Surdos do Estado de SP (Vem Sonhar)	https://vemsonhar.org/
Associação dos Surdos de São Carlos (ASSC)	http://www.assc.org.br/
Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF)	https://www.asgfsurdos.org.br/
Associação dos Surdos de Minas Gerais (ASMG)	https://www.asmg.org.br/
Associação dos Surdos de Goiânia (ASG)	http://www.asgoiania.org.br
Associação de Surdos de Natal (ASNAT)	https://asnat.org.br

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

O professor poderá propor uma visita aos sites apresentados, solicitando que o aluno faça um levantamento de sinais que desconheça e, ainda, que encontre variações dialetais para compartilhar em sala de aula. Explorar essas variações e os usos de sinais em grupos específicos (crianças, jovens, adultos, bem como outros subgrupos variados), trazendo análise de idioletos: variações históricas, temporais e culturais que refletem mudanças da língua e o uso pessoal da linguagem.

→ Produzir, de maneira colaborativa, e socializar vídeos comentados de preferências culturais das pessoas surdas e de entretenimento (*lives* em Libras, produções culturais surdas), revistas culturais com artigos em Libras, fanzines, e-zines ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem a posição dos surdos e a difusão da Libras em músicas traduzidas, desenhos infantis em Libras, séries com participação de surdos (por exemplo, a série *Crisálida*) (PINHO, 2019), filmes, quadrinhos, livros de produção da comunidade surda, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de modo a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades surdas e suas diferenças. As figuras 5.3 a 5.6 ilustram propostas que

podem ser usadas em sala de aula para fomentar a discussão sobre tópicos do campo social da vida das pessoas surdas e sua relação com os outros.

Figura 5.3: *Crisálida*, série de ficção dramática bilíngue.



Fonte: <<https://www.seriecrisalida.com.br/>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.4: *Talentos*, revista multimídia bilíngue.



Fonte: <<https://revistateste.palhoca.ifsc.edu.br/>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.5: TV INES, diversidade de informações.



Fonte: <<http://tvines.org.br/>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.6: Blog Cultura Surda, diversidade de informações.



Fonte: <<http://culturasurda.net/>>. Acesso em junho de 2020.

O professor pode propor atividades de pesquisa com participantes surdos sobre os tipos de entretenimento que mais são consumidos pelo público surdo e qual o motivo da escolha; se levam em consideração ou não a tradução da Libras nesses produtos; se os filmes com representação surda estão em sua lista de favoritos etc. Esse levantamento pode render ótimas discussões e reflexões em sala de aula.

→ Construir e/ou atualizar, de maneira colaborativa e em Libras, registros dinâmicos de profissões e ofícios de seu interesse (áreas de atuação, dados sobre formação, fazeres, produções, depoimentos de profissionais etc.) que possibilitem vislumbrar trajetórias pessoais e profissionais das pessoas surdas e a pauta da acessibilidade linguística na oferta de tradutores e intérpretes de Língua de Sinais. Podem ser usados documentários que retratem a vida das pessoas surdas, uma visita de campo, convidar os profissionais para uma roda de conversa na escola, entre outros.

A figura 5.7 exibe uma captura de tela do site da Associação de Surdos de São Carlos (ASSC) e quem se está mostrando a história da associação. O vídeo pode ser usado para a finalidade da proposta desse primeiro campo de atuação. Depois de assistirem ao vídeo, os estudantes podem elencar dados dos depoimentos dos fundadores sobre sua trajetória de vida na instituição e suas lutas. Também podem ser debatidos temas sobre a história de vida das pessoas surdas vinculadas a essa instituição e de que modo se relacionam com a história de vida pessoal (se há identificação) dos estudantes surdos do Ensino Médio.

Figura 5.7: captura de tela do site da Associação dos Surdos de São Carlos em que se conta um pouco da história da associação.

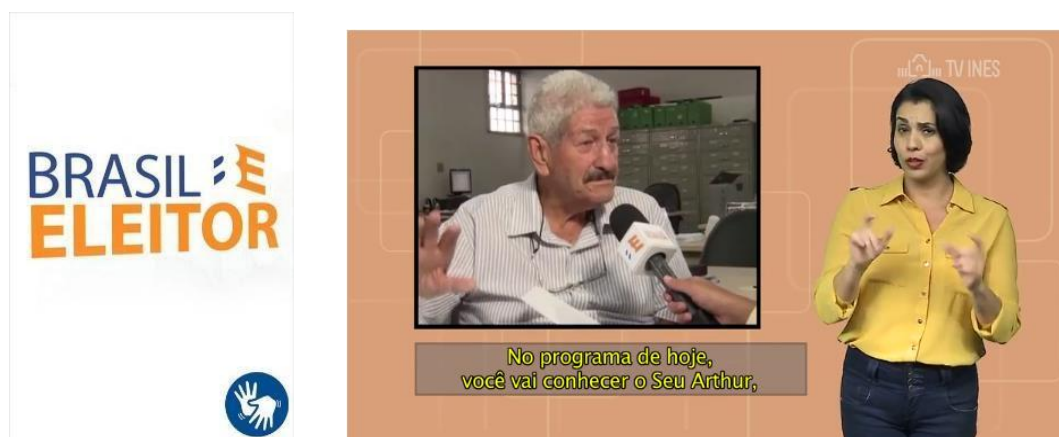


Fonte: <http://www.assc.org.br/2019/06/04/historia-da-assc/>. Acesso em junho de 2020.

Campo de atuação 2 – Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública

→ Analisar, por meio de vídeos eleitorais com tradução em Libras, o histórico e o discurso político de candidatos e de partidos, como também propagandas políticas e programas e propostas de governo, de modo a capacitar os estudantes à participarem do debate político e tomarem decisões fundamentadas. Os materiais devem estar traduzidos em Língua de Sinais para que os estudantes surdos tenham acesso a esses discursos. As figuras 5.8 a 5.10, a seguir, trazem exemplos de textos em Libras com discursos políticos. A apresentação se dá em duas formas: nas figuras 5.8 e 5.9 são discursos políticos em português interpretado para a Libras, e na figura 5.10, o discurso está direito com texto em Libras.

Figura 5.8: Programa Brasil Eleitor, pela TV INES.



Fonte: <http://tvines.org.br/?page_id=16>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.9: horário eleitoral gratuito no Espírito Santo.



Fonte: <https://youtu.be/0_dGG1HOvBs>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.10: programa de deputada estadual no Paraná.



Fonte: <<https://youtu.be/bZ2FvEE-kVQ>>. Acesso em junho de 2020.

O professor poderá propor atividades de análise da janela de Libras em um primeiro momento. Em seguida, sugerir roda de conversa que aborde os elementos do discurso político: proposta de governo, discurso de convencimento para adesão ao voto, elementos de comprometimento na sua possível entrada, entre outros. Deve-se discutir com o estudante a importância do acompanhamento social desses textos para construção da cidadania e o quanto a falta de tradução para Libras, ou a falta de adequação às normas da ABNT (janela de Libras) promovem uma falsa inserção do surdo na vida política.

→ Analisar formas não institucionalizadas de participação social surda, sobretudo as vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e modos de expressão típicos das culturas juvenis surdas que pretendam expor uma problemática ou promover uma reflexão/ação, posicionando-se em relação a essas produções e manifestações. Trazer temáticas direcionadas às questões mais pontuais da juventude surda, como falta de acesso às informações sociais pela condição bilíngue e a carência de políticas públicas de afirmação da Língua de Sinais. A figura 5.11 exibe a captura de tela do site de uma artista surda, outros sites de artistas surdos também podem ser pesquisados.² Essa ação leva a trabalhar com o levantamento e o surgimento de espaços digitais que possibilitam a construção identitária e a resistência surda para uma produção cultural que traga as especificidades das pessoas surdas.

Figura 5.11: Nancy Rourke, artística surda norte-americana.



Fonte: <<https://nancyrourke.square.site/>>. Acesso em junho de 2020.

Também pode-se presenciar reuniões na escola e pensar nos processos de inclusão escolar da pessoa surda para a efetiva participação em agremiações, coletivos ou movimentos, debates, assembleias, fóruns de discussão etc., exercitando a escuta atenta, respeitando seu turno e tempo de fala, posicionando-se de maneira fundamentada, respeitosa e ética diante da apresentação de propostas e defesas de opiniões, usando estratégias linguísticas típicas de negociação em Libras e de apoio e/ou de consideração do discurso do outro (como solicitar esclarecimento, detalhamento, fazer referência direta ou retomar ao discurso do outro, parafraseando-o para endossá-lo, ressaltá-lo, complementá-lo ou enfraquecê-lo em Libras). Tudo isso considerando propostas alternativas e reformulando posicionamentos, quando for caso, com vistas ao entendimento e ao bem comum. Acrescente-se trazer elementos do discurso (argumentação e contra-argumentação)

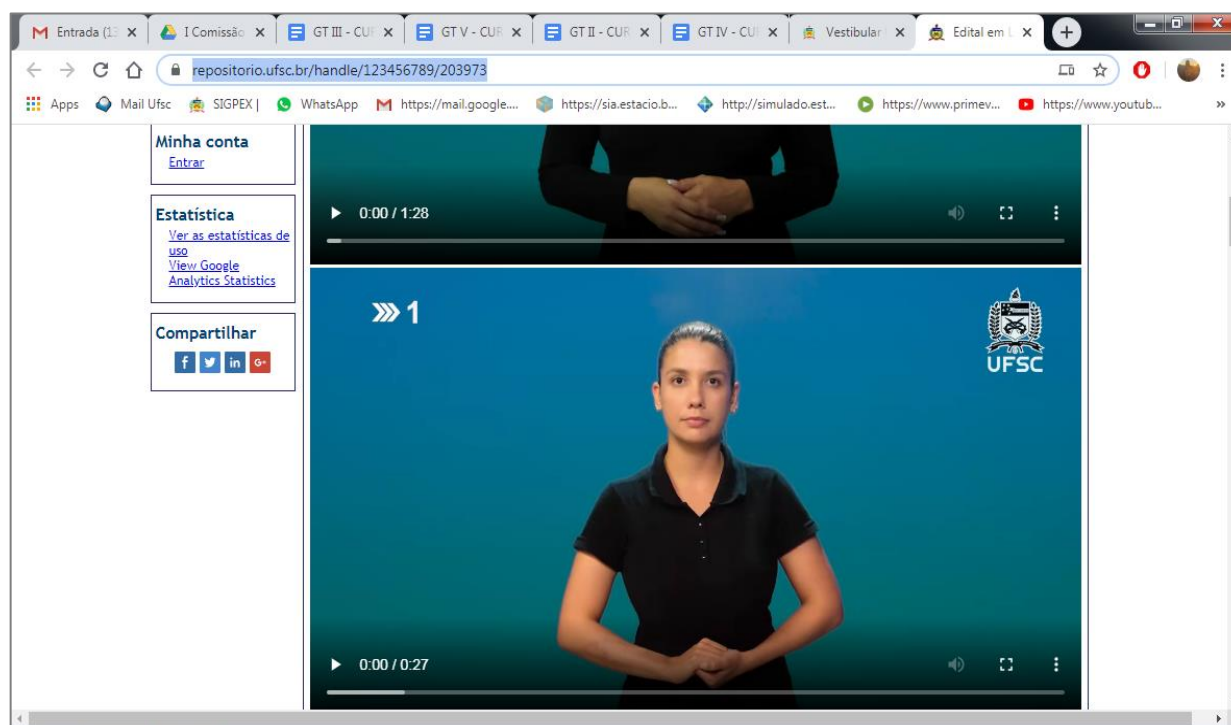
² Ver: <<https://culturasurda.net/artes-plasticas/>>.

em Libras e selecionar elementos sintáticos que estruturam a composição de enunciados dessa natureza na Língua de Sinais.

Como exemplo de atividade, o professor pode propor que alguns alunos participem de reuniões representativas da escola e façam uma discussão e mostra dos elementos que observaram na dinâmica desse tipo de atividade. Essa pode ser uma proposta de atividade coletiva.

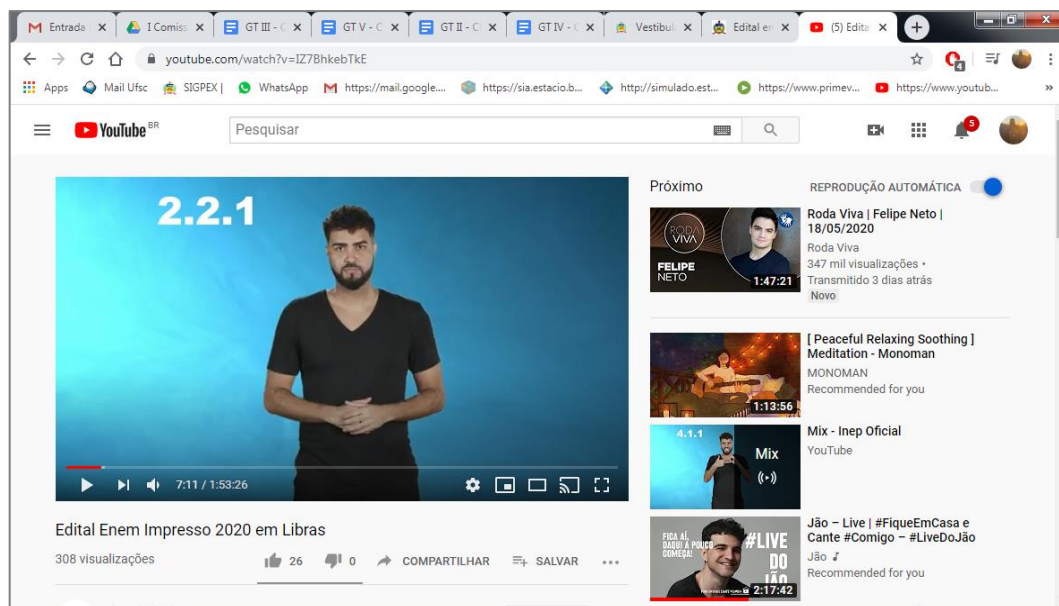
→ Relacionar textos e documentos legais e normativos de âmbito universal, nacional, local ou escolar que envolvam a definição de direitos e deveres – em especial, os voltados a adolescentes e jovens em Língua de Sinais – com seus contextos de produção, identificando ou inferindo possíveis motivações e finalidades a fim de ampliar a compreensão das pessoas surdas. Buscar editais traduzidos em língua de sinais e demais textos legais que auxiliem o estudante a compreender a natureza desse gênero específico, bem como a construção de um texto normativo em Língua de Sinais. As figuras 5.12 e 5.13 mostram exemplos de editais em Libras que podem ser usados como textos normativos em Língua de Sinais.

Figura 5.12: edital em Libras do Concurso Vestibular UFSC/2020.



Fonte: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/203973>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.13: edital em Libras do Enem INEP/2020.



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=IZ7BhkebTkE>>. Acesso em junho de 2020.

É possível produzir com os estudantes surdos reflexões que trabalhem a particularidade desses registros e desse gênero de texto proposto em editais, e também analisar os textos e como marcam os direitos e os deveres para o exercício de sua cidadania. A apreensão e o estudo de textos dessa natureza colocam o estudante surdo em exercício de sua cidadania e inclusão social.

→ Engajar-se na busca de solução de problemas que envolvam a coletividade surda, denunciando o desrespeito a direitos, organizando e/ou participando de discussões que tragam as demandas surdas e a vida em sociedade majoritariamente composta por pessoas ouvintes, campanhas e debates, produzindo textos reivindicatórios de surdos: negros, mulheres, crianças, jovens (variações de vozes de minorias sociais). Também retomar os documentos normativos orientados à proteção social, dentre outras possibilidades, como uma maneira de fomentar os princípios democráticos e uma atuação pautada pela ética da responsabilidade consigo e com o outro.

É possível tratar desses temas em rodas de conversa e produção de assembleias em salas de aula. O professor poderá promover debates e montar grupos que façam levantamento de reivindicações surdas, campanhas que reivindiquem direitos das pessoas surdas, como “legenda aos que não ouvem”, “janela de Libras em discursos governamentais”, entre outras pautas.

Campo de atuação 3 – Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na comunidade surda

→ Organizar materiais que relatem situações de estudos em Língua de Sinais (para as comunidades surdas) e marcar enunciações que indiquem procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão. Levantar pesquisas que abordem temas das comunidades surdas e aspectos de uso da Língua de Sinais.

Solicitar aos estudantes que apresentem as especificidades de um texto científico, como foi construído e de que modo pode ser feito com os recursos que a escola dispõe na Língua de Sinais. Fazer correlações com os textos científicos em Língua Portuguesa pode ser uma boa proposta contrastiva para que os alunos estabeleçam parâmetros para as produções e sugestões nas Línguas de Sinais: levantar o que já existe em termos de normativa desse tipo de gênero para a Libras, e como tem se dado o registro das pesquisas feitas por cursos e sobre a Língua de Sinais.

→ Resumir e resenhar textos em Libras com videogravação, atentando-se aos elementos discursivos necessários para esse estilo de produção, com o manejo adequado das vozes envolvidas (do autor da obra e do resenhador, atendendo às normas de produção de materiais científicos em Libras), por meio do uso de paráfrases, marcas do discurso reportado e citações, para uso em textos de divulgação de estudos e pesquisas. Apresentar as normas de **vídeo-registro em Libras** para produção de textos científicos na Língua de Sinais. A *Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras* (Figura 5.14) apresenta normas para publicação de artigos científicos em Libras. As normas em sua página também estão todas em Libras, normatizando tanto a estrutura do artigo, quanto a vestimenta, a iluminação, o fundo e a posição do sinalizante proponente. Sobre a estrutura do artigo sinalizado há cores de camisetas específicas para título e para o corpo do texto; tempo e estruturas textuais para o resumo, a introdução, o desenvolvimento, a conclusão, notas de rodapé, referências, entre outros.

Figura 5.14: captura de tela do site da *Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras*.



Fonte: <<https://revistabrasileiravrLibras.paginas.ufsc.br/>>. Acesso em junho de 2020.

→ Realizar pesquisas sobre a Libras (ver figura 5.15), as comunidades surdas e os registros de pesquisas em Libras de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados em textos videogravados e em Libras, tendo em vista os objetivos e demais elementos do contexto de produção, como modo de compreender como o conhecimento científico é produzido socialmente e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais em Libras envolvidos na realização de pesquisas e na produção de mídias e textos científicos.

Figura 5.15: resumo científico em Libras como exigência para apresentação no evento científico #Sing8 - *Literatura surda: além da língua de sinais*.



Fonte: <<https://youtu.be/yEyDfPA1UfQ>>. Acesso em junho de 2020.

O professor poderá ajudar na reflexão sobre o impacto das poucas produções científicas (ainda) em língua de sinais e como isso se relaciona com a opressão linguística e a força das línguas majoritárias orais. Alguns exemplos de temas para atividades:

- 1) Apresentar o que é o objetivo de pesquisa e avaliar resumos de eventos em Libras para que os alunos possam fazer as próprias análises.
- 2) Apresentar etapas e como encontramos objetivos em resumos de textos científicos.
- 3) Apontar os espaços de divulgação de pesquisas em Língua de Sinais.
- 4) Elementos textuais em Libras para registros científicos.
- 5) Problematizar a falta de circulação de materiais científicos e em Libras.
- 6) Compreender criticamente textos de divulgação científica em língua de sinais videogravados, em escritas de sinais e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, questionando fontes não confiáveis e *fake news*, e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais (ver figura 15.6).
- 7) Apontar a falta de acesso informativo às comunidades surdas e a busca por informação em redes sociais, apresentando críticas sobre os modos de circulação de informações científicas.

Exemplos de temas para propostas de atividades:

- a. “O que é uma notícia falsa?”
- b. Problematizar as ações em torno de notícias falsas que não são comprovadas cientificamente e de que modo essas ações chegam à Comunidade Surda.
- c. Levantar, em redes sociais, notícias falsas disseminadas em Língua de Sinais e que atingem a Comunidade Surda.
- d. Levantar se as polêmicas que chegam aos surdos são as mesmas que atingem a comunidade ouvinte, e fazer as devidas correlações.

Figura 15.6: canal do YouTube com o vídeo:
Fake News –Verdade ou falso? como saber? (LIBRAS)



Fonte: <<https://youtu.be/jsYITBMYUDw>>. Acesso em junho de 2020.

→ Selecionar informações e dados necessários para determinada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (escrita da língua de sinais, digitais em vídeos em Libras etc.) e comparar autonomamente esses conteúdos, levando em conta contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de modo a compreender e se posicionar criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos. Apontar posições contrárias e científicas em Libras, bem como os argumentos que as consolidam e os espaços de circulação. Selecionar textos em Libras que possibilitem ao estudante avaliar esses espaços de produção e as diversas posições argumentativas.

A figura 15.17 traz a captura de tela de um site com exemplo de fontes digitais de informações coletadas com base científica no momento da Covid-19 para confrontar falsas notícias produzidas sobre a pandemia.

Figura 5.17: captura de tela do site *Click Ciência* com perguntas e resposta sobre a Covid-19.



Fonte: <<https://youtu.be/316anFjRIIY>>. Acesso em junho de 2020.

Campo de atuação 4 – Campo jornalístico-midiático e os impactos na comunidade surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva

→ Analisar os interesses que movem o campo jornalístico e como ele se configura com o uso da Língua de Sinais. Que práticas de enunciação jornalística em Libras temos? Ela se dá por meio de traduções ou de ações diretas pensadas na Língua de Sinais? Existem jornais em Libras traduzidos para a Língua Portuguesa? Essas devem ser questões norteadoras para serem dialogadas com os alunos. Os impactos das novas tecnologias no campo dos estudos surdos e as condições que fazem da informação uma mercadoria nas línguas orais e nas línguas de sinais, e da checagem de informação uma prática (e um serviço) essencial, adotando atitude analítica e crítica diante dos textos jornalísticos, pois são fontes de construção de conhecimento. Tendo limites de textos dessa natureza em Libras, deve-se propor a construção analítica dos espaços de recepção de textos informativos por sujeitos que têm a Língua de Sinais como L1. As figuras 5.18 a 5.20 trazem exemplos de jornais em Libras (direto nessa língua ou interpretado/traduzido).

Figura 5.18: *Jornal Visual*; texto bilíngue (Libras/Língua Portuguesa).



Fonte: <<http://tvines.org.br/?p=3220>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.19: *Repórter Visual*, texto direito Libras.



Fonte: <<https://tvbrasil.ebc.com.br/visual>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.20: *Primeira Mão*; texto Direto da Libras.



Fonte: <http://tvines.org.br/?page_id=14485>. Acesso em junho de 2020.

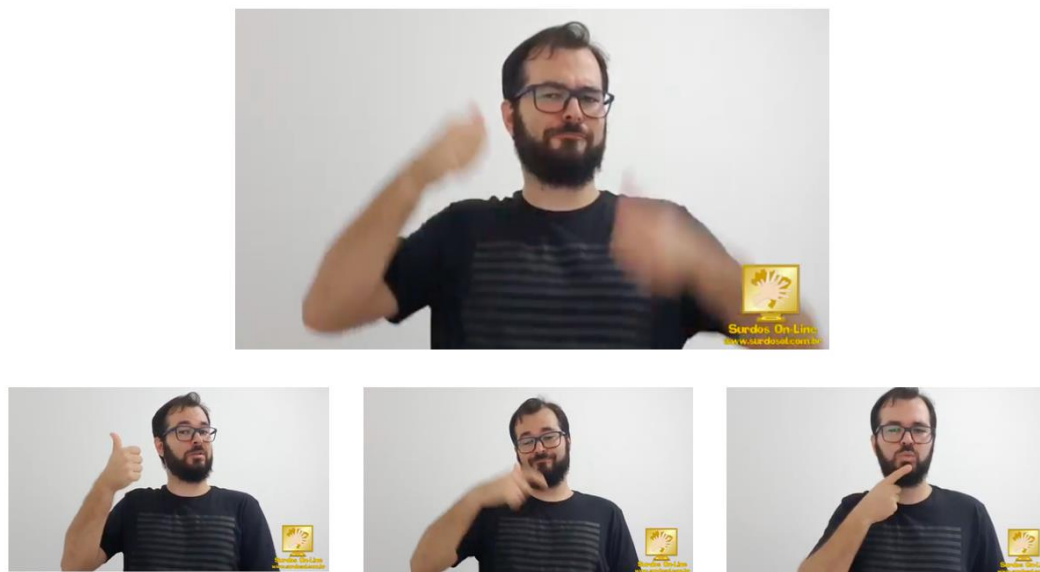
→ Conhecer e analisar diferentes projetos editoriais jornalísticos em Língua de Sinais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc. –, de modo a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia no âmbito da vida das pessoas surdas e com materiais em Libras, propondo a construção de textos jornalístico em Libras pelos estudantes surdos.

As atividades desse item devem ser direcionadas para o gênero jornalístico e suas particularidades na Libras, trabalhando a descrição de fatos, a construção de uma cena e a análise de dada situação.

→ Analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a existência da não neutralidade) em textos noticiosos, destacando marcadores não manuais e linguísticos da língua de sinais, como as expressões faciais e corporais, tanto em textos traduzidos como em textos diretos na Libras. Auxiliar o estudante a analisar e entender a parcialidade/imparcialidade nesses textos.

A análise pode se dar na comparação de relatos de diferentes fontes em Libras, conferindo o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentidos provocados pelas escolhas lexicais em Libras realizadas pelo autor ou tradutor do texto, de modo a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas como produtor de enunciados na Língua de Sinais. Os exemplos de notícias devem ser tratados com imparcialidade e com a descrição de fatos, acontecimentos e direitos sociais (“Como podemos ver a parcialidade e a imparcialidade no texto noticioso em Libras?”). Uma sugestão de atividades para esse tema é solicitar aos estudantes surdos a produção de um vídeo com descrição de um evento sem trazer valorações, crenças e opiniões pessoais sobre o evento escolhido; buscar certa imparcialidade textual – ainda que seja algo muito difícil, partindo do pressuposto de que um texto, seja como for, tem marcas autorais. A figura 5.21 exibe uma captura de tela de um vídeo que pode ser usado para mostrar a descrição de leis que auxiliam a Comunidade Surda e que se propõe ser informativo, e não opinativo. É preciso observar as marcações linguísticas da Libras, as expressões não manuais e como em textos mais imparciais e informativos há um menor uso desses marcadores do que em textos opinativos e analíticos.

Figura 5.21: recorte do texto em libras do Decreto nº 9508/2018, que garante a vídeoprova em Libras, em vigor no dia 25 de setembro de 2018.



Fonte: <<https://www.Librasol.com.br/decreto-9-508-2018-garante-o-video-prova-em-Libras-nos-concursos-da-administracao-publica-federal/>>. Acesso em junho de 2020.

O recorte da figura 5.21 (para mais detalhes, acesse o link que aparece na fonte) apresenta parte do texto explicativo do Decreto nº 9.508/2018, que indica a garantia dos surdos de realizarem vídeoprova em Libras. Esse texto possibilita analisar o quanto os textos informativos (sejam jurídicos, jornalísticos ou outros) têm

um funcionamento específico e tratam de temas em que devam pairar a imparcialidade e a descrição de eventos a serem posteriormente avaliados. No entanto, os textos, ainda que informativos, podem trazer elementos semânticos que induzam o leitor à valoração do autor da produção. De todo modo, há que se valer da imparcialidade opinativa. Esses pontos devem ser trabalhados em sala de aula e com os estudantes surdos, por meio de materiais textuais em Libras, para que posteriormente façam as próprias produções textuais nesse gênero, tratando a imparcialidade na descrição de informações.

→ Usar procedimentos de checagem de fatos noticiados em Libras em espaço digital de circulação dessas notícias (Facebook, Instagram, blogs) e fotos publicadas (verificar/avaliar veículo, fonte, data, local da publicação, autoria, URL, formatação; comparar diferentes fontes; consultar ferramentas e sites verificadores etc.), de modo a combater a proliferação de notícias falsas (*fake news*) muito disseminadas atualmente. Apontar os espaços de conhecimento informativo às comunidades surdas, como canais e programas jornalísticos que disponibilizam tradução para Libras ou propostas informativas diretas em Língua de Sinais (ver figura 5.22).

Figura 5.22: *Covid-19 em Libras*: material produzido por docentes surdos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) para minimizar as falsas notícias sobre a pandemia.



Fonte: <http://www.tilsp.ufscar.br/tilsp_projetos_extensao.html>. Acesso em junho de 2020.

→ Analisar o fenômeno da pós-verdade, discutindo as condições e os mecanismos de disseminação de *fake news* e também exemplos, em Língua de Sinais, causas e consequências desse fenômeno e da prevalência de crenças e opiniões sobre como essas produções comprometem ainda mais as comunidades surdas. Uma vez que não há muitas fontes com produções em Língua de Sinais, os surdos, por vezes, estão reféns de opiniões com pauta restrita de informações. Assim, é preciso adotar uma atitude crítica em relação ao fenômeno de recepção de enunciados discursivos em Libras e desenvolver uma postura flexível que permita rever crenças e opiniões quando fatos apurados as contradisserem.

→ Analisar processos humanos e automáticos de cuidado que operam nas redes sociais e em outros domínios da internet, comparando os *feeds* de diferentes páginas de redes sociais, de que modo as construções induzam a determinadas compreensões, tratando dessas produções em Libras e discutindo os efeitos desses modelos de produções a fim de ampliar as possibilidades de trato com o diferente e minimizar o efeito bolha e a manipulação de terceiros.

→ Acompanhar, analisar e discutir a cobertura da mídia diante de acontecimentos e questões de relevância social, local e global, comparando diferentes enfoques e perspectivas em debates públicos que tenham chegado à Comunidade Surda por meio da Língua de Sinais. Apontar o uso de ferramentas de registro de informação (como agregadores de conteúdo) e da consulta a serviços e fontes de checagem da informação, para, então, aprofundar o entendimento sobre determinado fato ou questão que envolva temas sociais emergentes, mas que tratem de aspectos voltados às minorias surdas e sua inserção em pautas sociais. Identificar o enfoque preponderante da mídia e manter-se implicado, de maneira crítica, com fatos e questões que afetam a coletividade, atentando-se às produções dessa natureza em Libras e ao recente fenômeno de expansão e visibilidade da Libras como língua em que discursos jornalísticos e normativos devem ser veiculados.

O professor pode usar temas e polêmicas sociais com posições contrárias às ações a serem tomadas e que tratam de pontos de vistas e abordagens distintas, como, por exemplo, o documentário *Som e fúria* (ver figura 5.23), que trata de posições diferentes sobre o “implante coclear”. Debater o documentário em sala, e em Libras, considerando as diferentes posições científicas e como essas questões geram polêmicas e variados posicionamentos na Comunidade Surda.

Figura 5.23: recorte do documentário *Som e fúria*.



Fonte: <https://youtu.be/ivq_JWegFgM>. Acesso em junho de 2020.

→ Atuar de maneira fundamentada, ética e crítica na produção de textos informativos em Libras e no compartilhamento de comentários à Comunidade Surda. Textos noticiosos e de opinião devem trazer elementos que apontem a natureza e a justificativa de sua existência, memes, gifs, remixes variados etc. em redes sociais que são de impacto a elas (como memes produzidos a partir da imagem de tradutores e intérpretes de língua de sinais) ou que circulam em outros ambientes e que servem como componentes para composição de opiniões. Trabalhar com a construção de argumentos e justificativas internos ao discurso em Libras selecionado pelo educador. As figuras 5.24 e 5.25 ilustram alguns programas/software gratuitos que podem auxiliar o educador bilíngue no trabalho com diversos temas propostos.

Figura 5.24: software para gif.



Fonte: <https://www.screentogif.com/?l=pt_br>. Acesso em junho de 2020.

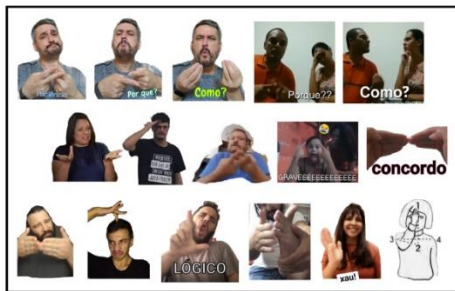
Figura 5.25: software para meme.



Fonte: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.marsvard.stickermakerforwhatsapp&hl=pt_BR>. Acesso em junho de 2020.

Já as figura de 5.26 a 5.28 apresentam algumas sugestões de videotextos em libras que podem ser utilizados nessa atividade.

Figura 5.26: alguns memes em Libras produzidos pela/na/para a Comunidade Surda.



Fonte: aplicativo Sticker Maker.

Figura 5.27: discurso de militância pela Profª. Dra. Patrícia Rezende, em audiência pública no Senado Federal.



Fonte: <<https://youtu.be/316anFiRIIY>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.28: programa Roda viva, no YouTube, com interpretação para Libras.



Fonte: <<https://www.youtube.com/user/rodaviva>>. Acesso em junho de 2020.

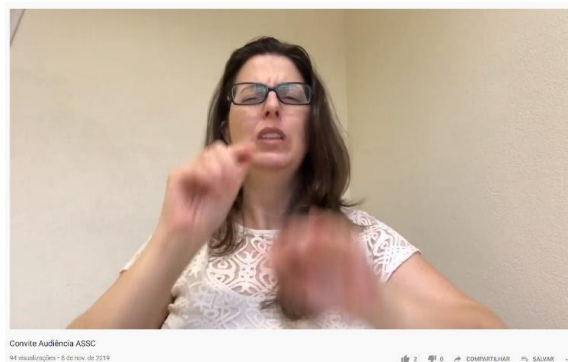
→ Analisar formas contemporâneas de publicidade em contexto digital direcionadas às comunidades surdas e peças de campanhas publicitárias e políticas (cartazes que trazem imagens em Libras, vídeos de anúncios em Libras, propagandas em diferentes mídias com convite à participação de eventos etc.), explicando os mecanismos de persuasão utilizados nesses meios e o uso de imagens não verbal como elemento importante para a produção desse gênero em Libras. Observar os efeitos de sentido provocados pelas escolhas feitas em termos de elementos e recursos linguístico-discursivos em Libras, imagéticos, gestuais e espaciais; expressões não manuais, como o olhar para a câmera e o foco para entoar a ideia de adesão à participação surda em determinado tema exposto. De modo semelhante, observar a organização sintática desse gênero (notícia/convite à adesão a um movimento) que tem uma chamada padrão “Estou aqui por quê?”, entre outros elementos, destacando valores e representações de situações, grupos e configurações sociais das comunidades surdas veiculadas, a fim de desconstruir eventuais estereótipos e proceder a uma avaliação crítica da publicidade e das práticas de consumo das pessoas surdas.

Figura 5.29: convite à participação em corrida solidária (ASSC).



Fonte: < <https://www.youtube.com/watch?v=0CtVLjh--lk>>. Acesso em junho de 2020.

Figura 5.30: convite à participação em audiência pública em São Carlos (SP).



Fonte: <<https://youtu.be/vtEUCR600h4>>. Acesso em junho de 2020.


Figura 5.31: exemplo de uma possível estruturação frasal em Libras para iniciar retórica para convites a manifestações e movimentos. Organização inicial da sentença na Libras produzida no vídeo.




Fonte: <<https://youtu.be/vtEUCR600h4>>. Acesso em junho de 2020.

→ Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global que envolvam também a Comunidade Surda: notícias, foto-denúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários em Libras, infográficos, vídeo em Libras, noticiosos, artigos de opinião em Libras, críticas da mídia feitas na Língua de Sinais, vídeos de opinião disponibilizados pela Comunidade Surda, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas e ensaios videogravados) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis em repositórios de produções literárias representativas da Comunidade Surda. Trazer surdos que representam esses espaços e estão nas mídias, vivenciando de maneira significativa o papel de repórter, analista, crítico, articulista, leitor, *youtuber*, entre outros. Caso não encontrem referências surdas nesse âmbito, discutir com os estudantes a razão para a falta de representatividade surda nesses espaços e de que modo é possível avançar nessa direção.


Figura 5.32: canais em libras produzidos por surdos/as e ouvintes bilingues




É Libras
18,2 mil inscritos • 62 vídeos
Vem bater um papo com a gente sobre os diferentes temas que envolvem a Comunidade Surda, a Libras e os relacionamentos ...




Isflocos
20,6 mil inscritos • 45 vídeos
Olá! Me chamo Gabriel Isaac e este é o canal do Isflocos. Aqui falarei sobre todo tipo de conteúdo. Opa! Sou ariano, mas sou do ...



Kitana Dreams
18,1 mil inscritos • 99 vídeos
Drag queen, Maquiadora e Crafter. Sou apaixonada por artesanato, decoração, contos de fada, maquiagem, moda, essas coisas ...



Léo Viturinno
41,7 mil inscritos • 95 vídeos
Este canal foi criado em agosto de 2016. Sou Léo Viturinno, professor universitário de Libras, youtuber, nordestino/baiano, surdo ...



Nathalia da Silva
16,1 mil inscritos • 170 vídeos
Pisciana, Maquiadora e Youtuber, São Bernardo do Campo - SP. Nasci surda e me comunico através de Libras. Apaixonada por ...

Fonte: produzido pelos autores.

Campo de atuação 5 –

Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas comunidades surdas

- Compartilhar sentidos construídos na recepção de textos literários em Libras, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos pela Comunidade Surda, a fim de exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica do estudante surdo.
- Participar de eventos (saraus com tradução de músicas em Libras; competições de produções “face a face” na Língua de Sinais; mostras; festivais; feiras culturais e literárias em Libras; rodas e clubes de contação de histórias em Libras; associações de surdos e eventos culturais representativos da comunidade; jograis; repentes; slams etc.), também para socializar obras da própria autoria dos estudantes em Língua de Sinais (poemas; contos e suas variedades; roteiros e microrroteiros; vídeominutos; playlists comentadas de música traduzidas em Libras etc.) e/ou interpretar obras de outros, inclusive com versões para a Língua de Sinais, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.
- Analisar assimilações e rupturas no processo de constituição da literatura surda brasileira, de que modo ela está se configurando e os espaços de registro dessas obras ao longo de sua trajetória, por meio da leitura/recepção e análise de obras fundamentais do cânone ocidental traduzidas para a Libras, em especial da literatura portuguesa, a fim de perceber a historicidade de matrizes e procedimentos estéticos, bem como registros históricos da Língua de Sinais e suas matrizes em relação a outras Línguas de Sinais.
- Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários em Línguas de Sinais (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas; a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas; a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances; a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia surda etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura surda (ver quadro 5.2).

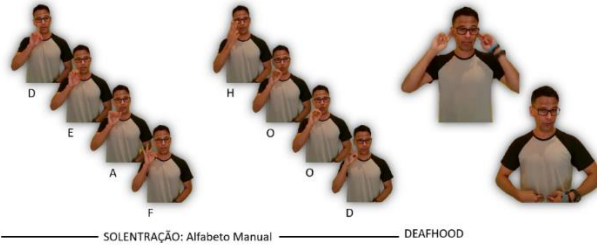


Quadro 5.2: Materiais virtuais de apoio ao professor de Libras L1.
Diferenças literárias (tradução/adaptação/criação).

CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA EM LIBRAS	
LITERATURA EM LIBRAS: tradução cultural	
<p>A tradução cultural tem como objetivo o acesso à literatura na própria língua do sujeito surdo. Permite às crianças conhecerem as histórias da literatura convencional, por meio da Libras, das expressões claras, do uso de classificador e dos sinais dos personagens da história. Assim, já existem alguns materiais disponíveis em Libras, em especial da Editora Arara Azul por exemplo, <i>Alice no país das maravilhas</i> (2002); <i>Iracema</i> (2002); <i>O alienista</i> (2004); <i>As aventuras de Pinóquio</i> (2003); <i>O gato de botas</i> (2011); <i>Uma aventura do Saci-Pererê</i> (2011); <i>João e Maria</i> (2011); <i>O soldadinho de chumbo</i> (2011).</p>	
Links	
→ Contação de Histórias: < http://tvines.org.br/?page_id=16877 >.	
→ Acessibilidade em bibliotecas públicas: < https://youtu.be/VNAGewpfJGQ >.	
LITERATURA EM LIBRAS: adaptação cultural	
<p>“Não sabemos quem contou esta história pela primeira vez. Ela foi sendo recontada entre os surdos e nós resolvemos registrar e divulgar este belo texto. A maioria das pessoas conhece a clássica história da Cinderela. Nosso objetivo, neste texto, é recontar essa história a partir de uma outra cultura, a cultura surda. Assim, esse livro foi construído a partir de uma experiência visual, com imagens, com o texto reescrito dentro da cultura e identidade surda e da escrita da língua de sinais, conhecido também como <i>SignWriting</i>” (HESSEL et al., 2003, p. 5).</p>	
Links	
→ <i>O patinho Surdo</i> : < https://youtu.be/2MxZfgc0u8M >.	
→ <i>Cinderela Surda</i> : < https://youtu.be/Nvzi3QnLiuQ >.	
LITERATURA SURDA: criação e/ou produção de experiência cultural surda	
<p>“A literatura surda produzida pela comunidade surda é uma manifestação dos sujeitos surdos, ela atravessa o movimento social dos surdos, é um retrato da experiência cultural e das identidades surdas, da maneira de viver a diferença na sociedade” (NICHOLS; 2016, p. 93).</p>	
Links	
→ Arte de Sinalizar: https://www.ufrgs.br/artedesinalizar/	
→ Canal do YouTube de Cláudio Mourão: https://youtu.be/wL7PtoNiY9E	
Elementos estruturais e estilísticos de diferentes gêneros	

O canal do YouTube de Cláudio Mourão traz, em seus vídeos, exemplos desses elementos estruturais e estilísticos da literatura surda. O processo de criação parece de difícil entendimento pelos teóricos, por não haver muitos materiais produzidos e registrado sobre a manifestação de singularidades das pessoas surdas. Por isso, há a necessidade de uso da tecnologia para o devido registro, tornando-se um material de acesso público. Durante a tentativa de leitura do texto em Libras, é possível perceber no cenário da figura 5.33, o significado linguístico e estilístico que o autor escolhe em seu discurso. Nesse contexto, o momento criado, quanto ao cenário de gravação, é uma escolha estilística para o texto/poesia. O papel do professor de Libras, nesse sentido, é trabalhar com a diversidade estilística de gravação em materiais de produção de literatura surda em Libras e apresentar aos estudantes meios para analisar e compreender a estrutura específica desse gênero. A figura 5.33 oferece um recorte de um vídeo de poesia, com trechos da obra. O aluno poderá perceber elementos estruturais e estilísticos do contexto (ver também quadro 5.3).

Fonte: elaborado pelos autores (2020)

Figura 5.33: Glosa da poesia em Libras “Deafhood”, de Claudio Mourão.

		
SOLETRAÇÃO: D-E-A-F-H-O-O-D		DEAFHOOD
		
POESIA	SURDIDADE	DEAFHOOD
		
RAIZ	RAIZ-FIRME	ÁRVORE

 <p style="text-align: center;">LIBRAS E/OU LÍNGUA DE SINAIS</p>	
CORDÃO UMBILICAL LIGADO À ÁRVORE	LIBRAS E/OU LÍNGUA DE SINAIS

Fonte: <<https://youtu.be/wL7PtoNiY9E>>. Acesso em junho de 2020.

Quadro 5.3: Tradução/adaptação da poesia *Deafhood*.

PROPOSTA DE TRADUÇÃO 1	PROPOSTA DE TRADUÇÃO 2
<p>“Ser surdo é ter uma raiz como aço ligado em minha natureza e não tem como tirar essa ligação própria da minha língua de sinais.”</p>	<p>“Ser surdo é ter a experiência visual ligada entre meu corpo surdo, a língua de sinais e as comunidades surdas que são como raízes de minha constituição.”</p>

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

O professor poderá produzir um diálogo com os estudantes sobre as traduções possíveis para o poema. Como cada um fez a própria leitura, as diferentes percepções se dão com o contato com o texto poético em Libras.

→ Analisar relações intertextuais e interdiscursivas entre obras de diferentes autores traduzidas para a Língua de Sinais e gêneros literários em Libras de um mesmo momento histórico e de momentos históricos diversos, explorando os modos como a literatura surda e as artes em geral se constituem, dialogam e se retroalimentam. Trazer a compreensão da novidade e da constituição desses campos e de estudos linguísticos dessa natureza nas Línguas de Sinais.

→ Selecionar obras contemporâneas do repertório artístico-literário produzidas por pessoas surdas segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir, e intervir com autonomia e criticidade, no meio cultural surdo. Resgatar e auxiliar o estudante surdo a construir uma base de referência histórica surda para si e suas produções enunciativas como sujeito surdo.

→ Analisar obras significativas da literatura surda brasileira e da literatura de outros países, com produções surdas em língua de sinais. Olhar as produções de povos indígenas e o uso da língua de sinais nesses espaços – a cultura africana surda e a latino-americana surda –, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção, tanto das traduções como das feitas diretamente em Língua de Sinais (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente e as inquietações da Comunidade Surda (ver quadro 5.4).

Quadro 5.4: Materiais virtuais de apoio ao educador bilíngue.

PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM LIBRAS	SITE
LIBRANDO - Compartilhando Literatura Surda	https://librando.paginas.ufsc.br/
ARTE DE SINALIZAR	https://www.ufrgs.br/artedesinalizar/
BIBLIOLIBRAS	http://www.bibliolibras.com.br/
MÃOS AVENTUREIRAS	https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/
#CASALIBRAS, TILSP	http://www.tilsp.ufscar.br/tilsp_projetos_extensao.html

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

→ Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros em Libras; filmes com temáticas voltadas às pautas da Comunidade Surda; espetáculos de teatro e dança em Língua de Sinais e produzidos por surdos; exposições etc. (resenhas, literários em Libras e artísticos, *playlists* comentadas, fanzines, e-zines etc.).

Sugere-se a produção de portfólio em Libras e, portanto, vídeogravado, agrupando os temas.

→ Criar obras autorais em Libras, em diferentes gêneros dessa língua e com uso de mídias, mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico – e/ou produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, *fanclipes* etc., buscando esses materiais, se possível na língua de sinais), como um modo de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário produzido na

Libras. Quais elementos linguísticos há nesse gênero? Quais elementos verbais e não verbais?

O professor, diante das variadas produções literárias destacadas, deve incentivar a construção de textos literários autorais. Para isso, apresentará propostas literárias feitas por surdos e ouvintes em Libras, de modo que o estudante tenha parâmetros para a produção autoral (individual e em grupo).

Certamente, o esforço de descrição de propostas de atividades em cada campo de atuação contempla a compilação de conteúdos fundamentais a serem trabalhados no Ensino Médio com estudantes surdos. Esta proposta norteadora deverá se dar ao longo dos três anos de formação, na área do aprendizado de Libras como L1, e resultará em uma contínua melhoria da inserção crítica do estudante surdo na sociedade: do ingresso na universidade e na vida acadêmica, às relações sociais estabelecidas, e na inserção no mundo do trabalho. Todas essas interações produzidas por meio da linguagem. Atuar de maneira reflexiva, tendo a Libras como primeira língua pautada para a análise metalinguística e para o desenvolvimento do pensar o mundo sobre e com ela, é, sem dúvida, o ponto inicial para o avanço de propostas educacionais bilíngues.

7. Diálogos interdisciplinares com a Libras

Após apresentação e descrição de algumas atividades possíveis com base em cada temática trabalhada nos cinco campos de atuação, este capítulo discorre sobre a transversalidade posta neste currículo, tanto com os anos anteriores de ensino como com os conteúdos de relevância, em outras áreas de atuação, nessa etapa. Vale ressaltar que a conexão proposta na Educação Básica e entre os conhecimentos se dá na BNCC na medida em que esse documento aponta a construção de itinerários formativos, já apresentados no início deste material.

O currículo e a interdisciplinaridade da Libras no Ensino Médio em diálogo com os eixos transversais do Ensino Fundamental

A proposta curricular, para além de trazer conhecimentos acerca do funcionamento da linguagem, requer a articulação com outras áreas de conhecimento de modo a articular o uso da língua para a vida, e não apenas como uma disciplina separada que não dialoga com o universo de vida real do estudante. Ademais, é preciso afirmar que a produção curricular do ensino da Libras como L1 no Ensino Médio e na EJA segue em diálogo com as propostas de progressão do ensino dessa língua desde a Educação Infantil e tratada ao longo da vida escolar.

Para o trabalho docente no ensino de Libras como L1 no Ensino Médio Bilíngue de Surdos, pretende-se:

- Relacionar o texto em Libras (por meio de mídias digitais, registros em vídeos e registros escritos usando a escrita de sinais), tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação e as limitações de acesso à Comunidade Surda.

- Estabelecer relações entre as partes do texto em Libras, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos (na Língua de Sinais, o uso do espaço e mudanças corporais no movimento do corpo que indicam elementos de coesão) diversos que contribuam para a coerência; a continuidade do texto e sua progressão temática; e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência em Libras; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.) construídas no discurso em Língua de Sinais.
- Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas em produções discursivas na Língua de Sinais. A análise de discursos em Libras deve propiciar a identificação de posicionamentos (argumentação e contra-argumentação, e de que modo isso é marcado em textos em Libras) ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

8. Elementos e formas de avaliação de Libras

Para a continuidade do texto e a apresentação de possibilidades e recursos de avaliação dos estudantes, vale ressaltar que as produções textuais em Libras devem ser sempre mediadas por recursos tecnológicos de filmagem para captura da produção discursiva e para a exposição e análise dos textos, ou seja, o desenvolvimento analítico linguístico do estudante surdo demanda recursividades tecnológicas. Esse aspecto é fundamental para a disciplina de Libras como L1. Uma proposta bilíngue de ensino de Libras (língua gestuovisual) demanda investimento para o espaço escolar e para as salas de aulas, de modo que possibilite ao docente e ao aluno gravar e analisar posteriormente suas produções e de colegas. A tecnologia, nesse sentido, é fundamental para o registro, dada a modalidade dessa língua. Esse elemento estratégico, funcional e físico é pré-requisito para uma proposta curricular que contemple a disciplina de Libras como primeira língua em unidades educacionais bilíngues de ensino com alunos surdos.

O educador bilíngue deve avaliar as produções textuais dos estudantes surdos nos variados gêneros discursivos propostos nessa etapa dentro dos cinco campos de atuação descritos neste currículo de ensino de Libras, de modo que devem oferecer atividades em que o estudante possa apresentar as competências desenvolvidas no discurso verbal, por meio de apresentações como seminários de desenvoltura de um tema, no qual tenha que mostrar o uso da língua, sua retórica e a compreensão que faz sobre a temática. É preciso trabalhar estratégias e modos de trocas coletivas, portanto há que se incentivar atividades em grupo para que mostrem os combinados, o planejamento e as negociações na equipe.

É importante apresentar a compreensão de leitura de textos em Libras e suas considerações quando indagado presencialmente (face a face), bem como avaliar a produção e a análise crítica quando submetidas à formalidade de um registro, dadas as especificidades e as particularidades de cada gênero, conforme as habilidades que serão investidas no decorrer das aulas. Quatro habilidades do estudante surdo serão avaliadas pelo educador de Libras como L1 ao longo dos três anos do Ensino Médio e

da EJA, a saber: 1) **recepção** das produções em Língua de Sinais; 2) **compreensão** de textos discursivos em Língua de Sinais; 3) **produção** de textos de diferentes naturezas e com objetivos distintos em Libras; e 4) **análise** linguística/semiótica dessa língua, destacando a modalidade gestual-visual desse idioma (ver quadro 7.1).

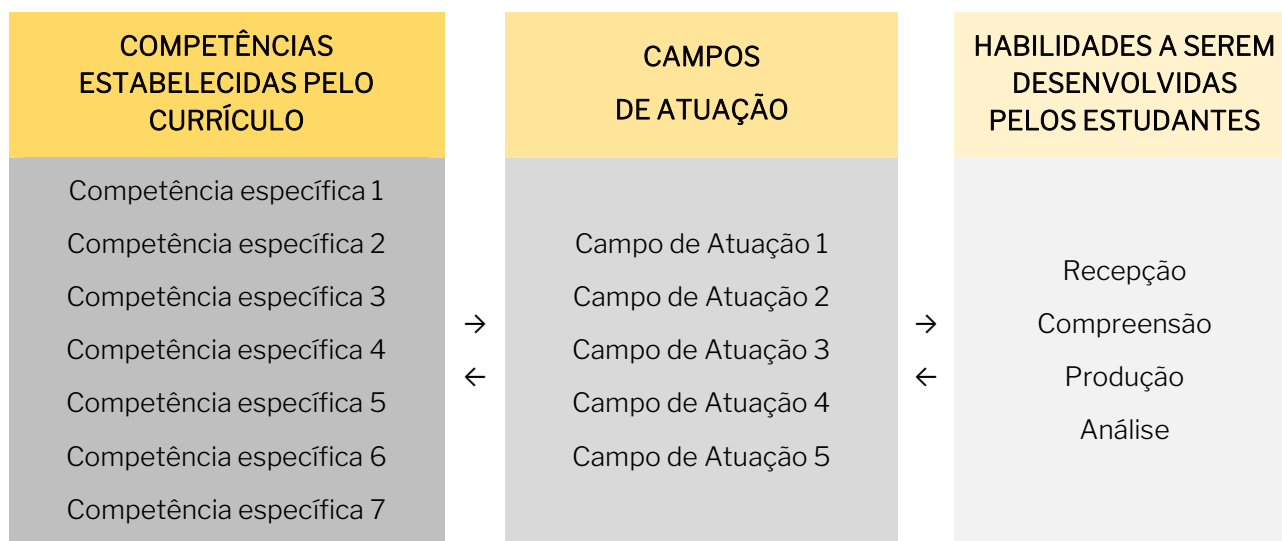
Recepção/compreensão

Esse contínuo entre os campos recepção e compreensão são habilidades interligadas e que podem ser avaliadas com projetos unificados. Aqui as atividades propostas se preocupam em desenvolver uma recepção/leitura crítica de mundo e do funcionamento da Libras, trazendo elementos distintos e com maior complexidade em cada um dos três anos. A *recepção* se refere aos dispositivos que possibilitam a expansão crítica do conhecimento que será avaliado pelas estratégias de atividades que possibilitem ao educador mensurar a compreensão de leitura de mundo crítica nas diferentes posições discursivas que o estudante deve tomar. Diz respeito a ações dialogadas de modo verbal em cenário de enunciação livre. Deve-se desenvolver atividades que facilitem a interação argumentativa “face a face” em discurso sinalizado de modo presente. Rodas de conversa, atividades de debate, seminários, entre outras propostas facilitam verificar a posição argumentativa do estudante surdo em uso real da Língua de Sinais.

Produção/análise

Esse contínuo desenvolvimento esperado do estudante surdo (em relação aos conteúdos descritos) deve envolver práticas e registro/textos em Língua de Sinais para a percepção da produção do estudante quando submetido ao registro argumentativo em Libras e que demandam a sinalização registrada e uma avaliação do cenário proposto. Portanto, o professor deve pontuar que atividades favorecem essa avaliação, tanto na estrutura formal e informal do registro em Libras (literário, midiático, texto informativo), quanto nos critérios de avaliação da análise crítica que o estudante surdo construiu.

Quadro 7.1: Síntese das dinâmicas de interação do currículo de Libras L1 e seu ensino



Fonte: elaborado pelos autores (2020).

Para exemplificar melhor o quadro 7.1 faz-se necessária uma explicação sobre de que modo o professor pode construir seu plano de ensino para o ensino da Libras como L1, entendendo a construção geral proposta neste documento. O quadro 7.1 retrata que o currículo se propõe a trabalhar com sete competências (descritas no Capítulo 4), ao longo dos três anos do Ensino Médio. Cada uma dessas competências pode ser retrabalhada (em mais de uma atividade e campo de atuação), de modo que o estudante tenha uma maior profundidade analítica e melhore seu desempenho. As competências serão trabalhadas por meio dos cinco campos de atuação do Ensino Médio e da EJA, que vai do nível individual ao social, ou seja, destacam-se o uso da linguagem e a internalização dela pelo sujeito, e a interação da linguagem com o outro, em espaços sociais variados e com gêneros específicos mobilizados em cada esfera social: da associação de surdos às práticas científicas que fazem uso da língua e colocam a linguagem em ação real e prática. É importante salientar que um campo de atuação pode trabalhar com quantas competências forem relevantes a ele. As competências foram descritas anteriormente. Então, ao trazer um tema, o docente deve dizer a que campo determinado conteúdo pertence (dos cinco) e quais as competências (das sete) serão trabalhadas naquela proposta. Por fim, ele deve mostrar como serão as atividades avaliativas que verificarão as quatro habilidades do estudante naquele tema: recepção/compreensão e produção/análise.

Retoma-se essa síntese, portanto, sobre a avaliação dos conteúdos apreendidos pelo estudante surdo em contexto de ensino da Libras como L1 (ver quadro 7.2), na expectativa de que em cada temática apresentada, nos cinco campos de atuação, o aluno possa ampliar suas habilidades linguísticas por meio de novas

competências desenvolvidas, na medida em que lhe são apresentados os conteúdos fundamentais dessa etapa – que serão descritos com sugestões de práticas de ensino no decorrer deste texto.

Quadro 7.2: proposta de avaliação pelos docentes sobre os conteúdos de Ensino Médio e EJA.

ENSINO MÉDIO/EJA				
CAMPO 1	Habilidades	1º ano	2º ano	3º ano
	Recepção			
	Compreensão			
	Produção			
	Análise			

ENSINO MÉDIO/EJA				
CAMPO 2	Habilidades	1º ano	2º ano	3º ano
	Recepção			
	Compreensão			
	Produção			
	Análise			

ENSINO MÉDIO/EJA				
CAMPO 3	Habilidades	1º ano	2º ano	3º ano
	Recepção			
	Compreensão			
	Produção			
	Análise			

ENSINO MÉDIO/EJA				
CAMPO 4	Habilidades	1º ano	2º ano	3º ano
	Recepção			
	Compreensão			
	Produção			
	Análise			

ENSINO MÉDIO/EJA				
CAMPO 5	Habilidades	1º ano	2º ano	3º ano
	Recepção			
	Compreensão			
	Produção			
	Análise			

Fonte: elaborado pelos autores (2020).

O documento em arquivo Excel do quadro 7.2 estará nos anexos deste material. Com base na descrição dos conteúdos dos cinco campos, realizada neste documento, e levando em consideração a realidade social de ensino dos alunos, o professor poderá produzir uma síntese do trabalho em cada ano escolar, no que tange ao ensino de Libras como L1. O educador deverá descrever como se dará a avaliação de cada habilidade de acordo com o tema proposto em cada um dos campos. Essas descrições podem ser usadas para o planejamento pedagógico e o plano de ensino de Libras L1 no Ensino Médio e na EJA (dessa etapa). Destaca-se a proposta dos quatro elementos fundamentais ou habilidades que o aluno deve desenvolver.

Com o entendimento de que a avaliação deve ser sempre contínua e processual, o professor de Libras dessa etapa de ensino, sabendo da interconexão entre os campos de atuação, poderá propor um processo longitudinal que leve em consideração as produções individuais e coletivas, o trabalho discursivo em grupo e individual de modo que consiga mensurar a crescente do processo argumentativo, ativo, produtivo e criativo do estudante surdo com o uso da linguagem.

9. Indicações para professores em formação e pesquisa

Entendendo que a formação de professores deve ser contínua, são sugeridos materiais de apoio que poderão ser levados em contato no ensino de Libras numa perspectiva interdisciplinar, e ainda indicações de pesquisas, que não devem ser entendidas como prescritivas, mas sim reflexivamente à práxis que envolve todo o processo de ensino e aprendizagem de maneira global, respeitando a realidade local e de uso comunicativo efetivo que os educandos exercem socialmente.

Indicações de materiais de apoio

Para os professores de Ensino Médio e EJA que atuarão numa perspectiva interdisciplinar do ensino de Libras, são indicados materiais que possam dialogar com as áreas de Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas.

Para todas as áreas pode ser usada o Manuário Acadêmico e Escolar desenvolvido pelo INES, com dicionários onomástico e temático, biografias, curiosidades e outras informações.³ No dicionário temático, encontram-se sinais específicos das diferentes áreas escolares.

A página dos glossários de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina⁴ apresenta sinais das áreas de Letras-Libras, Arquitetura, Cinema, Psicologia e Literatura, com a possibilidade de desenvolvimento e ampliação de mais áreas. Os glossários permitem a busca pelo sinal, pelo português e pelo inglês. Pelo sinal, dentre outras funcionalidades, pode-se realizar a busca por configuração de mão e localização do sinal. Ao selecionar o sinal é possível ver como se realiza sua produção, e ver definição, exemplo e possíveis variações.

³ Ver: <<http://www.manuario.com.br/>>.

⁴ Ver: <<http://glossario.Libras.ufsc.br/>>.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilíngue, além de ter um canal no YouTube⁵ com diversos vídeos relacionados às áreas educacionais, também traz em seu site⁶ a *Revista Multimídia Bilíngue*, que mostra e discute trabalhos realizados durante o curso, materiais didáticos e glossários de química, animação, design, fotografia, português e literatura etc.

Indicações para realização de pesquisas

Além das referências que embasaram a tessitura deste texto, a bibliografia a seguir também serve como mais um instrumento de aprofundamento acerca de pesquisas já realizadas.

1. ANDRADE, B. L. L. de. *A tradução de obras literárias em língua brasileira de sinais – antropomorfismo em foco*. 2015. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
2. BATISTA, C. A. *O desenvolvimento da competência comunicativa intercultural de surdos aprendizes de inglês: a internet como meio*. 2015. 185 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
3. CORREA, F. S. *Língua Brasileira de Sinais: expressões inovadoras*. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
4. COSTA, E. da S. *O ensino de química e a Língua Brasileira de Sinais – sistema SignWriting (LIBRAS-SW): monitoramento interventivo na produção de sinais científicos*. 2014. 250 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.
5. MACHADO, F. de A. *Antologia da poética em língua de sinais brasileira*. 2017. 92 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
6. MACHADO, F. de A. *Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira*. 2013. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
7. MALLMANN, F. M. et al. A inclusão do aluno surdo no ensino médio e ensino profissionalizante: um olhar para os discursos dos educadores. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 20, n. 1, p. 131-146, jan./mar. 2014.
8. MONTEIRO, M. S. *A interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições*. 2015. 250 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

⁵ Cf.: <<https://www.youtube.com/c/ifscpalhocabilingue/videos>>.

⁶ Cf.: <<http://palhoca.ifsc.edu.br/>>.

9. PONTIN, Bianca Ribeiro. *Implante coclear: discursos e processos de normalização dos sujeitos surdos*. 2014. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
10. SANTOS, A. R. dos. *Comunicação e Facebook: a produção de conhecimento na mão do aluno surdo*. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
11. SILVA, I. B. da. *Libras como interface no ensino de funções matemáticas para surdos: uma abordagem a partir das narrativas*. 2016. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
12. SILVA, P. S. da. *Aspectos do processo de ensino e aprendizagem de um grupo de estudantes surdos do ensino médio*. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2016.
13. SILVEIRA, C. H. Humor na cultura surda: piadas na língua de sinais. In: ANPED SUL, 10., 2014. *Anais X ANPED SUL*. Florianópolis: 2014.
14. SILVEIRA, C. H. *Literatura surda: análise da circulação de piadas clássicas em língua de sinais*. 2015. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
15. SUDRE, E. C. *O ensino-aprendizagem de alunos surdos no ensino médio em classe de ensino regular*. 2008. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Considerações finais da Parte VII

Para finalizar, vale a pena uma síntese da proposta geral, bem como uma retomada da contextualização do cenário educacional de inclusão das pessoas surdas e os desafios, ainda presentes, para a implantação de propostas educacionais bilíngues para esses estudantes. Este capítulo intenta trazer aspectos finais que possam contribuir para a contínua formação de professores bilíngues de surdos, bem como para o incentivo à pesquisa na área.

É bem conhecido o desafio atual para a consolidação da tão almejada política bilíngue para surdos (Libras/Língua Portuguesa), a qual as comunidades surdas defendem. Isso porque há pelo menos duas realidades educacionais, muito distintas e que devem ser pontuadas: municípios que têm instituições escolares bilíngues (ou as chamadas escolas de surdos) e outros em que a quantidade reduzida de público não permite a construção dessas escolas, mas inserem programas educacionais bilíngues em escolas inclusivas, com salas e/ou classes bilíngues. No entanto, as duas opções não são uma realidade em todo o Brasil, porque também há instituições onde não existem salas bilíngues de surdos, mas que defendem a educação do surdo comum entre surdos e ouvintes e, por vezes, contratam intérpretes educacionais (profissionais contratados para mediar os discursos escolares do português para a Libras e vice-versa, atuando na educação de pessoas surdas. Sobre sua atuação, há várias formas de entendimento que se modificam: nomenclaturas de contrato; funções assumidas em sala de aula; tipos de formação exigida; nível de formação, se médio ou superior; tempo de contato; e conhecimento da Língua de Sinais).

Essas disparidades políticas ampliam outras questões a serem enfrentadas: a contratação de profissionais capacitados (com formação específica) para a interpretação e o ensino da Libras, incluindo a inserção da Libras no currículo escolar como disciplina obrigatória para ouvintes, portanto com metodologias de segunda língua, e para os surdos como primeira língua – em salas nomeadas bilíngues, mas com público misto. Desse modo, para além da construção do currículo descrito sobre o ensino da Libras como L1, é preciso assegurar a criação de uma política pública educacional e linguística que invista na formação continuada dos professores

educadores que atuarão com esse currículo, a garantia de que a disciplina de Libras seja implementada na escola, na obrigatoriedade de profissionais docentes bilíngues com formação para tal empreitada, bem como, a garantia dos dois cenários metodológicos: Libras como L1 e L2 para públicos diferentes (surdos e ouvintes).

Vencidas essas questões ainda a serem implementadas e que demandam luta comunitária da militância surda e de pesquisadores envolvidos com tal proposta, qual a intenção, então, deste documento norteador de práticas educativas bilíngues para o currículo da Libras como L1? Justamente atuar na construção dessa política, registrando conteúdos mínimos a serem ensinados para os estudantes surdos que têm, em uma proposta bilíngue, a Libras como a língua de instrução escolar. Isso modifica significativamente o currículo comum já estabelecido na BNCC, porque tradicionalmente se configuram os conteúdos escolares perpassados pela Língua Portuguesa.

Ao afirmar a proposta bilíngue (Libras/ Língua Portuguesa), é preciso olhar as especificidades da Libras no cenário escolar. A ação inquietante com o comum, rumo ao diferente e ético acerca do estudante surdo, é capaz a propor alterações nos conteúdos e nas ações que têm sido construídas e afirmadas com base em uma política educacional essencialmente monolíngue, com a lógica de produção da Língua Portuguesa. A escola como um todo, numa proposta bilíngue para o surdo, se vê atravessada por essa língua, por sujeitos que trazem outras experiências de mundo e de aprendizagens. Elaborar um documento de referência é o primeiro passo para o empoderamento dessa língua e das pessoas surdas num ensino que não pode mais ser centralizado na língua oral.

Todavia, não se pode negar que o processo é longo e que há um gigantesco desafio de construção de conteúdos escolares que historicamente e por muitos anos vinham sendo construídos na Língua Portuguesa no Brasil. Assim, este livro é um primeiro passo nessa direção, e com certeza pode ser aprimorado, mas já é um início de orientações para a diretriz curricular.

Sobre o currículo de Libras como L1 para o Ensino Médio, qual foi o percurso adotado? Tomar como base as orientações da BNCC para essa etapa de escolarização, já que os alunos surdos devem ter acesso aos temas que são sistematizados, avaliados e cobrados em provas posteriores que garantam o ingresso na universidade e no mundo de trabalho, e que tem como bases referenciais legais instituídos, como os da BNCC. O ensino da Libras como L1 no Ensino Médio e na EJA não pode ser apenas uma apropriação gramatical da língua, mas uma apropriação dela como produtora de realidades sociais e fluxo disperso na sociedade: nas notícias, nos discursos, na produção de conhecimento. Por isso, a necessidade de um *continuum* no ensino desse idioma em todos os anos da Educação Básica: da pauta da aquisição da língua (característica específica para a educação de surdos), à apropriação

gramatical da língua em contexto de uso, às análises apuradas de textos e dos variados gêneros linguísticos dessa língua.

Portanto, para finalizar, afirma-se que essa proposta curricular para o Ensino Médio e a EJA, no currículo Libras L1, está subdividida em cinco campos de atuação discursivos: 1. Campo da vida social das pessoas surdas; 2. Campo de atuação das pessoas surdas na vida pública; 3. Campo das práticas de estudo e pesquisa em/de/para Libras e seus usos na Comunidade Surda; 4. Campo jornalístico-midiático e os impactos na Comunidade Surda para os sujeitos que têm a Libras como língua de constituição subjetiva; 5. Campo artístico e literário em Libras e seus usos nas comunidades surdas. Cada um deles tem objetivos específicos e sobre eles estão descritos os conteúdos que devem ser trabalhados durante os três anos de ensino dessa etapa.

Ao final desse período, o aluno deverá desenvolver as sete competências com suas habilidades descritas no texto e que serão trabalhadas na medida em que o professor pontua os temas elencados nos cinco campos de atuação.

Para cada campo com seus objetivos e temas interligados, foram descritos exemplos de locais em que o educador bilíngue de Libras como L1 possa buscar textos em Libras para preparar a aula. Além disso, foi elaborado um quadro no qual o educador pode organizar, em sua escola, e com o grupo de docentes que atuam nessa disciplina, quais conteúdos (de todos os apresentados) serão trabalhados no 1º, 2º e 3º ano, uma vez que, ao final dos três anos, o aluno deve ter acesso a todas as temáticas aqui descritas. Ressalta-se que a avaliação de cada tema, nos campos de atuação, deve ser feita levando em consideração as quatro habilidades do tema: recepção, compreensão, produção e análise.

Os autores esperam que este livro auxilie de modo significativo as práticas educacionais para que se orientem positivamente à aprendizagem de alunos surdos do Ensino Médio e da EJA.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Maria Hermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

BRASIL. Constituição (1988). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, out. 1988. Disponível em: <www.mec.gov.br/legis/default.shtm>. Acesso em: 20 maio 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

LDB – Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em março de 2020.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Base Nacional Comum Curricular*. Educação Ensino Médio. 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 mai. 2020.

KARNOPP, L.; SILVEIRA, C. H. Humor na literatura surda. *Educar em Revista*, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 93-110, 2014.

NICHOLS, G. *Literatura surda: além da língua de sinais*. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

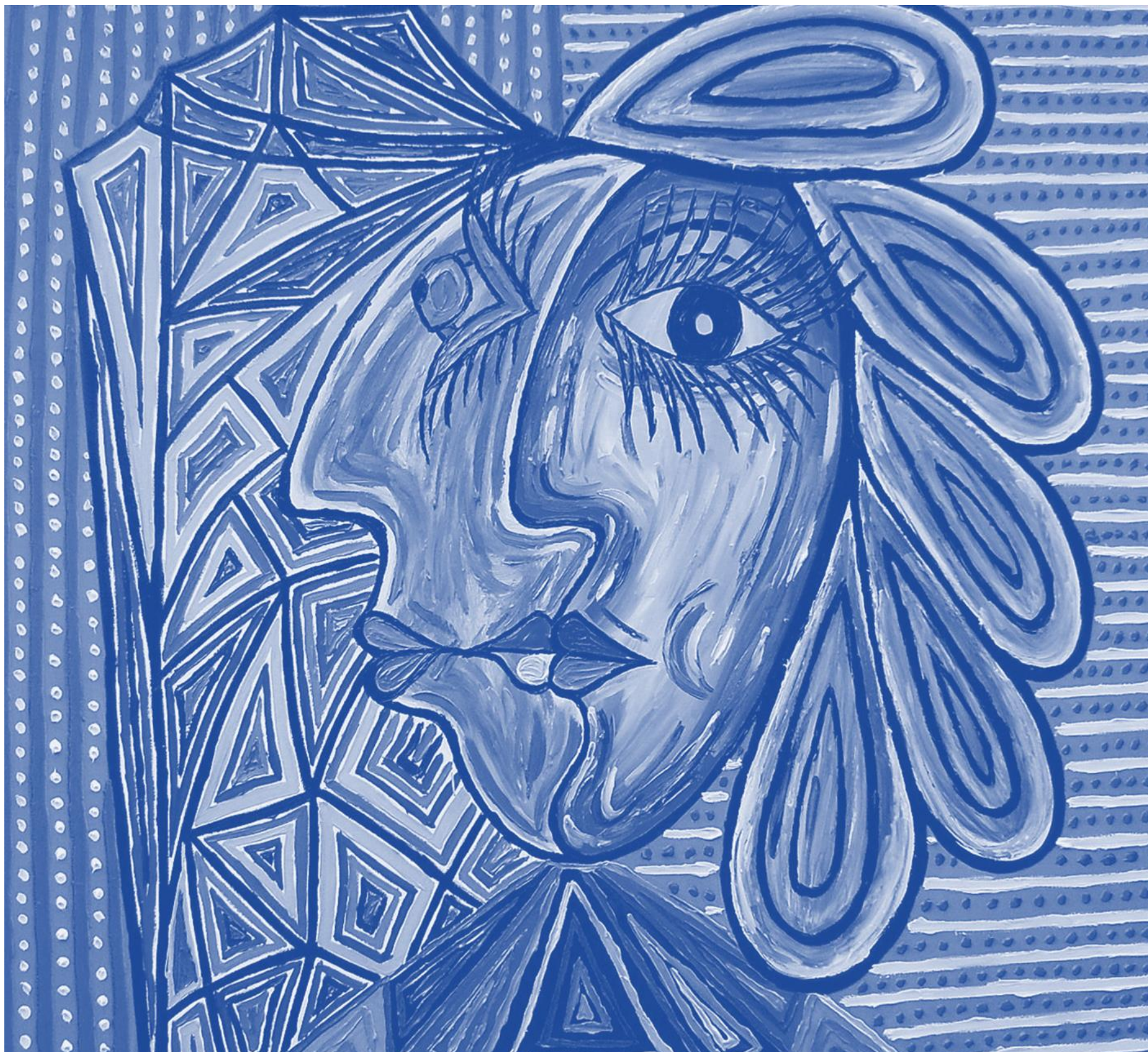
SKLIAR, C. B. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. B. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-31.

ZANCANARO JÚNIOR, L. A. *Desempenho linguístico na Língua de Sinais Brasileira de estudantes surdos de Ensino Médio em escolas inclusivas e em escolas bilíngues para surdos*. 2018. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

**Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na
Educação Bilíngue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

PALAVRAS FINAIS GERAIS:

referenciais para um ensino de Libras
em que os Surdos sejam referência



Pensar em uma política pelas diferenças exige um olhar mais atento às especificidades e suas implicações. Mudanças profundas são requeridas para o estabelecimento da Educação Bilíngue de Surdos. Durante todo o processo de escrita e pensamento desta obra, buscou-se constantemente ter atenção ao significado das diferenças que estão em jogo e como surdos precisam ser considerados como referência de quaisquer coisas ditas, planejadas ou executadas sobre e para os surdos. **“Nada sobre nós sem nós”** é um lema que deve ser defendido por todos neste projeto; conscientes de que nesse jogo de poder e de significações o “nós” deve funcionar na língua e na cultura dos surdos, inegavelmente, com a presença e a participação legítima de pessoas surdas.

A experiência visual, muitas vezes relegada a um segundo ou terceiro plano, deve passar a ser centro das atenções, pois é a base do pensamento e da linguagem dos surdos. Vale reforçar, então, aquilo de que se falou desde a introdução desta obra, passando pelas partes percorridas até aqui: a visualidade é uma competência e uma habilidade dos surdos, portanto, na educação das pessoas surdas, não é uma propriedade dos objetos ou métodos pedagógicos; são os corpos dos surdos, entendidos como construção histórica que se atualiza ao longo da vida e das gerações. A visualidade se aprimora, leva os surdos até a Libras e todas as outras línguas de sinais do Brasil e do mundo, como um dos maiores tesouros da humanidade, manifestado na potencialidade extrema da vida como diferença e alteridade.

Há narrativas surdas acumuladas em registros e nos corpos vividos suficientes para destacar muito dos sofrimentos subjetivos vivenciados pelos surdos, sempre que foram ignoradas suas diferenças, sempre que lhes foi negado o direito de se aperfeiçoarem em suas culturas surdas – desvalorizadas na lógica geral de narrativas institucionalizadas ainda vigentes em diversos espaços; inclusive naqueles ditos “de/para surdos”. Essas narrativas exaltam a Libras e a necessidade de uma comunicação plena com o outro, onde exista a possibilidade de construção da subjetividade, a construção consciente de si mesmo, pela inserção em uma cultura condizente com as potencialidades do corpo da pessoa surda, não acobertada em modelos compensadores que olham os surdos e só veem o que aparentemente lhes falta, veem apenas o potencial que faz a diferença.

As mudanças de paradigma nos últimos anos se inscrevem como resistências. Mover o corpo e as experiências das pessoas surdas para fora dos restritos “muros” das análises clínicas imprimiu novos sentidos ao debate. Mas foi somente quando as próprias pessoas surdas se tornaram autoras desses processos de investigação que



novas epistemologias começaram a emergir, permitindo outras formas de compor e interpretar a vida.

Conforme o avanço do conhecimento no campo das ciências humanas, de visão socioantropológica, os coletivos de surdos não são apenas objeto de uma intenção “pedagogizada” de normalização, mas são potencialmente criadores de sentido e significado para a vida. Esse potencial, esse poder surdo, se manifesta mais explicitamente na Libras. Mas existem inúmeros outros níveis de produção de sentido que só poderão ser percebidos, e talvez investigados, quando barreiras que dividem conhecimentos humanos e a Libras forem derrubadas pela livre circulação dos atores surdos.

Quando se fala em construir um lugar de ocupação, resistência e avanço dos agentes surdos, também se fala do lugar de reformulação das posturas e éticas das pessoas ouvintes, pensadas como um todo, quer saibam Libras ou não. Não se trata aqui de polarizar as relações, mas de apontar as desigualdades no processo histórico de construção das instituições e dos projetos voltados aos surdos. Mesmo hoje, é preciso apontar a urgência da implementação de uma filosofia eficaz e legítima de Educação Bilíngue de Surdos, que ainda encontra visível resistência por grande parte dos profissionais que trabalham na educação de surdos. Esses novos referenciais para implementação real de uma Educação Bilíngue de Surdos necessitam da mudança de paradigmas e, mais do que isso, de referências antes legitimadas como intocáveis e imutáveis. Essas referências nunca foram definidas pelos surdos, e é sobre essa mudança de paradigma que trata esta obra.

Em salas de aulas, lançados como que dissolvidos no sistema educacional, estudantes surdos são vistos como pessoas surdas que necessitam de atendimento especial como se sua dificuldade de aprender fosse causada por serem surdas. Assim, afastadas das potências e heranças das comunidades surdas anteriores, as instituições escolares seguem concretizando, então, a exclusão. Uma exclusão não apenas dos estudantes do sistema formal de ensino, mas principalmente dessas crianças e desses jovens do direito de acessarem o conhecimento como ferramenta de existência para conhecerem e construir a si mesmos.

É necessário superar essas tensões e abrir novos espaços pessoais, nas instituições e nas redes tecidas neste tempo para que outras realidades aconteçam. Por isso, esta obra trouxe tantos convites a reflexões no decorrer de suas páginas. São convites para aquilo que os surdos, como coletivo organizado, apresentam como implicações a serem consideradas em relação à política de Educação Bilíngue de Surdos. Nesse reposicionamento, algumas questões ainda precisam ser consideradas, tais como:



LER EM
LIBRAS



Acesse também pelo link:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLR05wt7Pxbku551l_tiuods_n64GX9DF

1. Questão dos lugares de uso e representação das línguas diante do processo educacional fracassado e da proposta bilíngue constituída sob modelos surdos.
2. Interação interpessoal entre surdos (crianças, jovens, adultos e idosos) que compartilham não só uma língua em transformação, como também semelhanças e identificações nas vivências que acumulam – historicidade e trocas narrativas fundamentais para o desenvolvimento da cultura surda, identidade surda e da própria construção do conhecimento.
3. Aquisição da linguagem em idade adequada por meio de interações sinalizadas para garantir o livre acesso ao conhecimento humano tornando os estudantes surdos capazes de se construírem tanto como sujeitos de um grupo com identidade cultural própria e forte, quanto como cidadãos globais de uma sociedade cada vez mais conectada em rede.

O contexto escolar favorecido pela variação etária e pelo bilinguismo centrado na Libras possibilita que o aluno surdo siga a evolução linguística afirmativamente como surdo, compreendendo entremeios, dúvidas, conflitos e prazeres na complexidade da vida. Os assuntos de um adolescente não são os mesmos de uma criança surda, nem de um adulto surdo. Por outro lado, os conteúdos de Libras desenvolvem no aluno surdo níveis de correção e de competência linguística que refletem a complexidade do pensamento, assim como a construção de uma identidade sólida. Essa reformulação dos modelos que fundamentam a escola em uma perspectiva que centraliza a experiência e os saberes surdos torna a escola esse lugar onde ser “surdo”, tal como as normas de língua e cultura dispõem, é um valor e um meio de interação.

A Libras é uma língua viva, completa, com gramática, funções lexicais articuladas, emergência lexical própria, estruturas complexas; uma língua que soma características naturais e culturais das humanidades surdas. Esses saberes chegam para as crianças surdas pela imersão no cotidiano, em um processo de permanente evolução. Não há momento na vida de uma pessoa surda em que a Libras deixa de se apresentar em novos termos e novas formas de uso, assim como acontece com todas as línguas vivas, em todo mundo. A Libras é completa como língua para ensinar, uma língua que favorece as aprendizagens, motiva e provoca o desejo de aprender. Ela permite o acesso a conhecimentos escolares e gerais, e possibilita a entrada de uma segunda língua, tal como deseja o bilinguismo que faz par linguístico da Libras com o português escrito. A Língua de Sinais é elemento de construção para desenvolver a

identidade, a autonomia, a confiança em si; para acesso à cidadania e integração social, ao patrimônio cultural da humanidade e a uma história própria: a dos surdos.

Na medida em que não se pode falar de uma língua sem deslocar dela a cultura e a interculturalidade como sistema escolar partilhado de duas línguas (Libras e Língua Portuguesa) e culturas, salvaguarda a predominância da língua natural sobre a segunda língua.

No Brasil, esses saberes e o senso de identidade e cultura surda se amplificaram em rede pelo curso de Letras-Libras. Com polos em vários estados e videoaulas simultâneas, uma rede de difusão de conhecimentos surdos, entre surdos e em Libras fortificou algo antes inimaginado. Os surdos brasileiros sempre produziram coletivos em associações e instituições de diversas naturezas, mas tinham um acesso limitado aos bens da sua cultura surda, assim como às produções gerais de seu país. O curso de Letras-Libras, além de institucionalizar os cursos de licenciatura e bacharelado em Libras, incorporou os surdos de 17 estados brasileiros a universidades federais e criou uma comunidade acadêmica em Libras que antes não existia.

Ainda existem grupos isolados e com acesso a pouquíssimas produções. Há surdos em escolas, sem o direito de participar integralmente do que está acontecendo ao seu redor. A implementação de políticas educacionais baseadas em saberes surdos, acredita-se, pode fazer pelas crianças e pelos jovens surdos algo semelhante ao que as políticas para o Ensino Superior de surdos fizeram, até porque esse projeto do Ensino Superior tem como objetivo formar profissionais para atuarem no ensino de Libras, principalmente nas escolas brasileiras da Educação Básica.

Esse fato impulsionou a cultura surda em suas diversas formas de expressão: literatura, audiovisual, poesia, teatro, artes plásticas e outros. Incentivou a publicação de artigos científicos, dissertações e teses de autores surdos.

O movimento de insurgência dos saberes surdos é de escala global e age em microestruturas, buscando espaço em escalas e políticas maiores. A maior prioridade no trabalho da **Federação Mundial de Surdos (WFD, na sigla em inglês)** foi assegurar que os direitos humanos universais fossem realidade para as pessoas surdas em todo mundo. A **Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** apresenta uma mudança de paradigma, de um modelo de deficiência como doença para um modelo de deficiência como parte dos direitos humanos. As pessoas surdas têm direitos civis, políticos, sociais, linguísticos, econômicos e culturais com base na igualdade de todos. Isso requer, principalmente, o reconhecimento da identidade linguística e cultural das pessoas surdas. O princípio de proposições que incluem os anseios de diferentes grupos. O lema "**nada sobre nós sem nós**" é retomado nesta convenção e, novamente, o coletivo provoca o estabelecimento de políticas mais

atuais que incorporem o estado da arte, tanto nas pesquisas, quanto nas demandas dos surdos.

Segundo Stumpf e Quadros,⁷ no encerramento da **II Conferência Internacional da Federação Mundial de Surdos**, ocorrida em Sydney, Austrália, em 2013, a Federação Mundial de Surdos reafirmou seu compromisso de defender os direitos das pessoas surdas por meio de quatro políticas-chave:

1. **Reconhecimento das línguas de sinais:** a língua de sinais é a linguagem primeira e natural das pessoas surdas. O reconhecimento das línguas de sinais é primordial para a promoção da igualdade às pessoas surdas.
2. **Educação:** crianças surdas precisam ter acesso à educação para poder contribuir com a sociedade como adultos iguais. Elas têm direito a adquirir sua primeira língua natural, a Língua de Sinais, e a aprender em ambientes que a respeitem e valorizem. Elas têm direito à educação nos mesmos padrões de qualidade das crianças ouvintes.
3. **Acessibilidade:** pessoas surdas têm direito a participar de todas as áreas da vida cotidiana com bases iguais às dos demais, em língua de sinais.
4. **Interpretação em língua de sinais:** um fator chave para a acessibilidade é o direito à interpretação em língua de sinais. As sociedades devem criar sistemas que proporcionem acesso geral a intérpretes de língua de sinais.

O relatório designado pelo MEC para elaboração de subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue de Surdos (Libras/Língua Portuguesa), indica que a Educação Bilíngue de Surdos deve ser compreendida com base no Plano Nacional de Educação (PNE) para a década de 2014-2024 (Lei nº 13.005/2014), que determina ao poder público:

- “Garantir a oferta de educação bilíngue, em língua brasileira de sinais –Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, aos alunos surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezessete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência” (Meta 4, item 4.7).

⁷ STUMPF, M.; QUADROS, R. *Para além das políticas linguísticas: língua brasileira de sinais*. (no prelo).

- “Apoiar a ampliação das equipes de profissionais da educação para atender à demanda do processo de escolarização dos(das) estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, garantindo a oferta de professores(as) do atendimento educacional especializado, profissionais de apoio ou auxiliares, tradutores(as) e intérpretes de Libras, guias-intérpretes para surdoscegos, professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues” (Meta 4, item 4.13).
- “Apoiar a alfabetização das pessoas com deficiência, considerando as suas especificidades, inclusive a alfabetização bilíngue de pessoas surdas [...]” (Meta 5, item 5.7).
- “Desenvolver indicadores específicos de avaliação da qualidade da educação especial, bem como da qualidade da educação bilíngue para surdos” (Meta 7, item 7.8).

Os presentes referenciais, além de estarem de acordo com as metas e os objetivos das políticas públicas de educação e das determinações legais, ao propor um trabalho de maneira interdisciplinar, que relaciona multimídia e educação, no sentido de formar alunos surdos com as tecnologias de comunicação e informação, contribui com a sociedade, pois possibilita o desenvolvimento de metodologias visuais, necessárias à efetividade didática da Educação Bilíngue de Surdos.

A oferta de um ambiente linguístico para os alunos surdos é decisiva no desenvolvimento individual, na construção das identidades, no acesso ao conhecimento, no relacionamento social, no sucesso escolar e profissional, em todo o percurso futuro e no exercício pleno da cidadania.

Não se pode esquecer de falar, também, da família. As famílias dos estudantes surdos precisam de esclarecimentos. Elas precisam saber do potencial das crianças surdas de se tornarem um ser comunicativo. Precisam, ainda, ser orientadas a levar as crianças surdas ao contato com a comunidade surda para que adquiram naturalmente a Língua de Sinais e possam crescer sendo respeitadas em suas diferenças.

Com muita alegria e satisfação a organização desta obra está concluída. Que ela seja referência consistente para práticas e revisões de postura dos professores de Libras, mas, principalmente, que a implementação e a renovação do ensino de Libras mudem a vida dos estudantes surdos deste país. Que este debate não termine aqui, mas que se transforme, pela prática ativa e crítica destes referenciais, na interação direta com os estudantes surdos.

Os movimentos surdos apontam a construção da história da educação dos surdos, uma história de superação, e não de deficiências, carências e faltas. **A**

Comunidade Surda brasileira se levantou e disse: “Esta é a educação que nós, surdos, queremos!”. Esse é um texto no qual os surdos já apontavam sugestões sobre como os alunos poderiam ser potencializados por políticas educacionais consistentes. Alguns anos depois, este documento que você tem em mãos é, enfim, uma das respostas mais diretas a esse pedido.

Esta obra carrega o eco da vibração desprendida dos punhos erguidos de uma Comunidade Surda que veio antes de desta, que se sente movida por essa luta e atualiza esse desejo apontando, enquanto for necessário dizer, que as pessoas surdas ainda não estão exercendo seus direitos civis e de cidadãs, e nem o direito à educação, tal como se propõe pelo acesso à Educação Bilíngue de Surdos.

Que esta obra transforme as práticas de ensino, sua execução do chão da escola. Que essas práticas perpassem pela ética e pelo respeito aos surdos, levando surdos e ouvintes a uma postura de valorização da língua, da cultura e dos saberes surdos, pois foi com base nesses saberes que esta obra foi pensada.

Viva o poder surdo de se reinventar! Viva a escola que tem como se reinventar a partir das matrizes dinâmicas e poderosas já lançadas! Viva isso tão forte que hoje responde pelo nome de cultura surda!

Prof^ª. Dra. Marianne
Rossi Stumpf



Prof. Me. Ramon Santos
de Almeida Linhares



**INFORMAÇÕES
COMPLEMENTARES**



PEQUENO GLOSSÁRIO ALUSIVO DESTA OBRA

Conheça, em ordem alfabética, alguns **termos importantes** para compreensão dos Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua na Educação Escolar Bilíngue de Surdos

Texto redigido pelos organizadores da obra em parceria com as pesquisadoras Dra. Antonielle Cantarelli Martins (Instituto Ladd) e da Prof^ª. Dra. Francielle Cantarelli Martins (UFPeL).



ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO

Fabio Selanni, DF

Acessibilidade linguística

acessibilidade de conteúdos em vários formatos e contextos, principalmente por meio de tradutor intérprete de Língua de Sinais ou legenda em português.

Análise linguística da Libras

decomposição da Libras para facilitar a compreensão dos traços distintivos de sua estrutura.

Aquisição de linguagem

processo de desenvolvimento de uma língua com base na exposição natural. Expressão tipicamente utilizada para referir-se ao desenvolvimento da primeira língua (L1).

Aquisição tardia

aquisição de língua de sinais na fase posterior à da “janela de oportunidades”, acarretando consequências no desenvolvimento social, emocional e cognitivo de pessoas surdas.

Arbitrariedade das línguas de sinais

quando significado e significante são constituídos de maneira arbitrária; quando não há aparente relação preexistente entre o sinal e o que ele representa.

Áreas de conhecimento

Segundo a seleção proposta pela base curricular, são cinco as áreas de conhecimento: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso. Nesse contexto, a Libras

de inscreve como componente curricular na área de conhecimento da Linguagem, mas também deve ser tomada como língua de instrução e comunicação para além dos tempos destinados ao estudo formal desta língua. Cada uma dessas áreas de conhecimento tem suas competências específicas como modo de desdobramento das competências gerais.

Arte Surda

expressões de surdos nas diferentes linguagens artísticas, como performance, literatura e artes plásticas.

Bilíngue

refere-se a uma situação envolvendo duas línguas.

Bilinguismo surdo

especificidade de bilinguismo caracterizado por conceitos específicos relativos à experiência visual dos surdos, à Língua de Sinais, à cultura surda e à relação com a língua majoritária.

Boia

sinais produzidos com a mão passiva mantida parada no ar, em dada configuração, enquanto a mão ativa continua a produzir outros sinais.

Campo de atuação

Contextos aos quais se deve orientar e problematizar o conhecimento para posicionar os saberes frente as diferentes realidades práticas e cotidianas. Desse modo, “a organização

por campos de atuação [...] aponta para a importância da contextualização do conhecimento escolar, para a ideia de que essas práticas derivam de situações da vida social e, ao mesmo tempo, precisam ser situadas em contextos significativos para os estudantes.” (BRASIL, 2018, p. 84).

Campos de experiência

Para que os estudantes da Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses) possam aprender e se desenvolver no decorrer da Educação Infantil, a base propõe cinco campos de experiência relacionados a identificação de si e do outro, da percepção (de sua corporeidade e das formas de manifestação das coisas no mundo), das formas de expressão (pela produção e recepção de informações linguísticas) e da transformação desses elementos no tempo e no espaço. Os campos de experiência atuam como eixos da educação infantil propondo a progressão dos aspectos ao longo das três fases desse período escolar.

Classe bilíngue

Turma exclusiva de alunos surdos na qual a língua de ensino, instrução, comunicação e interação é a Libras, a ser ensinada como L1, e o português é ensinado em sua forma escrita, como segunda língua (L2).

Classificador

marcador de concordância de gênero: pessoa, animal, coisa; pode vir junto ao

verbo para classificar o sujeito ou o objeto que está ligado à ação do verbo.

Comunidade surda

espaço relacional onde surdos e ouvintes podem interagir, compartilhar vivências, experiências e informações.

Competências

Podemos compreender as competências como “objetivos” a serem mobilizados pelos estudantes da ordem de desenvolvimento do pensamento (consciência, imaginação e raciocínio) pela mobilização de *conceitos* e *procedimentos*. Condições a serem desenvolvidas por interações práticas e verificáveis na condição de suas habilidades associadas.

Competências Gerais: A base curricular brasileira hoje propõe 10 competências gerais que funcionam como fio condutor de toda Educação Básica.

Competências específicas de Área de Conhecimento: As 10 competências se desdobram e influenciam a elaboração de *competências específicas* para cada uma das cinco áreas de conhecimento.

Competências específicas do componente curricular: Por seguinte, para cada componente curricular (“disciplina”) estão dispostas um conjunto de competências próprias derivadas das estipuladas pela área de conhecimento.

Componentes curriculares

Cada área de conhecimento tem seus componentes curriculares. Esse

conceito se aproxima do que antes chamávamos de “disciplinas”. A proposta de tomá-los como componentes de um corpo maior de conhecimento, vem do desejo de marcar a interdisciplinaridade e articulação total dos saberes orientados pelas competências gerais. Por isso, cada um dos componentes curriculares apresentará um conjunto de *competências específicas* desdobrados diretamente dos contextos abertos pelas competências gerais.

Contato surdo-surdo

convívio entre pessoas surdas, imprescindível para a manutenção da cultura e aquisição de identidade.

Contato visual

ato de visualização imprescindível para comunicação em Língua de Sinais.

Cultura surda

conjunto de características que tornam uma pessoa parte da comunidade surda; caracterizada especialmente pelas línguas de sinais.

Datilologia/alfabeto manual

sistema de representação das letras dos alfabetos das línguas orais escritas, por meio de configurações de mão das línguas de sinais.

Deficiente auditivo

é a pessoa parcialmente surda; todo aquele que tem capacidade de ouvir,

apesar de deficiente; tem audição funcional com ou sem prótese auditiva.

Desenvolvimento surdo

desenvolvimento específico de pessoas surdas, atravessado por questões linguísticas, identitárias e culturais.

Diferença surda

peculiaridade identitária, social e linguística das pessoas surdas.

Direitos de aprendizagem

Segundo a base, são “seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento asseguram, na Educação Infantil, as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural.” (BRASIL, 2018, p. 37).

Educação Bilíngue de Surdos

modelo educacional que prima pela aquisição da Libras como L1 e a aprendizagem da Língua Portuguesa como L2. No contexto da Educação Bilíngue de Surdos, a Libras é a língua de instrução, ensino, comunicação e interação.

Escola bilíngue de surdos

é uma unidade escolar da rede regular de ensino, especializada na escolarização e formação integral de estudantes surdos, surdocegos, estudantes com deficiência

auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades/superdotação, assim como de surdos com deficiências associadas. O ensino oferecido nas escolas bilíngues de surdos é mediado pela Libras, que é primeira língua de instrução, ensino, comunicação e interação nessas escolas; além do português escrito, que é língua de instrução, ensinada como L2, de modo a atender às especificidades linguísticas dos estudantes.

Escrita de sinais

sistema de registro gráfico com símbolos que representam constituintes da Língua de Sinais.

Ensino de Libras

ensino de Libras com metodologia de L1 para surdos ou de L2 para ouvintes.

Espacial

o uso de espaço em torno do sinalizante para referir-se a pessoas, coisas e lugares.

Estudos surdos

campo disciplinar que conjuga estudos multidisciplinares no campo das Humanidades, que lida com o estudo sistemático dos fenômenos antropológicos, sociológicos e culturais emergentes nas comunidades surdas e da pessoa surda, em diferentes contextos. Uma área de conhecimento que se articula com a luta e os conceitos epistemológicos e ontológicos, questionando principalmente as interpretações pejorativas a respeito das pessoas, comunidades, línguas e culturas surdas.

Expressões faciais afetivas

conjunto ilimitado de movimentos faciais que expressam emoção; são contínuos e mostram larga variação; presentes também nas línguas orais.

Expressões faciais gramaticais

conjunto limitado de movimentos faciais com comportamentos categóricos ou discretos; componentes como escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema linguístico.

Folclore surdo

conjunto de costumes, lendas e manifestações artísticas preservado pelo povo surdo por meio da tradição e das línguas de sinais.

Gestos

ampla variação de movimentos (manuais, vocais ou faciais) fora do núcleo do sistema linguístico, usados para expressão.

Habilidades

Podemos compreender as habilidades como “objetivos” de ordem práticas a serem desenvolvidas pelos estudantes. Aptidões que expressam saber em agir no mundo a partir das competências e dos conhecimentos como ferramentas para viver no mundo. Apresentam-se como manifestação do desenvolvimento de competências por parte dos estudantes. Elas focam no poder de ação que o estudante terá com o desenvolvimento de certas competências.

Humor surdo

traço com dimensão cultural; chave para a compreensão da cultura surda; o humor e as piadas surdas mostram a valorização das línguas de sinais e da cultura surda.

Iconicidade das línguas de sinais

semelhança que o sinal tem em comum com o objeto que representa; significante motivado pelo representante no mundo real, fenômeno comum nas línguas de sinais.

Identidade surda

categorias múltiplas e heterogêneas de sujeitos surdos emergentes em um processo de identificação entre si.

Implante coclear

dispositivo neuroprotético implantado cirurgicamente que objetiva fornecer o senso de som a uma pessoa com perda auditiva neurosensorial moderada a profunda.

Interculturalidade ou intercultural

interação cultural recíproca, ou seja, entre culturas, enriquecendo o convívio e a integração com respeito pela diversidade e enriquecimento mútuo.

Letras-Libras

nome dado a curso de graduação nas modalidades licenciatura, que visa formar professores capacitados para lecionar Libras; ou bacharelado, que capacita para atuação como tradutor e intérprete de Libras.

Léxico/Lexical

(1) unidade lexical, palavra de uma língua oral ou sinal de uma língua de sinais; (2) lista de palavras ou sinais que uma pessoa adquiriu; (3) lexical é relativo ao léxico. O aprendizado lexical refere-se ao desenvolvimento da linguagem relacionada ao vocabulário.

Língua natural

língua que se desenvolve espontaneamente, em vez de ser inventada artificialmente, e que também é utilizada naturalmente para comunicação em uma comunidade de pessoas.

Língua de Sinais Americana

tradução de American Sign Language (ASL), língua visuoespacial natural da comunidade surda norte-americana e canadense.

Língua Brasileira de Sinais (Libras)

língua visuoespacial natural da comunidade surda brasileira.

Língua de sinais

língua visuoespacial natural das comunidades surdas.

Língua de sinais francesa

língua visuoespacial natural da comunidade surda francesa e de alguns países da África.

Literatura em Língua de Sinais

produção/tradução cultural que objetiva o acesso à literatura geral em língua de

sinais. A literatura em Libras pode ser de origem surda ou não surda.

Literatura surda

manifestação dos sujeitos surdos como experiência cultural e das identidades surdas; literatura produzida por surdos, destinada aos surdos e/ou sobre os surdos.

Mímica

expressão de pensamento por meio de gestos, expressões corporais e fisionômicas.

Modalidade

canal por meio do qual uma língua é produzida e percebida: oral-auditiva (línguas faladas) ou gestual-visual (línguas de sinais).

Movimento Surdo

manifestação coletiva de membros da Comunidade Surda ou de suas organizações na defesa ou promoção de leis que garantam direitos dos surdos: linguísticos, educacionais, culturais, profissionais etc., e que levam ao reconhecimento dos surdos como pessoas com identidade, cultura e língua próprias, além de mudanças de aspectos tradicionais com relação aos surdos, expansão das políticas públicas que tratam de questões como: cultura, Língua de Sinais, educação bilíngue, intérpretes, direitos humanos etc.

Narrativa em Língua de Sinais

exposição de um acontecimento mais ou menos encadeado, real ou imaginário, por meio de uma Língua de Sinais.

Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento

“Na Educação Infantil, as aprendizagens essenciais compreendem tanto comportamentos, habilidades e conhecimentos quanto vivências que promovem aprendizagem e desenvolvimento nos diversos campos de experiências, sempre tomando as interações e a brincadeira como eixos estruturantes. Essas aprendizagens, portanto, constituem-se como objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.” (BRASIL, 2018, p. 44).

Objetos de conhecimento

Os conteúdos estão organizados em *unidades temáticas*, que, por sua vez, incluem dois ou mais *objetos de conhecimento*. Estes desdobram-se em um conjunto de habilidades. São temas, conceitos e processo mais específicos dentre os saberes selecionados na composição das áreas de conhecimento e variam progressivamente ao longo dos anos escolares.

Primeira língua

a primeira língua (L1) ou língua nativa de uma pessoa.

Professor bilíngue

professor fluente em Língua de Sinais e Língua Portuguesa (oral e/ou escrita, quando possível) capacitado para atuar na Educação Bilíngue de Surdos.

Produção sinalizada

obras em Libras, produzidas em diferentes gêneros e propósitos, apresentadas em videolibras, como anúncios, listas de poesia, notícias, reportagens, contos e ensaios em vídeos ou escrita de Libras.

Pantomima

expressão de sentimentos e ideias por meio de gestos e atitudes, sem recorrer à palavra.

Pedagogia bilíngue

curso de licenciatura cujo objetivo é formar o educador bilíngue (Libras/Língua Portuguesa) apto a trabalhar com a educação de alunos surdos, em sua primeira língua e com metodologias de ensino adequadas.

Pedagogia visual

pedagogia que considera a forma de o surdo aprender, ensinar e construir conhecimento por meio da experiência visual.

Povo surdo

grupo de surdos com costumes, história e tradições em comum; que constroem sua concepção de mundo por meio de experiências visuais.

Segunda língua

qualquer língua que uma pessoa aprende após aprender a primeira língua.

SignWriting

sistema de escrita de línguas de sinais, criado em 1974, por Valerie Sutton; expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não manuais e os pontos de articulação que, combinados, constituem sinais escritos.

Sinais internacionais

Língua de Sinais artificial convencionalizada, utilizada especialmente em eventos ou competições internacionais. São incorporados sinais frequentes em diversas línguas de sinais e sinais icônicos.

Sinal-arte

sinais da língua de sinais utilizados para fins estéticos.

Sinal

item lexical, unidade da língua de sinais autônoma constituída de unidades fonológicas, morfológicas e semânticas.

Sinalário

obra que reúne o conjunto de expressões que compõe o léxico de determinada Língua de Sinais e/ou conjunto de sinais- termos de determinado texto em Língua de Sinais – recorrentemente utilizado para especificar um glossário/vocabulário em Língua de Sinais.

Sinalização

fala articulada em Língua de Sinais.

Sinalizante/sinalizador

expressão atribuída aos surdos e/ou ouvintes para adentrar a cultura surda como leitores falantes de línguas de sinais.

Surdo/a

pessoa que usa Língua de Sinais para se comunicar. Essa diferenciação com o ouvinte acontece pelo fato de o surdo não se comunicar por sons. Esse jeito diferente de ser produz a cultura surda, que comporta: Língua de Sinais, pedagogia surda (jeito surdo de ensinar e aprender), artes surdas, e história cultural, identidade, vida e experiências surdas.

Topicalização

fenômeno frequente na produção da Língua de Sinais; quando constituinte de uma oração, é deslocado para o início da frase; fenômeno estudado pela sintaxe das línguas de sinais.

Tradutor intérprete de Libras/Língua Portuguesa

profissional que realiza tradução/interpretação da Língua Portuguesa para a Libras e vice-versa, de maneira simultânea ou consecutiva, garantindo o direito linguístico dos surdos à acessibilidade, ao conteúdo e à comunicação.

Unidades mínimas das línguas de sinais

Configuração de mão: forma que a(s) mão(s) assume(m) durante a articulação do(s) sinal(is); *movimento*: trajeto que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço; *localização*: ponto no espaço/corpo em que a(s) mão(s) se encontra(m) no sinal; *orientação da palma*: direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. *Expressões não manuais*: expressões faciais e corporais que acompanham os parâmetros manuais modulando o significado.

Unidades temáticas

Uma estruturação adotada como um critério de organização dos *objetos de conhecimento* (“conteúdos”) de cada *componente curricular* (“disciplina”). Se apresentam no formato de grandes temas que organizam os componentes curriculares. As unidades temáticas funcionam como eixos pelo que se trata de temas que podem se manter ao longo dos anos escolares sendo progredido em complexidade na mudança dos seus objetos de conhecimento.

Sinais caseiros

crianças surdas sem acesso a uma língua padronizada costumam desenvolver sistema de sinalização caseira para se comunicar com suas famílias.

Sinais não verbais

no campo dos estudos sobre alfabetização em língua de sinais, os sinais não verbais se referem à sinalização típica de bebês surdos, especialmente caracterizada por apontamento e direcionamento de olhar não acompanhado de sinais específicos da Língua de Sinais do seu país.

Variações sociolinguísticas da Libras

variações de componentes da Libras no âmbito intralinguístico (lexicais,

fonológicas, semânticas etc.) e extralinguístico (etária, regional, socioeconômica etc.).

Visualidade surda

experiência visual dos surdos, que se desdobra em uso de Língua de Sinais; uso de pedagogia surda que especifica o jeito de ensinar para surdos e o jeito surdo de aprender; também, a linguagem corporal que evoca uma diferença no jeito de ver, descrever e narrar o mundo.



Equipe desta obra



Conheça, em ordem
alfabética, um pouco mais
os/as pesquisadores/as
responsáveis pelos
Referenciais para o ensino
de Língua Brasileira de
Sinais como primeira
língua na Educação
Bilíngue de Surdos

ARTISTA SURDO
HOMENAGEADO

Marcos Anthony –
Belo Horizonte, MG

Aline Lemos Pizzio



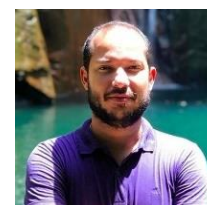
Sou ouvinte, bacharel em Fonoaudiologia pelo Instituto Metodista de Educação e Cultura (IMEC, 1997) e licenciada em Letras Língua Portuguesa e Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS, 2002). Fiz meu mestrado (2006) e doutorado (2011) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), desenvolvendo pesquisas relacionadas à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sou professora da UFSC desde 2010 e atuo no Programa de Pós-graduação em Linguística, na linha de pesquisa Língua Brasileira de Sinais, desde 2016. Atualmente, coordeno o Grupo de Estudos Linguísticos da Libras (GELL) e participo do Corpus de Libras, ambos cadastrados no diretório CNPq. Minha pesquisa atual está relacionada ao mapeamento de teses e dissertações na área de linguística das línguas de sinais em programas de pós-graduação no país. Paralelamente, atuo no desenvolvimento do Banco de Sinais da Libras, como parte do projeto de Documentação da Libras. Além disso, estou iniciando um projeto voltado para a aquisição de língua de sinais como segunda língua. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em linguística das línguas de sinais, trabalhando principalmente nos seguintes temas: aquisição de línguas de sinais, tanto L1 como L2; estudos linguísticos da Libras, principalmente aqueles voltados para morfologia e sintaxe; bilinguismo; e educação de surdos.



Bruno Gonçalves Carneiro



Sou ouvinte, professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Porto Nacional, no curso de Licenciatura em Letras-Libras e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Mestre (2012) e Doutor (2020) em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), graduado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012) e em Fisioterapia pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM, 2006). Integro o Grupo de Pesquisa Língua Brasileira de Sinais, Cultura, Literatura e Educação de Surdos, da UFT. Trabalho com os seguintes temas: tipologia de línguas de sinais, descrição da língua de sinais brasileira e educação de surdos.



Carilissa Dall'Alba



Sou surda, professora assistente de Libras do Departamento de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, defesa em 2020), mestra em Educação pela UFSM (2013) e graduada em Letras-Libras – Língua Brasileira de Sinais pela UFSC (2010). Tenho experiência na área de educação de surdos, letras, cultura, linguística, movimento social, política linguística e demais assuntos relacionados com a educação de surdos. Atuo em várias ações sociais relacionadas com a comunidade surda e sou ativista/militante do movimento surdo pelas melhorias da educação e da qualidade de vida do surdo. Coordeno o projeto de extensão e pesquisa Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul.



Carina Rebello Cruz



Sou ouvinte, graduada em Fonoaudiologia pela Federação de Faculdades Metodista do Sul. Formada em interpretação de Libras-Português/Português-Libras pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo (FENEIS) e pelo Núcleo de Pesquisas de Políticas Educacionais para Surdos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras-Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Doutora em Letras-Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, sou professora na UFRGS, do Departamento de Línguas Modernas, no Curso de Bacharelado em Letras, habilitação Tradutor e Intérprete de Libras (Libras-Português/Português-Libras), e no Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Psicolinguística.



Charley Pereira Soares



Sou surdo, graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes, 2008), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012), mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB, 2013) e doutorando em Linguística pela UFSC. Desde 2013, sou professor assistente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde leciono as disciplinas de Libras voltadas aos cursos de licenciaturas (presencial e a distância). Sou líder do Grupo de Pesquisas e Estudos Linguísticos (GPEL-Libras), tenho experiência e interesse por pesquisas na Libras que envolvam Lexicografia e Terminologia; Semântica e Pragmática; Linguística Textual; Multimodalidade; e Estudos Culturais e Linguísticos dos Surdos, atuando nas seguintes linhas de pesquisas: descrição e análise das línguas de sinais, e coesão e coerência das línguas de sinais – linguística textual sinalizada.



Cristiane Lima Terra Fernandes



Sou ouvinte, mulher, filha, irmã, esposa, mãe e amiga. Militante na comunidade surda. Profissionalmente, sou doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (2018), mestre em Educação Ambiental (2011), especialista em Educação de Surdos (2018), licenciada em Matemática (2015), bacharel em Ciências Contábeis (1997), capacitada para o Ensino de Surdos (2005) e técnica em Tradução e Interpretação da Libras (2006). Atualmente sou professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ministrando disciplinas na área da Libras. Fui idealizadora, cofundadora e primeira diretora da Escola Municipal de Educação Bilíngue Prof^a. Carmen Regina Teixeira Baldino (RS). Desenvolvo pesquisas na área da formação de professores bilíngues para atuação na educação de surdos e na produção de materiais bilíngues, bem como no aperfeiçoamento do currículo da Libras como primeira língua. Dentre minhas preferências temáticas, estão: constituição de identidades surdas, formação de tradutores e intérpretes da Libras, formação



docente para atuação na Educação Bilíngue de Surdos na perspectiva das Neurociências e currículo da Libras como primeira língua.

Débora Campos Wanderley



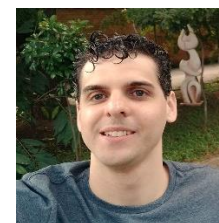
Sou surda, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenadora do curso de Letras-Libras Presencial. Pedagoga (2009), licenciada em Letras-Libras (2010), mestre (2012) e doutora (2017) em Linguística pela UFSC. Tenho experiência na área de Linguística, Tradução e Educação, com ênfase em Educação de Surdos, Libras e SignWriting, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de linguística, educação, escrita de sinais e tradução há mais de 10 anos de português para Libras/SignWriting. Membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP e as traduções do Enem 2018 e 2019 em Libras.



Elias Paulino da Cunha Junior



Sou surdo, doutorando (2017) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na linha de pesquisa Linguagem e Educação. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC). Mestre em Educação, stricto sensu, pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE-SP) na linha de pesquisa Políticas em Educação. Bolsista pela CAPES, franqueado com bolsa de estudo por meio do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP). Proficiência no Ensino da Língua Brasileira de Sinais (PROLibras em Ensino) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES-RJ). Lato sensu em Educação Bilíngue para Surdos, pelo Instituto Surdez, Educação, Linguagem, Inclusão (SELI)/Faculdade XV de Agosto (FAQ XV). Formação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela PUC-SP/Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC). Lato sensu pela PUC-SP em História, Sociedade e Cultura. Fui membro do Departamento de Pós-Graduação em Educação e Iniciação Científica pela UNINOVE-SP, e pela mesma instituição graduei-me em História (licenciatura), e em Pedagogia, pelo Instituto Brasileiro de Formação (IBF-SC)/Faculdade Integradas de Cruzeiros (FIC), e graduando em Letras-Literatura (licenciatura) pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Fui diretor da Associação dos Professores Surdos do Estado de São Paulo (APSSP), e atualmente sou professor pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e membro do Grupo de Trabalho de Libras (GT-Libras) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Tenho experiência na educação de surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: movimento político dos surdos; políticas educacionais para surdos; história e historiografia dos surdos; linguística em Libras; educação dos surdos e professores surdos.



Felipe Venâncio Barbosa



Sou ouvinte, graduado em Fonoaudiologia e doutor em Ciências da Reabilitação Humana, pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, sou professor doutor do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Atuo em atividades de ensino, pesquisa e extensão na graduação e no Programa de Pós-graduação em Linguística. Coordeno o Grupo de Pesquisa Língua de Sinais e Cognição (LiSCo), desenvolvendo pesquisas em colaboração com o Deafness, Cognition and Language Centre (DCAL), da University College London (Reino Unido), onde realizei estágio de pós-doutoramento, e com o Istituto Statale per Sordi Roma (Itália). Minha atuação tem foco na área de Linguística Clínica e Ciências Cognitivas, com atenção especial para estudos em processamento de linguagem, avaliação de linguagem e distúrbios de linguagem, voltados à Língua Brasileira de Sinais, assim como na área da Educação de Surdos, desenvolvendo atividades em parceria com escolas bilíngues da cidade de São Paulo e atuando na construção de currículos de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa para Surdos junto às Secretarias de Educação do Município de São Paulo e de Guarulhos.



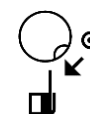
Francielle Cantarelli Martins



Sou surda, graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel, 2010), e em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, 2010). Especialista em Educação Inclusiva e mestra em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel, 2013), também doutora em Linguística pela UFSC (2018). Atualmente, sou professora adjunta de Libras na UFPel, coordeno o projeto de pesquisa Pedagogias Culturais Surdas: Educadores Surdos Refletindo sobre Práticas, Concepções e Possibilidades através da Tecnologia. Minha atuação tem foco na área de Linguística Aplicada e Educação com a Libras, assim como Educação de Surdos, Pedagogias Surdas e Terminologia em Libras.



Guilherme Nichols



Sou surdo, professor assistente na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), docente do Departamento de Psicologia (DPsi/UFSCar) atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP). Doutorando e mestre (2016) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2012). Tenho experiência na área de Letras com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura menor, literatura surda, Libras e educação de surdos. Aprovado em banca examinadora no Exame Nacional para Certificação de Proficiência na Língua Brasileira de Sinais – ProLibras UFSC/MEC. Fluente em American Sign Language (ASL).



Helene Schroeder Sanderson



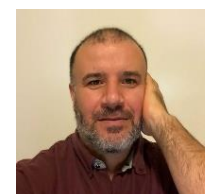
Sou surda, designer, professora de Libras e de Sinais Internacionais. Atualmente cursando o mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Concluí a graduação de Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2018). Sou pós-graduada em Libras e Educação Especial pela Faculdade Eficaz (2015). Graduada em Design Gráfico pela Universidade Paulista (Unip). Participo dos seguintes projetos da UFSM: Mãos Livres, Produções Culturais Surdas no Contexto da Educação Bilíngue para Surdos e Resgate Histórico de Movimento Surdo do Rio Grande do Sul. Editora, fotógrafa e cineasta. Diretora do Documentário *Inclusão, educação ideal?*, disponível no YouTube com mais de 20 mil visualizações.



Jair Barbosa da Silva



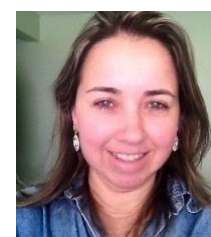
Sou ouvinte, formado em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2000), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2006) e doutor em Linguística também pela UFAL (2010). Sou professor da UFAL desde 2013. Atualmente exerço minhas atividades no curso de Letras-Libras licenciatura e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Faculdade de Letras da UFAL. Nesse programa, tenho atuado sobretudo com pesquisas e orientação envolvendo Libras, língua que constitui meu objeto de análise.



Juliana Lohn



Sou surda, graduada em Pedagogia a Distância pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2006), licenciada em Letras-Libras a distância pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2011) e especialista em Educação de Surdos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC, 2008). Tenho formação em Matérias Didático-bilíngues (Libras-Português) pelo IFSC (2012) e sou mestre em Educação (CED/UFSC, 2015). Sou professora assistente na área de Ensino/Aprendizagem de Libras na UFSC desde 2013. Atuo como pesquisadora e orientadora de iniciação científica no Projeto Inventário de Libras da Grande Florianópolis (2014) e como pesquisadora colaboradora no Projeto de Pesquisa Inventário Nacional de Libras (2015). Integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e integro o Projeto Documentação da Libras, ambos sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Sou coordenadora de Ensino de Libras na UFSC, na gestão de 2020 a 2022. Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Pedagogia, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, educação de surdos, comunicação em Libras, intérprete de Libras e aprendizagem de Libras. Tenho Certificação de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais – Libras na categoria usuários da Libras, surdos, com escolaridade de nível superior (2006).



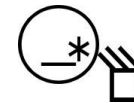
Kátia Lucy Pinheiro



Sou surda, professora adjunta do Departamento de Letras-Libras e Estudos Surdos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Colaboradora da Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Fortaleza (CE). Fui professora de Libras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutora em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2020), e pela mesma instituição, integro o Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Mestre em Educação Brasileira pela UFC (2012), tenho também licenciatura em Letras-Libras pela UFSC no polo UFC (2010) e em Pedagogia pela Centro Universitário Christus (Unichristus, 2006). Sou intérprete e tradutora de Língua Portuguesa para Libras e de duas línguas de sinais. Tenho experiência na área de línguas de sinais, com ênfase em estudos da tradução e interpretação, política linguística, sociolinguística, geopolítica, educação, literatura surda e formação para professores e tradutores e intérpretes, atuando nos seguintes temas: legislações, Libras, línguas de sinais, tradução e interpretação bilíngue e plurilíngue. Sou membro da ABRALIN e coordenadora do grupo de trabalho de tradutor e intérprete surdo e guia-intérprete surdo de línguas da Febrapils.



Marcos Luchi



Sou ouvinte com graduação em Letras-Libras (2012), mestrado (2013) e doutorado (2019) em Estudos da Tradução, ambos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou intérprete de/para surdos há 12 anos. Membro do projeto Inventário da Língua Brasileira de Sinais. Atualmente sou professor adjunto da UFSC, com experiência na área de Linguística e de Estudos da Interpretação/Tradução.



Maria Mertzani



Sou ouvinte, graduada em Bachelor of Arts em Filosofia e Educação pela Universidade Aristóteles de Salonica-Grécia (1999) e MPhil (2003), com doutorado (2009) em Linguística Aplicada pelo Centre for Deaf Studies, da University of Bristol. Atualmente sou professora visitante no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tenho experiência na área de Letras, no ensino e aprendizagem das línguas (como primeira e segunda língua), com ênfase nas línguas menos ensinadas (línguas de sinais, minoritárias e antigas), atuando principalmente nos seguintes temas de Linguística e Linguística Aplicada: currículo e conteúdos programáticos; línguas de sinais; métodos de ensino das línguas; materiais e aprendizagem visual; simbolismo da linguagem; *translanguaging*; e formação de professores. Sou líder dos projetos de pesquisa na FURG: INST 15 – Currículo de Libras como primeira língua (em Rio Grande); e PESQ 748 – Livros visuais para a aprendizagem das línguas.



Marianne Rossi Stumpf



Sou surda, graduada em Tecnologia de Informática pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2000), e em Educação de Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc, 2004). Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio na Universidade de Paul Sabatier e na Universidade de Paris 8 (2001-2005). Tenho pós-doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (2013-2014). Atualmente sou professora associada na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professora de Pós-graduação em Linguística na mesma instituição. Vice-líder do Grupo de Pesquisa de Estudos sobre o SignWriting registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), líder do Grupo de Pesquisa Léxico e Terminologia em Libras: Tradução, Validação e Tecnologia, registrado no CNPq (www.glossário.Libras.ufsc.br). Tenho experiência na Educação de Surdos, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores de Libras, escrita de sinais pelo sistema SignWriting, traduções, terminologia de Libras, sinais internacionais e formação de intérpretes de Libras. Vice-presidente da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils, 2019-2023), membro da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB/INEP) e das traduções do Enem 2017, 2018 e 2019 em Libras, e representante da Sign Language Linguistics Society (2019-2021).



Marilyn Mafra Klamt

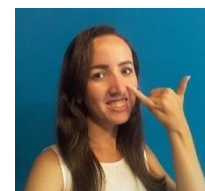
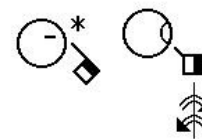


Sou ouvinte, professora adjunta na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Licenciada em Letras-Português e Literaturas (2003), mestre (2014) e doutora (2018) em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Sou pesquisadora assistente do projeto Sobreposição em Bilíngues Bimodais: Síntese de Línguas; do projeto Documentação da Libras; e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros. Também sou membro do Grupo de Pesquisa Literatura em Língua de Sinais, sob a coordenação de Rachel Sutton-Spence. Sou coordenadora do Projeto de Extensão Contação de Histórias em Libras e Português, desde 2020. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Brasileira de Sinais, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Brasileira de Sinais, literatura, educação de surdos e linguística das línguas de sinais.



Marisa Dias Lima

Sou surda, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2018), mestre em Linguística pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB, 2011), graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM, 2008) e graduada em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010). Tenho experiência na área de Libras com ênfase em aquisição, formação e ensino; e estudos surdos, tendo por enfoque o ensino de Português como segunda língua na modalidade escrita, ensino bilíngue, política linguística e política educacional. Faço parte de dois projetos de pesquisas vinculados ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ): Grupo de Pesquisas em Estudos da Linguagem, Libras, Educação Especial e a Distância e Tecnologias (GPELEDT); pesquisas na área de Libras, Linguística com ênfase em Libras, Educação Especial e Educação a Distância; e Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Práticas em Educação Especial e Inclusão (GEPEPES). Atualmente, sou professora adjunta na UFU.



Maurício Barreto Silva

Sou surdo, ilustrador, poeta em Libras e em escrita de sinais pelo sistema SignWriting. Professor de escrita de sinais na Associação de Surdos Centro Educacional Especializado de Jequié (Bahia). Para ver meus trabalhos, acesse: <<https://www.youtube.com/user/deafmauricio/videos>>



Rachel Sutton-Spence

Sou ouvinte, com graduação em Bachelor of Arts in Experimental Psychology pela University of Oxford (1987) e doutorado em Linguística Aplicada, Estudos Surdos pela University of Bristol (1995). Atualmente, sou professora de Letras-Libras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Estudos Literários, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, línguas de sinais, literatura surda, poesia e literatura sinalizada. Sou líder do Grupo de Pesquisa Literatura em Línguas de Sinais, na UFSC.



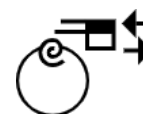
Ramon Santos de Almeida Linhares



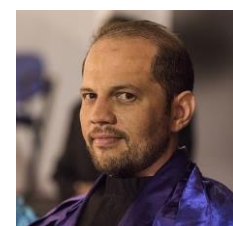
Sou ouvinte, mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC, 2019). Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), atuando como monitor da disciplina de Escrita de Sinais (SW). Licenciado em Educação Artística: Dança pela Faculdade Angel Vianna (2011), com pesquisa em produção de artistas surdos brasileiros, produções simbólicas do corpo e formas de registro do gesto. Técnico em Publicidade e Propaganda pelo Liceu de Arte e Ofícios do Estado do Rio de Janeiro (2006) e servidor público federal no cargo de Tradutor/Intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES/MEC). Atuo como diretor substituto no Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico gerenciando ações de pesquisa e extensão na Coordenação de Projetos Educacionais e Tecnológicos (COPET/DDHCT) do mesmo instituto. Membro da diretoria do Centro de Integração da Arte e Cultura dos Surdos (CIACS-RJ) e da comissão de assessoramento técnico-pedagógico em Libras da DAEB/INEP na supervisão de traduções do Enem em Libras nos anos desde 2017. Atualmente, realizo pesquisas nas áreas de Estudos Surdos, Estudos da Tradução, Filosofia da Linguagem, Arte e Cultura Surda, Movimentos Sociais Surdos e Educação Escolar Bilíngue de Surdos.



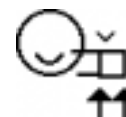
Rodrigo Nogueira Machado



Sou surdo, com bacharelado em Geografia pela Universidade Luterana do Brasil (2007), licenciado em Letras-Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2010), mestrado em Linguística pela UFSC (2016) e doutorando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL, 2018). Professor adjunto da Universidade Federal do Ceará (UFC), colaborador de pesquisa da UFSC e membro da Comissão de Assessoramento Técnico-Pedagógico em Libras do INEP/MEC. Tenho experiência na área de Letras, com ênfase em Libras, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras; sociolinguística; línguas em contato; interpretação e tradução; e sinais internacionais.



Ronice Müller de Quadros



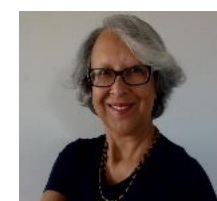
Sou ouvinte, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) desde 2002, e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ - PQ1C), com pesquisas relacionadas ao estudo das línguas de sinais desde 2006. Pedagoga (1992), mestre (1995) e doutora (1999) em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com estágio por 18 meses na University of Connecticut (1997-1998) e pesquisas voltadas para gramática da Libras e aquisição da Libras. Tenho pós-doutorado pela Gallaudet University e University of Connecticut (2009-2010) com pesquisas relacionadas ao desenvolvimento bilíngue bimodal (crianças usuárias de Libras e Português, e crianças usuárias de ASL e Inglês), com financiamento da NIH e do CNPQ (2009-2014), e pós-doutorado na Harvard University com pesquisas em línguas de bilíngues bimodais (Libras/Português e ASL/Inglês), com financiamento do CNPQ (2015-2016). Responsável pela consolidação do Núcleo de Aquisição de Línguas de Sinais (NALS) na UFSC com dados longitudinais e experimentais de crianças surdas e crianças ouvintes bilíngues bimodais desde 2002, e pelo Grupo de Pesquisa Corpus de Libras (desde 2014), integrante do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ que está vinculado aos projetos de pesquisas envolvendo a documentação de Libras. Coordeno a consolidação do Inventário Nacional de Libras que inclui vários subprojetos para composição da documentação da Libras, contando com financiamento do CNPQ e do Ministério da Cultura. Também faço parte do Projeto de Sobreposição de Línguas em Bilíngues Bimodais, que conta com financiamento parcial da National Science Foundation (NSF), em parceria com a University of Connecticut, relacionado com o projeto com crianças bilíngues bimodais. Tenho experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, aquisição da língua de sinais, bilinguismo bimodal, línguas de herança, educação de surdos e tradução e interpretação de língua de sinais



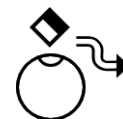
Shirley Vilhalva



Sou surda, professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Sou graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso (atual Universidade Católica Dom Bosco/UCDB), mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Campinas (DINTER/UNICAMP/UFMS). Docente da Faculdade de Educação da UFMS), membro da Equipe de Estudo de Libras, nas áreas de concentração: Língua Brasileira de Sinais, educação de surdo indígena, cultura surda e família bilíngue e amigos de surdo.



Simone Gonçalves de Lima da Silva



Sou surda, com graduação em Pedagogia a Distância para Surdos pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc, 2006), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC, 2008) e doutorado em Linguística Aplicada pela mesma instituição (2016). Tenho experiência na área de Educação com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Libras, ação docente, tradução e interpretação de Libras-Português, língua de sinais e cidadania. Sou líder dos Grupos de Pesquisa: Cultura, Educação e Tecnologias em Língua de Sinais (CETELS) e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação de Surdos (NEPES) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC); e membro do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Trabalho como professora de Língua Libras no IFSC, Campus Palhoça Bilíngue.



Sônia Marta de Oliveira



Sou ouvinte, pedagoga graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com especialização em Educação Infantil pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais de Minas Gerais/Newton de Paiva, doutora em Educação pela PUC Minas, cofundadora do grupo Coda Brasil, membro do Movimento Surdo de Educação Bilíngue no Estado de Minas Gerais, coordenadora pedagógica do curso de Libras do Curato Nossa Senhora do Silêncio da Pastoral do Surdo da Arquidiocese de Belo Horizonte e professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (atualmente na educação de jovens e adultos surdos).



Vanessa Regina de Oliveira Martins



Sou ouvinte, professora adjunta II na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atuando no curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP), atualmente coordenadora desse curso. Doutora (2013) e mestra (2008) em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Pedagogia com habilitação em Educação Especial pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP, 2004). Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Universidade Integrada Espírita (Atualize/Unibem, 2007). Docente do Departamento de Psicologia (Dpsi/UFSCar), docente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEs/UFSCar); coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi/UFSCar/CNPq). Pesquisadora colaboradora no grupo de pesquisa Surdez e Abordagem Bilíngue (UFSCar). Tenho experiência docente na área da Educação Bilíngue de Surdos (Educação Infantil e Ensino Fundamental I); na graduação e na pós-graduação (mestrado e doutorado); na formação de tradutores intérpretes de língua de sinais; na formação para educadores bilíngues de surdos e professores de Libras, bem como experiências como tradutora e intérprete de língua de sinais em diferentes esferas discursivas (intérprete generalista e educacional). Áreas específicas de estudos e pesquisas: filosofia francesa e Educação Bilíngue de Surdos.



ARTISTAS SURDOS/AS HOMENAGEADOS/AS NESTA COLEÇÃO

**Bruno
Vittal**

@brunovital_arte

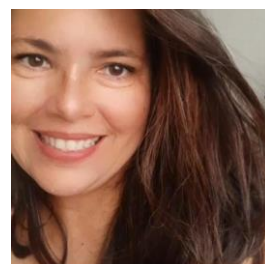


**Gabriel
Isaac**

@isflocos

**Candy
Uranga**

@elmundodecandyuranga



**Klima
Coutinho**

@kilma_coutinho

**Coletivo
Corpo
sinalizante**

@corposinalizante

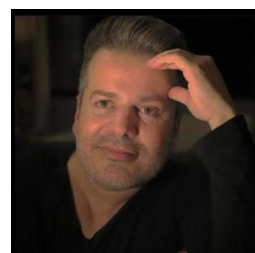


**Lucas
Ramon
"Tikinho"**

@ramonlucas028

**Fábio
Gonçalves**

@fotografo7fabio

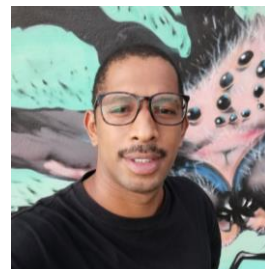


**Marcos
Anthony**

@marcosanthonyoficial

**Fábio
Sellani**

@fabio_sellani_tutti



**Ralph
Odrus**

@odrusone



EDITORA ARARA AZUL

Rua A, Condomínio Vale da União, casa 20, Araras, Petrópolis – RJ – Brasil. CEP: 25725-055.

Celular/WhatsApp:(24) 98828-2148 | E-mail: eaa@editora-arara-azul.com.br

www.editora-arara-azul.com.br



COLEÇÃO
Ensinar e aprender em
Libras

**Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais
como primeira língua na Educação Bilingue de Surdos:**
da Educação Infantil ao Ensino Superior

REALIZAÇÃO



APOIO



PRODUÇÃO



VOLUME 04

